BIZZ

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

JUNHO 89

EDITORA AZUL

MADONNA
NA INTIMIDADE
UMA HISTÓRIA VERDADEIRA ESTRELANDO MIKE TYSON E JACK NICHOLSON

DIRETO DE LONDRES
A VOLTA DO CURE
HOUSEMARTINS
ANTES E DEPOIS DO FIM
MARISA MONTE
DIVA POPULAR BRASILEIRA

R.E.M.
QUANDO O SUCESSO DE CRÍTICA VIRA PRESTÍGIO EM MASSA
EXCLUSIVA COM MICHAEL STIPE

LOU REED NO 'ENTREVISTÃO' • NICK CAVE NA 'CABRA CEGA' • LEGIÃO: O NOVO DISCO • VIOLETA DE OUTONO • AO VIVO: ANTHRAX • ROD STEWART • ULTRAJE A RIGOR

Agora DEFINITIVAMENTE no Brasil

Virgin

★ **WENDY & LISA**
Depois de acompanhar Prince na banda Revolution, a dupla WENDY & LISA lança mais um LP superfunk-dançante.

★ **SIMPLE MINDS**
Poucas bandas inspiram credibilidade como o "SIMPLE MINDS". No seu 1º LP de estudio em 4 anos, o grupo escocês traz preciosidades como "Mandela Day" e "This Is Your Land"

★ **ROY ORBISON**
Freqüentemente citado como importante influência para músicos diversos como Elvis Presley, John Lennon e Bono Vox, o lendário ROY ORBISON em 11 canções inesqueciveis, com participação de George Harrison, Jeff Lynn e Tom Petty.

★ **JULIAN LENNON**
Filho de roqueiro, roqueiro é. E como John, Julian também se destaca nos primeiros lugares das paradas. "Now You're In Heaven" alcançou o 1º lugar na Billboard e nas rádios da Europa.

★ **PAULA ABDUL**
O mais novo fenômeno dançante dos EUA e da Europa, a cantora e coreógrafa Paula Abdul, sacode as paradas com seu LP de estréia onde inclui o sucesso "STRAIGHT UP"

★ **THE CULT**
Em SONIC TEMPLE, THE CULT emerge com a marca furiosa e provocativa do rock clássico. Os fãs certamente vão delirar com faixas incendiárias como "FIREWOMAN" e "EDIE". Produzido por Bob Rock (Aerosmith, Bon Jovi).

★ **X.T.C.**
O 1º LP lançado no Brasil de uma das bandas mais conceituadas do mundo. 15 faixas em um álbum duplo, produzido por Paul Fox. Simplesmente do KCT!!!

★ **GARY MOORE**
Ex-integrante do "Thin Lizzy", o metaleiro Moore traz seu melhor trabalho solo até hoje. Peso, melodia e muita criatividade, nos dedos ligeiros de um grande guitarrista.

A EMI apresenta aos leitores da "BIZZ" os primeiros lançamentos do selo VIRGIN com o melhor da música internacional, no Brasil iguaizinhos aos originais.

Virgin EMI

SHOW BIZZ

POUCAS E BOAS I

Jon Bon Jovi e sua namorada, Dorothea Hurley, foram parar na cadeia no final de março. Jon foi preso quando cantava "God Save the Queen" numa pista de patinação no Central Park, em Nova York, às três da manhã — cinco horas após o fechamento do local ⊗ **Wayne Hussey** teve que se submeter a um operação, em conseqüência de fortes dores abdominais ⊗ **Sinéad O'Connor** casou-se com John Reynolds, baterista, na Inglaterra ⊗ Outra que sucumbiu ao matrimônio foi o vocalista do **Whitesnake, David Coverdale.** Ele se casou com a atriz Tawny Kitaen, na Califórnia ⊗ **Bill Wyman,** baixista dos **Rolling Stones** anunciou para este mês seu casamento com a modelo Mandy Smith, de 19 anos ⊗ **George Michael** compareceu completamente embriagado na cerimônia de entrega do prêmio Ivor Novello, em Londres. O cantor chegou a cair no palco, com uma garrafa de vinho na mão.

UM BIZARRO TRIÂNGULO MUSICAL

Ricardo Siqueira/Azul

Barney Sumner anda fazendo experiências com novos parceiros. A última delas aconteceu no final do mês de março, quando o vocalista do **New Order** passou três dias gravando com **Neil Tennant,** dos **Pet Shop Boys,** no estúdio caseiro de **Johnny Marr.** O ex-guitarrista dos Smiths também participou das sessões — que funcionaram como uma espécie de teste para uma possível colaboração no disco solo de Barney, ainda sem prazo de lançamento. Em entrevista à *New Musical Express,* Neil afirmou que as bandas sempre cultivaram uma admiração mútua, embora nunca tivessem trabalhado juntos. "Claro que nós sempre gostamos do que o New Order faz, embora não tenhamos sido diretamente influenciados por eles." Depois das gravações, Barney partiu com o New Order para uma turnê pelos Estados Unidos, que será encerrada em julho com um grande concerto em New Jersey, ao lado dos **Sugarcubes** e do **PIL.** Enquanto o solo de Barney não vem, os fãs do New Order podem correr atrás de mais um *Substance* lançado pelo grupo no mercado. Desta vez, trata-se de um vídeo de 45 minutos com os clips produzidos entre 1983 e 1988.

MO TUCKER CONTRA-ATACA

Maureen Tucker, ex-baterista do **Velvet Underground,** acaba de se apresentar pela primeira vez em solo britânico. Os shows marcaram o lançamento do LP *Life In Exile After Abdication* (o terceiro solo de Mo), que conta com as participações de **Lou Reed** e do grupo **Sonic Youth.** O álbum inclui uma regravação de "Pale Blue Eyes", do Velvet.

EMI-Odeon

A VOLTA DOS BEATLES

Paul McCartney, George Harrison e **Ringo Starr** tocarão juntos para ajudar os parentes das vítimas de Sheffield. A tragédia ocorreu no dia 15 de abril, quando 95 torcedores morreram durante um jogo entre o Liverpool e o Nottingham Forest. A iniciativa partiu de Harrison, que convocou ainda outros músicos de Liverpool para a gravação do compacto com "Ferry Across the Mersey", de Gary Madison.

Enquanto isso, McCartney prepara-se para lançar mais um LP, *Flowers in the Dirt,* que deve sair por aqui ainda neste mês, traz como convidados **Elvis Costello** (que compôs com Paul a faixa "My Brave Face"), **Dave Gilmour** e **Robbie Mcintosh** (Pretenders). Para os fãs locais, um detalhe especial: uma faixa dedicada a Chico Mendes.

UMA QUESTÃO DE VIDA OU MORTE

Até o fechamento desta edição, ainda não se tinha encontrado uma solução para o impasse entre gravadoras e governos estaduais — que vão decidir se as companhias manterão ou não a isenção do ICM concedido desde 1969 pelo governo federal. Durante todo esse tempo, as gravadoras têm utilizado o dinheiro que caberia ao ICM para investimentos em artistas nacionais. O problema é que a Constituinte extinguiu isenções de origem federal, passando a responsabilidade para os estados. Depois de Moreira Franco, governador do Rio, declarar-se favorável à isenção, os músicos aguardam um encontro com Orestes Quércia — já que São Paulo e Rio centralizam a produção de discos no país. Se a isenção for extinta, as conseqüências recairão sobre a produção nacional, com diminuição de investimentos, demissão de músicos de estúdio e concentração em lançamentos internacionais, de custo menor.

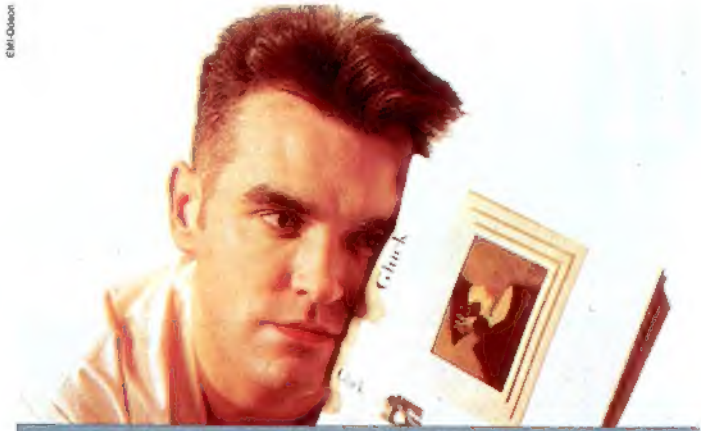
Michael Putland/Retna

WHO VOLTA COM TOMMY

Confirmado: o Who comemora seus vinte e cinco anos de estrada com uma turnê de 35 shows nos EUA, que será aberta com uma apresentação especial de *Tommy* no Radio City Music Hall, em Nova York, no dia 27 deste mês. A ópera-rock será apresentada também em Los Angeles, com astros convidados — entre eles, a *acid queen* Tina Turner.

VINIL FRESCO I

Revelado o mistério: quem canta com **Les Pattinson, Will Sergeant** e **Pete de Freitas** no primeiro compacto solo dos ex-Bunnymen são **Cindy Wilson** e **Kate Pierson,** do **B-52's** ⊗ **Prince** compõe várias faixas para o primeiro álbum solo de **Cat,** cantora e dançarina que atuou com ele nas turnês *Sign'O'The Times* e *Lovesexy.* A produção será do próprio Prince ⊗ *The Burning World* é o nome do novo LP dos **Swans** ⊗ **Os Pretenders** acabam de lançar seu primeiro vinil com Johnny Marr, o compacto "Windows of the World" ⊗ **D.A.F., Y-Mai Deutschland** e **Einstürzende Neubauten** estão entre as bandas reunidas numa coletânea *Deutschland Strike Back.* O álbum documenta as primeiras gravações desses grupos, além de trazer material mais recente de outras bandas alemãs ⊗ *Oranges and Lemmons* é o nome do novo álbum (duplo) do **XTO** ⊗ **Van Morrison** acaba de lançar um novo LP, desta vez sem os Chieftains. O título é *Avalon Sunset* ⊗ Já saiu o segundo disco da banda americana **Pixies.** Chama-se *Doolittle* ⊗ **Os Pogues** estão com disco novo na praça. *New* tem produção de Steve Lillywhite (U2, Simple Minds) ⊗ **O Durutti Column** acaba de lançar seu nono LP, que leva apenas o nome de *Vini Reilly.* Detalhe: a versão em CD traz a participação muito especial de **Morrissey,** co-autor da faixa "I Know Very Well How I Got My Note Wrong".



EMI-Odeon

LIBERADA A DROGA DE MORRISSEY

Chegou ao fim a briga entre **Stephen Street** e a EMI inglesa. Street — produtor e co-autor das faixas de *Viva Hate* — retirou a ação contra a gravadora que impedia o lançamento do compacto "Interesting Drug", de **Morrissey.** O produtor havia declarado que a ação tinha o objetivo de pressionar o cantor, que não havia providenciado ainda o seu pagamento pela produção de *Viva Hate.* Street desmentiu, porém, a notícia — divulgada pela imprensa britânica — de que os dois não trabalhariam juntos novamente. Com o lançamento do compacto — que tem como convidado **Kirsty MacColl** (vocais), além de **Neil Taylor** (guitarra), **Craig Gannon** (guitarra), **Mike Joyce** (bateria) e **Andy Rourke** (baixo) —, resta saber agora o destino do vídeo promocional, que esteve ameaçado de boicote pela TV britânica. O vídeo é um manifesto em defesa dos animais, mostrando focas ensanguentadas e estudantes libertando animais de laboratório, munidos de estiletes.

A atitude de Street serviu, porém, para detonar os boatos de que haveria outros insatisfeitos. Os três ex-Smiths, por exemplo, estariam descontentes com o pagamento pelas gravações do novo LP de Morrissey. Gannon, por sinal, estaria ainda ressentido com o tratamento recebido durante o curto período em que integrou os **Smiths** — ele entende que deveria ter recebido o crédito pela composição de "Ask". Apesar de toda a controvérsia, é quase certo o lançamento, em setembro, do segundo álbum solo de Morrissey.

SHOW BIZZ

A DESORDEM DE ROD

Rod Stewart deixou um rastro de violência em sua passagem pela América Latina. Os maiores incidentes aconteceram no México: mais de setecentas pessoas lotaram as apresentações de Monterrey e da capital mexicana. Antes disso, Rod havia enfrentado problemas no Uruguai, Venezuela (onde o show foi cancelado) e no Brasil, em conseqüência das manifestações de repúdio dos grupos negros ao cantor, que tocou na África do Sul em 1985. Ao final da turnê, Rod preferiu comentar o sucesso no México (quatro shows superlotados). "O México tem melhor gosto musical que outros países latino americanos."

Bati Kleinert/Azul

SINÉAD O'CONNOR

WEA

SINÉAD E BJORK JUNTAS???

É o que tudo indica. A irlandesa Sinéad O'Connor e a islandesa Bjork — as duas mulheres que mais freqüentaram as páginas da imprensa musical em 1988 — gravaram um duo num estúdio em Paris. Não se sabe ainda se a faixa sairá em compacto ou se integrará o novo LP de Sinéad, em fase de gravação. Outra possibilidade é o álbum dos Sugarcubes, para o qual já estão gravadas dezenove faixas — o lançamento está previsto para setembro. Antes disso, Bjork e os cubinhos de açúcar excursionam pela União Soviética, partindo depois para a Europa, onde abrem alguns shows para o Cure.

MORTE À VISTA

O vinil tem seus dias contados. É o que prevê a *Rolling Stone*, baseada em dados recolhidos junto a lojas e gravadoras dos EUA. No ano passado as vendas de CDs cresceram 31%, enquanto o vinil teve uma baixa de 33%. Todas as grandes redes de lojas estão tirando gradualmente os LPs das prateleiras. Ao mesmo tempo, as maiores gravadoras começam a lançar novas coletâneas apenas no formato CD. Mas até agora ninguém se arriscou a anunciar o lançamento do disco de algum pop star apenas em CD. Segundo as donas de gravadoras, isso é apenas uma questão de tempo.

Divulgação

RICO ASTLEY

O cantor **Rick Astley** é mesmo o mais bem-sucedido produto da linha dos produtores Stock, Aitken e Waterman. Astley é o único artista na história da música pop a vender dez milhões de cópias de um mesmo disco num período inferior a um ano — no caso, seu LP de estréia, *Whenever You Need Somebody*. E não pára por aí: Astley é o responsável pela música-tema do próximo filme de James Bond, *007 — Permissão Para Matar*, que estréia neste mês por aqui.

VINIL FRESCO II

Simon Le Bon, Bono e **Jon Anderson** participam de um álbum em benefício dos índios americanos. O disco sai neste mês e chama-se *Requiem for the Americas* ⊗ **Boy George, Aswad** e **Mike Rutherford** (Genesis) estão entre os artistas que se reuniram para a regravação de "What's Going On", de **Marvin Gaye**. O dinheiro arrecadado com o compacto será revertido para as vítimas do terremoto da Arménia, ocorrido no ano passado ⊗ **Debbie Harry** está lançando seu segundo álbum solo: *Deaf, Dumb and Blonde* ⊗ **Bob Mould**, ex-líder do **Hüsker Dü**, lança seu primeiro solo. Chama-se *Workbook* ⊗ Os **Stiff Little Fingers** estão lançando um duplo ao vivo. O título é *St. Patrix* ⊗ Será lançado no final do ano um álbum duplo ao vivo de **Michael Jackson**.

EMI Odeon

A RESSURREIÇÃO DE BOWIE

David Bowie acaba de lançar seu primeiro LP como líder da banda **Tin Machine** (e não Teen Machine, como tinha sido publicado na última edição). Tocando com Bowie, o guitarrista **Reeves Gabriels** e os irmãos **Tony** (baixo) e **Hunt Sales** (bateria), ambos da banda que vinha acompanhando **Iggy Pop**.

LLOYD COLE EM CARREIRA SOLO

Fim da linha para o grupo escocês **Lloyd Cole and the Commotions**. A banda se despede com a coletânea *1984 — 1989*, além de um compacto com um remix de "Forest Fire". Os rumores sobre a separação datam do ano passado, quando Cole andou gravando com outros músicos em Nova York — entre eles, **Peter Buck**, guitarrista do **R.E.M.** Agora, ele prepara seu primeiro solo, com produção de Fred Maher — que produziu *New York*, com **Lou Reed**.

POUCA SE BOAS II

Já está marcado o início da turnê norte-americana que marca o retorno dos Rolling Stones: quatro de setembro. Para abrir os shows, que serão acompanhados por um novo LP, estão cotados Guns'n'Roses, INXS ou ainda Living Colour ⊗ O Simply Red tem um novo guitarrista: é o brasileiro Heitor T.P., que toca com a banda em sua excursão pelos Estados Unidos. Heitor foi convidado pelo produtor Stewart Levine, que o conheceu durante as gravações de um LP de Ivan Lins ⊗ Grace Jones passou dois dias encarcerada numa cela de Kingston, Jamaica. Ela foi pega em flagrante com dezoito gramas de cocaína na bolsa e enfrenta agora um processo por porte de drogas. É provável, porém, que ela tenha apenas que pagar uma pequena multa em vez de voltar para a prisão ⊗ O Big Country teve que cancelar os últimos shows de sua turnê pela Inglaterra. O motivo foi o péssimo estado de saúde de Stuart Adamson, comprometido pela asma ⊗ Um incêndio destruiu o estúdio que ficava na farmácia de Chuck Berry, nos Estados Unidos. Entre as perdas, uma fita master com treze músicas inéditas ⊗ Roy Orbison é o primeiro cantor depois de Elvis Presley a colocar dois discos póstumos no quinto lugar da parada americana: *Mystery Girl* e *Travelling Wilburys* ⊗ Pepeu Gomes andou arriscando alguns solos de guitarra em território americano. Pepeu, anunciado como "o Jimi Hendrix brasileiro", tocou em Miami, Nova York, Boston, Los Angeles, São Francisco e Nova Jersey.

TIM MAIA CONDENADO EM PROCESSO DE PLÁGIO

BMG Ariola

Tim Maia foi condenado no final do mês de março em um processo de plágio movido por Neusa da Silva Costa. Segundo a sentença, Tim é obrigado a entregar à vítima metade da renda de um show realizado no dia 25 de março na Apoteose, Rio de Janeiro. Neusa alega ser a autora de "Réu Confesso", registrada em seu nome pela editora Irmãos Vitale em 74 e incluída no quarto LP de Tim. O cantor, porém, tem outra explicação: na época, ele teria procurado a editora para publicar a música, mas esta teria insistido em editar todo o LP. "Eu não concordei e eles arrumaram esse senhora. Eu nunca vi essa mulher." A solução final do processo — que vinha se arrastando há catorze anos — dará a Neusa uma quantia de aproximadamente quinze mil cruzados. Tim, em contrapartida, está processando o pessoal da *Cassete Popular*, pela imitação do cantor na faixa "Mãe é Mãe", do disco *Preto com um Buraco no Meio*. Além do processo, Tim pretende compor uma música-resposta, chamada "Branco com um Buraco na Testa".

SHOW BIZZ

SUSPENSO O MÉDICO DE BRIAN WILSON

Ilpo Musto / LFI

Eugene Landy, o psiquiatra responsável pela volta do ex-beach boy **Brian Wilson** ao vinil no ano passado, acaba de ter sua licença médica suspensa por dois anos, em um julgamento no estado da Califórnia. Abordado pela imprensa, Landy negou que a razão da sua punição fosse seu envolvimento sexual com uma paciente californiano — mas admitiu que prescrevia drogas de maneira ilegal. A conduta de Landy já havia sido alvo de polêmica quando do lançamento do LP *Brian Wilson*, em que o psiquiatra aparece como compositor e vocalista, além de produtor executivo e empresário. A relação de Landy com Brian Wilson (que se submeteu a uma terapia de cinco anos controlada pelo psiquiatra), porém, não chegou a ser mencionada durante o julgamento que suspendeu a sua licença.

NEUBAUTEN NO BRASIL

Quem desembarca no Brasil na primeira semana de outubro é o grupo alemão Einstürzende Neubauten, o mais importante do rock industrial. Sua chegada será precedida pelo lançamento, aqui, do sexto LP, ainda em fase de gravação.

BIBLIOTECA

Depois de Caetano, agora é a vez de Chico Buarque ganhar o seu song book. São dois volumes com todas suas letras, acompanhadas por partituras ⊗ Foi lançado lá fora mais uma biografia de Bob Dylan. Bob Spitz é o autor de *Dylan: A Biography* ⊗ Aretha Franklin está escrevendo sua autobiografia. O título é *From Gospel to Pop* ⊗ Danny Sugerman acaba de publicar sua autobiografia. Ele foi um dos autores de *No One Gets Out of Here Alive*, a mais completa biografia dos Doors. Em *Wonderland Avenue*, Danny conta detalhes sobre sua relação com a banda, além de seu envolvimento com drogas ⊗ A turnê *Human Rights Now!* ganhou seu diário oficial. O livro, de autoria de James Henke, traz textos introdutórios de Sting e Peter Gabriel.

JUNHO NO ROCK

1/06/50 — A Decca Records introduz o Long Playing na Inglaterra
1/06/67 — Os Beatles lançam *Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band*
3/06/87 — Kid Creole & The Coconuts iniciam sua segunda turnê brasileira
8/06/69 — Brian Jones deixa os Rolling Stones
11/06/88 — Acontece o Free Mandela Concert, no Wembley Stadium de Londres
16/06/67 — Abertura do Monterey International Pop Festival, na Califórnia
16/06/82 — Morre James Honeymoon Scott (Pretenders)
17/06/87 — O PIL inicia turnê pelo Brasil
19/06/83 — O Kiss inicia turnê pelo Brasil
21/06/48 — A Columbia Records lança o disco long play
22/06/1846 — Adolph Sax registra a patente do seu invento, o saxofone
29/06/69 — O Jimi Hendrix Experience toca pela última vez, em Denver

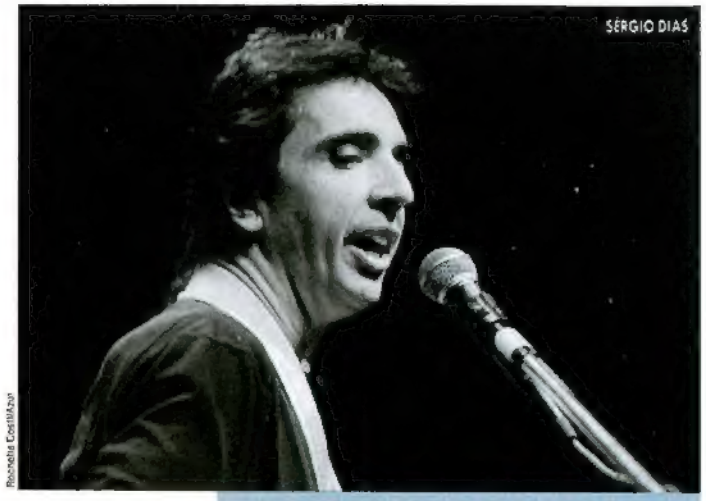
Z Vivanco / Azul

BLUES IN RIBEIRÃO

Acontece este mês em Ribeirão Preto, São Paulo, o primeiro festival de blues realizado no Brasil. Os shows acontecem entre os dias 15 e 18 de junho, no Ginásio Cave do Bosque, que tem capacidade para cinco mil pessoas. Os organizadores já confirmaram as presenças de Etta James, Buddy Guy e Junior Wells — todos já conhecidos do público brasileiro. Entre os nacionais, participam do festival o grupo Blues Etílicos e André Christóvam. Estão previstas ainda atrações internacionais inéditas — entre as prováveis, Magic Slims e Albert Collins.

NAS TELAS

Os Ramones compõem a música-tema do filme *Pet Sematary*, baseado num romance de Stephen King. A direção é de Mary Lambert ⊗ Stewart Copeland (ex-Police) escreve a trilha de *Talk Radio*, o novo de Oliver Stone (*Platoon*) ⊗ Tina Turner acaba de marcar um papel no cinema. Ela foi convidada para o papel principal num filme sobre sua vida... ⊗ Os Temptations estão em estúdio gravando várias canções para o novo filme de John Candy (*Antes Só do que Mal Acompanhado*) ⊗ A carreira de Ray Charles poderá ser vista em breve no cinema. O filme será o primeiro projeto da produtora de Taylor Hackford (*La Bamba*) ⊗ Está em fase de produção um novo documentário sobre Woodstock. Este contará com trechos das apresentações de Janis Joplin e Creedence Clearwater Revival, ausentes no filme original.



SÉRGIO DIAS

Rosinelle Costa/Azul

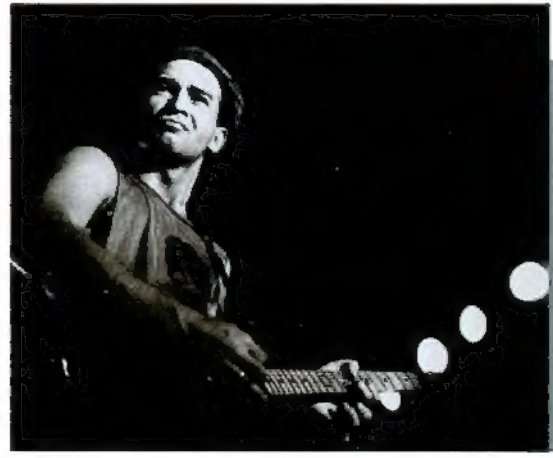
O RETORNO DO MUTANTE

Depois de três anos afastado dos palcos brasileiros, o ex-Mutante **Sérgio Dias** lança vida do rock supremo, acelera dar uma carga para os novos garotos e mostrar um pouco da sua habilidade na guitarra, dando uma prova a mais das razões por que é considerado um herói do seu instrumento. O local escolhido foi o Aeroanta — templo juvenil de São Paulo — no dia 18 de abril. Para segurar a onda, chamou músicos da primeira linha — **Alsor** (bateria), **Coquinho** (baixo), **Glauco Segebi** (teclados) — que o acompanharam em um repertório variado, tocando desde clássicos dos **Mutantes** como "Ando Meio Desligado" e "Balada do Louco" até um embalinho funk da banda inglesa **Simply Red**.

Sérgio — que está gravando nos Estados Unidos com **Phil Manzanera** (ex-guitarrista do Roxy Music, chegado em música latina) — deixou todo mundo de boca aberta com sua perfeição técnica e feeling, fazendo a felicidade geral da moçada — com saudade de um show de rock executado por dois instrumentos.

HERÓI DA CLASSE TRABALHADORA???

Bruce Springsteen perdeu uma batalha legal contra dois ex-empregados, envolvendo questões como salário mínimo e horas extras. Michael Batlan e Doug Sutphin revelaram ainda que Bruce costuma cobrar multas dos empregados por cada erro cometido. Tentando salvar a imagem do *boss* — que declarou "que a música é um mundo diferente" —, seu advogado comentou: "Bruce certamente está 1001% a favor dos trabalhadores".



PARALAMAS DEPREDADOS

No dia 18 de março, Brasília foi mais uma vez palco de uma batalha entre roqueiros. Dessa vez, a confusão aconteceu depois de uma apresentação dos **Paralamas do Sucesso.** Mais de cem ônibus foram depredados e um motorista foi ferido por uma das pedras jogadas pela multidão — "sem motivo algum", segundo um dos diretores da empresa responsável pelos veículos. De acordo com os motoristas presentes ao local, a depredação começou antes do show, promovida por "gangues" que cercavam o local e que não enfrentaram qualquer resistência policial. O empresário dos Paralamas, José Fortes, declarou que o show transcorreu normalmente e que a banda só tomou conhecimento dos problemas pelos jornais.

BLACK & BROWN IS BEAUTIFUL.
BLACK & BROWN
top plus
Top Plus lança Black & Brown, uma coleção de calças, jaquetas, saias e camisas todinha em preto e marrom onde o black é beautiful e o brown também.
top plus
A roupa que valoriza seu corpo.

JUNHO 89

Depois de várias tentativas frustradas, José Emílio Rondeau finalmente conseguiu o que parecia impossível: o inacessível Michael Stipe, vocalista e letrista do R.E.M., daria uma entrevista à BIZZ. "Acho que ele mudou de idéia por se tratar de uma revista brasileira", disse Melanie Ciccone, irmã de Madonna e elo entre o escritório da Warner em Nova York e o resto do mundo. O *tour manager* da banda, Larry White, deveria ligar para José Emílio em Los Angeles e combinar a hora da entrevista. Era uma sexta-feira e White não ligou. José Emílio cansou de esperar e partiu para o seu fim de semana nas montanhas. Mas, com seu agudo senso de dever, ele não sossegou enquanto não checou as mensagens da secretária eletrônica. Lá estavam uma dúzia de telefonemas de White que acabava com um ameaçador: "Você quer ou não esse entrevista?" Felizmente, José Emílio resolveu o mal-entendido e falou com Stipe. Uma semana mais tarde, começou outro calvário. Celso Pucci, que estava encarregado de escrever a introdução da matéria, estava levando numa maleta a entrevista quase pronta para acabar no fim de semana, este na praia. Os demônios estavam à solta: a maleta foi roubada. Desespero, arrancar de cabelos, ranger de dentes... Tudo de novo. Los Angeles foi novamente conectada e um fax resolveu o assunto. A pátria e a entrevista estavam salvas.

Fotos da capa: WEA

Madonna Louise Ciccone saiu de sua cidade natal aos 18 anos e chegou em Nova York disposta a "ser alguém". Uma década depois, ela conquistou um lugar próprio no ranking das estrelas da música pop e abre caminho na carreira de atriz. Madonna não tem do que reclamar: é "alguém", sem sombra de dúvida. O lançamento de seu último clip ainda acrescentou mais polêmica à sua imagem. Mas, para além desta faceta pública, quem é Madonna? O repórter **Harry Crews** a acompanhou durante três dias atrás desta resposta. **Marisa Monte** não precisou sair de sua cidade. Em um curto espaço de tempo, ela saltou diretamente das aulas de canto para os jornais como a nova revelação feminina da música popular brasileira. Antes mesmo de gravar um disco ela já suscitava comentários de todos os tipos. Como se constrói um fenômeno destes do dia para a noite? Seria Marisa apenas um fogo de artifício, que faz barulho e brilha com intensidade para depois desaparecer sem deixar traços? Outros destaques desta edição: a volta do **Cure,** depois de dois anos de silêncio, e a última parte da história da **Legião Urbana.**

SHOWBIZZ ____ 4
VITRINE VIVA ____ 16
PARADA ____ 20
MADONNA por Harry Crews ____ 22
MARISA MONTE por Sônia Maia ____ 28
CURE por Anamaria G. de Lemos ____ 30
LEGIÃO URBANA por Sônia Maia ____ 36
R.E.M. por José Emílio Rondeau ____ 42
LOU REED (Entrevista cedida pela WEA) ____ 47
HOUSEMARTINS por Anamaria G. de Lemos ____ 56
VIOLETA DE OUTONO por Marisa Adán Gil ____ 60
LIVING COLOUR por Anamaria G. de Lemos ____ 64
CABRA CEGA Nick Cave ____ 69
AO VIVO R.E.M., Ultraje, Nick Cave, Luni, Rod Stewart ____ 72
DISCOS Sonic Youth, New Order, Womack & Womack, Chaka Khan ____ 83
LETRAS "There Is No Time", Lou Reed ____ 94
CARTAS ____ 96
DISCOTECA BÁSICA '77, Talking Heads ____ 98

Som preto e branco.

Este som foi produzido originariamente em pret
e branco, com direito a chiados e alguns riscos
Mas, já que você vê em cores, está na hora de
virar a página e ouvir em cores também.

Som a cores.

Novo Digi-Laser Philco-Hitachi com programação de até 24 músicas.

É impossível não dar ouvidos à tecnologia Philco-Hitachi.
Por isso estamos lançando o novo Digi-Laser PDA-6000. O único compact disc player do mercado que tem memória com capacidade para programação de até 24 músicas. Tem leitura laser de feixe triplo, sem chiados. Puro laser, puro fazer. Localização do Index sem riscos. E Direct Search System (sistema de procura direta).
O Digi-Laser PDA-6000 valoriza cada nota musical. E cada nota que você investir nele. Vem com 1 ano de garantia total. Vá conhecer no revendedor mais próximo o novo Digi-Laser PDA-6000. A sua emoção nunca ouviu nada igual, nem tão colorido.

Care
(011) 800 8130 DDD GRÁTIS
GRANDE SP 241-6965

PHILCO - HITACHI
TODA EMOÇÃO DO MUNDO EM SUAS MÃOS.

Kid Abel

1989 ficará definitivamente na história como o ano em que o rock brasileiro redescobriu o Brasil. Essa mistura já vem se dando através dos tempos desde os precursores Mutantes, Raul Seixas, Novos Baianos, passando pelos já tradicionais "novos" roqueiros tipo Legião Urbana, Plebe Rude e Picassos Falsos. Mas só veio a atingir o seu ponto X com a nova safra de bandas como Skowa & a Máfia, com seu funk-samba, A Vingança de Montezuma e seu caldeirão infernal de ritmos e o sarro científico dos Mulheres Negras. Não existe melhor tradução do momento que vivemos do que a banda paulista **Moleque de Rua,** uma mistura rock'n'roll anos 70, pagode, escola de samba, hip-hop e rock industrial promovida por 10 caras — com idade entre 9 e 29 anos — oriundos da Vila Santa Catarina, que aliam baixo e guitarra roqueiros à montanha sonora que a moleca-da tira de seus kits construídos com latas velhas, pinicos e frigideiras. Tudo sob o jugo pesado de dois surdos, no melhor estilo da marcação do samba de avenida.

À frente, dois cantores que aliam a malandragem do pagode à verborragia dos MC's e dos repentistas. Nas letras não dão perdão à realidade miserável do país, desferindo profundas estocadas na moral burguesa com letras fortes como "Quem não faz um gol/porque não joga bola/bem de manhãzinha já vai pedir esmola... É noite de Natal e eu fico olhando o céu/esperando a hora/de assaltar o Papai Noel". O mentor dessa demência urbana é Duda (29 anos), guitarrista, compositor, letrista, arranjador e o articulador original da banda.

Tudo começou, segundo Duda, a partir da "necessidade de criar alguma coisa nova que traduzisse nossa verdade, mais o lado da curtição da molecada em detonar sua batucada apenas com o que tinham de instrumentos ao seu alcance, ou seja, um monte de latas". O Moleque de Rua, antes de ser um grupo musical, é uma família integrada em torno da procura do novo e da diversão. A rapaziada, toda da mesma zona, mistura a arte ao seu cotidiano, levando seu convívio de muitos anos para o palco. Seus shows mais parecem uma festa de amigos comemorando o quanto conseguem entender da bagunça do mundo de sua cadeira cativa na periferia de uma das maiores cidades do planeta.

Liliane Guerra

Viva a Gorda, um programa de auditório que não vai ao ar em lugar nenhum, surgiu há um ano. A idéia básica é mostrar que existe muita coisa boa sendo feita em Porto Alegre. Para montar essa "vitrine viva" quinzenal, a Gorda — a atriz Eliana Steinmetz (foto) — usa linguagem de teatro e televisão, com muito escracho, júri com direito a ser vaiado e atrações que vão desde Atahualpa y os Panques até o mais recente gênio do acordeão vindo de algum remoto povoado dos confins do Rio Grande do Sul.

Atualmente apresentando-se no Teatro Presidente, sempre com casa cheia, o Gorda vê-se ameaçada de despejo. Embora não faltem esforços da produção para vender a idéia a alguma emissora de TV, não existe nenhuma proposta concreta ainda.

Quase despencando do dial, a FM Brasil 2000 vem oferecendo aos paulistanos uma real alternativa em rádio. Nos 107,3 MHz é possível ouvir uma programação bastante variada, que percorre o rock de todas as épocas, blues, MPB, pop brasileiro, samba etc etc. Segundo o diretor artístico Roberto Maia, o principal critério da programação é "diversidade, sem nenhum compromisso com qualquer tipo de vínculo comercial, que privilegie grupos que tenham contas a prestar apenas para a sensibilidade". A rádio é mantida pela Faculdade Anhembi-Morumbi, que montou todo o estúdio, e funciona também como "laboratório" para os alunos de Comunicações.

Nos meios musicais paranaenses não se fala em outra coisa a não ser nas chamas do inferno provocadas pela primeira coletânea de rock do Paraná, *Cemitério dos Elefantes*, do selo Vinil Urbano. Uns dizem que não passa de um pau-de-sebo, outros afirmam que será a salvação da cena roqueira do estado das araucárias. Enquanto o blablabla corre solto, as bandas, que ao vivo lascam pua e levam os fãs para a contradança, merecem uma pequena apresentação.

O Beijo AA Força mostra o seu som cortante com "Diário de um Palestino" e "Homem de Ferro". Já os **Ídolos de Matinée** pregam uma revolução em "Vamos Separar os Estados Unidos" e fecham o papo com "O Inimigo (O Come Cru)". Os **Boas Garotas Vão para o Inferno,** que já provocaram muita polêmica com seu nome, têm músicas que refletem sua mudança de rumo: "Nunca Adormeça" e "Alice Não Mora Mais Aqui". O intrigante **Tessália,** que tem uma sonoridade entre Cocteau Twins e Felt, chega com "Falset" e "Melila". Por fim, o **Pós Meridion,** que só foi incluído quando o disco estava praticamente pronto, solta o seu peso em "Saudade" e "Senhor dos Senhores". Agora é só esperar o Brasil dar ouvidos ao som dos paranaenses.

Ricardo Siqueira/Abril

O "sombrio e cavernoso" **Nick Cave** e seus exóticos **Bad Seeds** superaram as expectativas. Não só por causa dos shows, que estão entre os melhores já vistos no Brasil. Nick e sua trupe foram gentis e pacientes com a imprensa e com os fãs de uma maneira um tanto incomum em se tratando de bandos de rock. Os camarins da Projeta SP eram uma festa (no sábado, o empresário Rayner Jessem chegou a abrir os portas): todos estavam disponíveis para conversas, autógrafos, fotos e tietagens em geral. Depois dos shows, não era difícil encontrar um ou outro bad seed pela cidade. O Retrô, em São Paulo, virou o ponto de encontro predileto.

Nick Cave se mostrou absolutamente satisfeito com os shows: "Eu adorei os shows e o público. É um público quente, receptivo, inteligente, honesto, sincero, interessado, bonito, tem bom gosto e estilo. Na verdade, o que o público brasileiro tem é carisma. Eu nunca tive esse tipo de experiência em qualquer outro lugar". O tecladista Roland Wolf acrescentou: "Nós ficamos entusiasmados com os shows, o público e pela maneira como fomos tratados. Essa atitude super-receptiva do público nos fez dar o melhor de nós". Até Mick Harvey (foto), que se manteve o tempo todo mais distante e reservado, fez comentários positivos: "Os shows foram interessantes. O país é muito legal. Eu gostaria de voltar". Isso, segundo Nick Cave, não deve demorar: "Nós voltaremos ao Brasil no turnê do próximo disco, o que acontecerá provavelmente em fevereiro".

Eugênio Sávio/Abril

Uakti, segundo uma lenda da tribo Tucano, era um monstro que produzia sons suaves quando o vento atravessava seu corpo esburacado. Como isso atraía as mulheres, os homens ficaram enciumados e o mataram. No lugar onde o monstro foi enterrado nasceram três palmeiras que foram transformadas pelos índios em instrumentos musicais. **Uakti** é também o nome do grupo mineiro que constrói seus instrumentos a partir de cabaças, pedaços de vidro, madeiras, tubos de PVC, segundo as técnicas de Walter Smetak.

O Uakti já gravou quatro discos, e uma coletânea foi editada em 1987 pela Verve, nos Estados Unidos. Paul Simon ficou tão impressionado com o som dos mineiros que acabou aportando por aqui em março. Resultado: três colaborações com o grupo, uma delas com direito a canja de Naná Vasconcelos. Sem gravar desde 1984, eles estão de volta com *Mapa* (Visom), que inclui a música que fizeram em parceria com Milton Nascimento, "Dança dos Meninos". O Uakti participa de vários LPs de Milton e o acompanhou em uma turnê pela Espanha. Neste mesmo ano, eles fizeram uma série de shows pela costa oeste dos Estados Unidos como convidados especiais do grupo Manhattan Transfer.

Um safári antropológico e musical da moderna África é o que o Brasil estará vendo através da Rede Manchete de 5 a 9 deste mês. **African Pop** pretende não apenas retratar o cenário musical como também incluir um panorama cultural mais amplo, aspectos da vida urbana dos grandes metrópoles africanas, o confronto entre tradição e modernidade. A produção é da Metavídeo, a direção fica a cargo de **Belisário Franca** e coube a **Hermano Vianna** o roteiro e as entrevistas.

Foram sete semanas de filmagem com uma equipe de oito pessoas que passaram por Lagos, na Nigéria; Kinshasa, no Zaire; Dakar, no Senegal; e Paris, onde está a maioria das gravadoras e do público. Hermano e equipe também incluíram Salvador no trajeto. Não se espantem, portanto, ao encontrar Gerônimo ao lado de Mory Kanté ou Cheb Khaled.

AQUI, CÃO QUE LATE NÃO MIA.

A Gradiente está com uma novidade que vai fazer todas as pessoas que gostam de vídeo abanar o rabinho. Ela está lançando Impact, o primeiro estéreo vídeo system do país. A união do som estéreo com a imagem perfeita vai dar emoção à sua TV até nos intervalos comerciais.

Agora, quando o cachorro late no filme, seu vídeo não mia. Quando a mocinha ri, seu vídeo não choraminga. O Impact Stereo Video System é formado por um gravador videocassete e duas caixas acústicas amplificadas. Se você não vai tirar os ouvidos deste vídeo Gradiente, muito menos vai tirar os olhos dele. Sua imagem é tão perfeita quanto seu som.

Veja aqui mais algumas das inovações do Impact Stereo Video System.

- Grava e reprodu: fitas em estéreo com sistema Dolby de redução de ruído.
- Stereo Decoder para a recepção de programas de TV transmitidos em estéreo, com sistema SAP (Second Audio Program) para audição, no idioma original, da trilha sonora de alguns filmes dublados. Transforma qualquer aparelho de TV normal em estéreo.
- Caixas acústicas SAS-30 Stereo Active Speaker System com amplificador estéreo incorporado de 90W PMPO (20W RMS) de potência.

- Sistema On-Screen Display, apresentando na tela de TV o acionamento das principais funções, inclusive o menu do timer para programação via controle remoto.
- Realce de imagem e controle de nitidez (Sharpness), timer para a programação de 6 eventos em 14 dias, tuner para sintonia de 110 canais VHF e UHF, 32 memórias programáveis e perfeita transcodificação NTSC/PAL M, garantindo cores mais reais.
- Controle remoto infravermelho unificado para as funções do videocassete e das caixas acústicas, como volume, graves, agudos, loudness, mute e reset.

Até que enfim um fabricante de vídeo também deu ouvidos para o áudio.

Este fabricante só podia ser a Gradiente.

IMPACT STEREO VIDEO SYSTEM.

gradiente
A melhor imagem do melhor som.

Produzido na Zona Franca de Manaus.

DPZ

PARADA ... OR

10 (R) *Você Não Precisa...* — Capital Inicial (PolyGram)
11 (4) *Substance* — New Order (WEA)
12 (6) *Ouça o Que Eu Digo...* — Engenheiros (BMG-Ariola)
13 (10) *Psicoacústica* — Ira! (WEA)
14 (R) Ed Motta e Conexão Japeri (WEA)
15 (R) *Children* — The Mission (PolyGram)
16 (3) *Big Thing* — Duran Duran (EMI-Odeon)
17 (9) *Stay On These Roads* — A-ha (WEA)
18 (N) *The Singles* — Depeche Mode (WEA)
19 (14) *MM* — Marisa Monte (EMI-Odeon)
20 (N) *Crescendo* — Ultraje a Rigor (WEA)

Convenções

( ) Indica a posição na parada anterior
(N) Indica novidade na parada
(R) Indica retorno à parada

Leitor! Sua participação é importante na Parada BIZZ!
Escreva para a BIZZ, Caixa Postal 60081 CEP 05096, dizendo quais os discos que você comprou este mês. Acrescente seu nome, endereço e telefone, para que possamos voltar a consultá-lo.

1 (7) *Eletric Youth* — **Debbie Gibson** (Atlantic)
2 (2) *Don't Be Cruel* — **Bobby Brown** (MCA)
3 (3) **Travelling Wilburys** (Wilbury)
4 (N) *Loc-Ed After Dark* — **Tone Loc** (Delicious Vinyl)
5 (N) *Mystery Girl* — **Roy Orbison** (Virgin)
6 (10) *Forever Your Girl* — **Paula Abdul** (Virgin)
7 (1) *Appetite for Destruction* — **Guns n'Roses** (Geffen)
8 (4) *Shooting Rubberbands* — **Edie Brickell** (Geffen)
9 (N) *Hangin' Tough* — **New Kids on the Block** (Columbia)
10 (N) *Vivid* — **Living Colour** (Epic)

1 (3) *A New Flame* — **Simply Red** (Elektra)
2 (4) *Anything for You* — **Gloria Estefan & MSM** (Epic)
3 (N) *101* — **Depeche Mode** (Mute)
4 (N) *Deep Heat* — **Varios** (FM)
5 (N) *Stop!* — **Sam Brown** (A&M)
6 (N) *Cheek to Cheek* — **Varios** (Telstar)
7 (7) *Southside* — **Texas** (Mercury)
8 (N) *Ancient Heart* — **Tanita Tikaram** (WEA)
9 (N) *Like a Prayer* — **Madonna** (Sire)
10 (N) *Unforgettable 2* — **Varios** (EMI)

1 (N) *Playing With Fire* — **Spacemen 3** (Fire)
2 (1) *Technique* — **New Order** (Factory)
3 (N) *101* — **Depeche Mode** (Mute)
4 (9) *Superfuzz Bigmuff* — **Mud Honey** (Blast First)
5 (N) *Ecstasy and Wine* — **My Bloody Valentine** (Lazy)
6 (5) *Hunk Papa* — **Throwing Muses** (4AD)
7 (N) *3 Feet High and Rising* — **De La Soul** (Big Life)
8 (N) *Never Another Sunset* — **Rose of Avalanche** (Avalanche)
9 (0) *Daydream Nation* — **Sonic Youth** (Blast First)
10 (N) *The World Keeps Turning* — **Razorcuts** (Creation)

1 (N) "Eternal Flame" — **The Bangles** (Columbia)
2 (N) "Girl You Know It's True" — **Milli Vanilli** (Arista)
3 (N) "The Living Years" — **Mike & The Mechanics** (Atlantic)
4 (N) "The Look" — **Roxette** (EMI)
5 (N) "My Heart Can't Tell You No" — **Rod Stewart** (Warner Bros.)
6 (6) "Lost In Your Eyes" — **Debbie Gibson** (Atlantic)
7 (N) "Paradise" — **Guns n'Roses** (Geffen)
8 (N) "Walk the Dinosaur" — **Was (Not Was)** (Chrysalis)
9 (N) "She Drives Me Crazy" — **Fine Young Cannibals** (RS)
10 (N) "Stand" — **REM** (Warner Bros.)

1 (N) "Like a Prayer" — **Madonna** (Sire)
2 (N) "Too Many Broken Hearts" — **Jason Donovan** (PWL)
3 (N) "This Time I Know" — **Donna Summer** (Warner Bros.)
4 (N) "Straight UP" — **Paula Abdul** (Siren)
5 (N) "Help!" — **Bananarama** (PWL)
6 (N) "Keep on Movin'" — **Soul II Soul** (10)
7 (8) "Stop!" — **Sam Brown** (A&M)
8 (3) "Love Changes..." — **Michael Ball** (Really Useful)
9 (N) "Paradise City" — **Guns n'Roses** (Geffen)
10 (N) "I'd Rather Jack" — **Reynold Girls** (PWL)

1 (N) "Round and Round" — **New Order** (Factory)
2 (N) "Too Many Broken Hearts" — **Jason Donovan** (PWL)
3 (N) "The Power of Lard" — **Lard** (Alternative Tentacles)
4 (N) "Hey Music Lover" — **S'Xpress** (Rhythm King)
5 (6) "I'd Rather Jack" — **Reynold Girls** (PWL)
6 (N) "Ticking Time Bomb" — **Tackhead** (World)
7 (N) "Everything Counts" (Live) — **Depeche Mode** (Mute)
8 (N) "Monkey Gone to Heaven" — **Pixies** (4AD)
9 (N) "Touch Me I'm Sick" — **Sonic Youth** (Blast First)
10 (N) "Never Stop" — **Front 242** (RRE)

Lojas consultadas: **Cámbio Negro** (Belo Horizonte), **Modern Sound** (Rio de Janeiro), **Baratos Afins**, **Bossa Nova**, **Devil Discos**, **Mu[illegible] Box**, **Yabba [illegible] Doo** [illegible] Paulo)
Fontes: Billboard e Cash Box (EUA), Melody Maker e New Musical Express (GB), de ° a 29.04/89. Para a *Parada do Leitor* foram consideradas as cartas recebidas até 30/04/89

Foto: Alberto Tosi

TRÊS DIAS NA VIDA

MADONNA está de volta, reacendendo a polêmica que sempre a envolveu, com o LP *Like a Prayer* e uma nova imagem. Ao mesmo tempo, suas entrevistas começam a ficar cada vez mais raras e a pessoa por trás dessa imagem, mais remota. Eis aí a força desta reportagem feita por *Harry Crews*, para a revista *Time Out*, que acompanhou a cantora — ainda às vésperas do divórcio de Sean Penn e das gravações do novo disco — em três ocasiões: uma luta de Mike Tyson, uma apresentação de *Speed The Plow* (a estréia de Madonna no teatro) e uma visita ao apartamento nova-iorquino recém-comprado por ela. Uma rara visão pessoal de La Ciccone

Faça alguma coisa, Lou", disse Madonna Louise Ciccone, erguendo as costas do banco traseiro da limusine.

Lou, um guarda-costas quase careca e de ombros monstruosos com uma tendência a soar em bicas, virou-se do banco dianteiro, onde estava sentado ao lado do motorista — e olhou para ela com amabilidade.

Uma longa fila de limusines, às centenas, se esticava à frente do hotel e cassino Trump Plaza, em Atlantic City, onde Mike Tyson e Michael Spinks estavam prestes a se enfrentar no centro de convenções, para o prazer de Madonna, Sean Penn e eu, mais vinte mil almas, além dos incontáveis milhões que acompanhariam, ao redor do planeta, a transmissão via satélite.

"Pelamor de Deus, faça alguma coisa", Madonna repetiu.

O que Lou deveria fazer não estava totalmente claro. Estávamos presos num congestionamento de limusines. Esse fato parecia não ocorrer a Madonna. *Ela* tinha chegado porra! Ela sabia aonde queria ir, o que queria fazer e não estava preparada para esperar por ninguém ou por nada.

Madonna deixou a cidade de Rochester, no estado de Michigan, na direção de Nova York aos 18 anos de idade, carregando apenas uma mala e um coração escaldado pela ambição de ser alguém. Chegou junto com um milhão de joões-ninguém na peregrinação anual ao santuário do poder brutalmente indiferente, sujo e selvagem, que é a ilha de Manhattan. Uma década depois, estava casada com um ator charmoso, de bilheteria garantida e totalmente imprevisível, chamado Sean Penn, tinha mais dinheiro do que ela mesma conseguiria contar, uma casa em Malibu e um apartamento no Central Park. Ela possui ainda um coração escaldado pela ambição, um coração não saciado e insaciável que continuará com seu desejo ardente de ação até o momento em que a primeira pá de terra cair sobre seu caixão.

* * *

Estamos nos aproximando do salão de baile do centro de convenções, onde somos convidados de uma festa privativa de Donald Trump. Há uma massa de pessoas sendo esmagada no passeio que leva ao prédio principal. Quando o carro vai estacionando e Madonna se torna visível através da janela, um grande rugido estoura da garganta coletiva da multidão.

Ms fucking fans", ela diz, e na sua boca a palavra *fans* parece muito mais obscena do que o baixo calão que a precede.

Pela primeira vez, noto o incrível número de homens e mulheres com câmeras de um tipo ou de outro penduradas em seus ombros e pescoços. Como se obedecessem a um sinal, todas se erguem e disparam num único flash de luz quando Madonna sai do carro e toma o braço de Sean.

Uma vez lá dentro, deixamos para trás uma histeria de pesadelo enquanto a multidão de fotógrafos consegue romper o cerco dos seguranças de Trump e vêm com a gente. O segurança de Madonna lidera e nós seguimos, mas Lou não sabia por onde poderíamos escapar do oceano de flashes espocando. Finalmente nos esquivamos por uma porta dos fundos para dentro de um elevador, e daí, um andar abaixo, onde permanecemos dentro do elevador com Lou postado diante da porta aberta. Em algum ponto do caminho, recolhemos uma funcionária do cassino de Trump. Madonna já está fora de si, cheia de raiva e transbordando de irritação.

Por que essa *fucking* gentalha tem entrada permitida onde estão os convidados?", ela exige saber.

Eles não deveriam estar aqui, mas...

Para onde eu vou? O que faço? Não acredito que Donald Trump tenha feito isso. É escandaloso.

A funcionária respondia cheia de desculpas. "Não há nenhum quarto vago no hotel. Mas tenho uma sala de reuniões onde talvez vocês possam ficar.

Quando estamos saindo, Warren Beatty e Jack Nicholson — este com uma garrafa de cerveja na mão, usando seus óculos escuros marca registrada — estão entrando no elevador.

Cara, você não devia subir por aqui!", avisa Sean.

Para o inferno!", responde Nicholson.

Está um hospício!", Sean insiste. "Deixaram entrar os fotógrafos!

Vamos nessa", diz Nicholson. "Vamos para a festa!

Em vez da festa, nós descemos por escadas e corredores traseiros e ficamos na sala de reuniões, onde Madonna fica comendo pipoca até o momento de começar a luta.

De todas as celebridades sentadas na boca do ringue — e quase todo mundo de quem já ouvi falar parece estar lá, incluindo Jesse Jackson e Richard Pryor —, é Madonna quem encabeça a lista dos "procurados". Ela não gosta disso nem um pouco.

De repente, quem aparece é o próprio Donald Trump, que vem na direção dela.

"Tenho lugares melhores para vocês se sentarem", ele diz.

Não podemos ir", rebate Madonna. "Estou com um convidado.

"Vá em frente", eu digo. "Este lugar aqui está ótimo para mim. Tudo bem.

Ainda assim Madonna recusa. Não podemos. Ele é meu convidado.

Trump põe a mão no meu ombro. "Vamos lá. Está tudo bem!

Assim, nós três — com Trump à frente — descemos até a fileira situada diretamente diante do ringue. É só Trump acenar para um fulano de smoking, que ele aparece com mais duas cadeiras. Trump diz que eu posso ficar duas fileiras atrás de Sean e Madonna, mas eles não aceitam isso. Sean acaba ficando com Madonna em seu colo e ela faz um sinal para eu me sentar na cadeira ao lado.

Mais tarde, eu diria a ela que não teria havido nenhum problema em me deixar onde eu

estava inicialmente sentado.

"Você teria me deixado se eu fosse sua convidada?", ela pergunta.

"Bem..., nao, mas..."

"Eu também não deixo meus convidados sozinhos."

Quando Spinks é derrubado, nos saimos levados pelo infatigável Lou. Enquanto esperamos o carro para escapar, somos forçados a ficar numa cozinha. Assim que as portas de aço se fecham às nossas costas, o silêncio reinante é como um mergulho submarino.

E então que, dos cantos escuros da cozinha, surgem seis ou sete rapazes, todos latinos ou negros, vestidos com aventais sujos e sapatos gastos.

"Você poderia nos dar um autógrafo?", um deles pergunta, passando um guardanapo de papel e um lápis bem mascado para ela.

Ela para um minuto, chateada, cansada, fica olhando para o guardanapo e aí diz: "Claro, é caro."

Foram os primeiros e últimos autógrafos que ela daria a noite inteira. Depois, eu pergunto por que.

Aqueles caras que trabalham aí nos fundos, na cozinha, não vêem quase nada. Estão apenas fazendo um trabalho sujo. Com certeza não assistiram nem à luta, certo? E não chegaram como chega a maioria das pessoas, que vem *exigindo* autógrafos. É essa impertinência que me irrita mais que tudo. E eu não a senti neles, nem um pouco."

A limusine leva três horas até Manhattan. Madonna coloca uma fita para tocar e vem cochilando com a cabeça no colo do marido. Na chegada ao Parker Meridien Hotel, eu agradeço e digo boa-noite.

"Você vem à peça amanhã à noite", ela diz.

"Estarei lá."

"Vou mandar alguém vir te buscar."

"Isso não será necessário."

"Mesmo assim, eu vou mandar."

"Nesse caso, obrigado."

* * *

Na noite seguinte, às 19h30, a secretária pessoal de Madonna, uma garota animada chamada Melissa, vem me pegar e me entrega a Lou, que me leva para dentro do teatro Royale, onde a peça de David Mamet, *Speed the Plow* — ou, como ela ficou universalmente conhecida, "a peça da Madonna" —, está sendo encenada.

Com o teatro lotado, o burburinho zumbia baixinho uma única coisa: Madonna... Madonna... Madonna.

Eu sou um grande admirador do trabalho de Mamet, mas *Speed the Plow* é altamente deficiente. O personagem de Madonna é a base de tudo, e sua caracterização faz ainda menos sentido dramático do que a peça como um todo. Ainda assim, eu a achei excepcional, dado o material que tinha para trabalhar.

Nesse momento, ela está sentada, com um ar dos mais pensativos, quando entro em seu camarim, atrás do palco.

"As vezes me sinto como se estivesse na cadeia", ela diz. "É a monotonia, antes de mais nada. E ter de fazer a mesma coisa todas as noites. A gente acorda de manhã e, mesmo se tem a tarde livre, ainda tem de fazer tudo isso no fim do dia — é assim. Nunca me senti tão estacionada em toda a minha vida.

"Quando estou na estrada, fazendo meu próprio show, tudo muda a cada dia — é uma cidade diferente, é um sentimento diferente que vem da plateia, porque as pessoas são sempre diferentes, não importa aonde você vá — e sempre há algum estímulo novo para atiçar meu interesse. Depois, é o *meu* show. Posso tomar grandes liberdades e fazer o que eu quiser. Não dá para fazer isso aqui. Estou interpretando a obra de outra pessoa no mesmo teatro, no mesmo horário, toda noite, na rua 45. Sou seguida na ida e na volta, todos os dias. Me sinto como se estivesse lutando em uma batalha perdida, batendo com a cabeça na parede. E faz um calor de quase quarenta graus todos os dias nesta cidade de merda."

Talvez, penso, tudo não tenha passado de uma má idéia, uma armadilha em que ela caiu. Com certeza... Não foi ela que foi atrás desse papel por iniciativa própria?

Eu fui atrás dele como uma alucinada. Estava almoçando um dia com um grupo de pessoas, e uma delas era um diretor que acabou mencionando que David Mamet tinha acabado de escrever uma peça nova. Eu já era fã dele, então comecei a atormentar meus agentes e todo mundo que eu conhecia. Acabei me encontrando com o diretor e com Mamet e finalmente compareci a uma leitura da peça. Lemos em uma sala, aí mudamos para outra e lemos outra vez, e aí me levou para uma terceira sala e lemos tudo de novo. Aí fiquei pensando: Jesus-*fucking*-Christ, será que estão me passando pelo moedor, ou o quê?

Um dia, finalmente o diretor me ligou e disse: 'David gostou muito de você'. E eu: 'Isso quer dizer o quê?' E ele: 'Bem, ele não esperava gostar de você'. 'Bem, OK', eu disse, 'e o que isso significa?' 'Ele está pensando sobre o assunto. Está num momento significativo de seu biorritmo e vai tomar uma decisão'. Estavam só me testando, dá para entender? Enfim, ele acabou ligando para mim algumas horas depois e perguntou se eu queria mesmo fazer a peça. Foi assim que eu consegui e, acred te-me, foi um trabalhão."

O que havia nesse papel específico que a atraiu tanto?

"A personagem é tão diferente de mim, se veste de um modo tão diferente, aceita as baixarias dos outros de um modo tão diferente de mim. Era exatamente o tipo de coisa que eu precisava fazer, porque até então tudo o que as pessoas diziam — a respeito do meu trabalho de atriz — era 'ela está apenas fazendo seu próprio papel'. Tudo bem, eu disse, se é assim, vou passar uns seis meses fazendo um papel que não é o meu. É sinto como se fosse uma espécie de calvário, esta peça. Mas, se você me perguntasse se eu faria tudo outra vez, eu responderia que sim, com certeza, adoraria repetir a experiência. Mas acho que preferiria fazer uma peça em que não estivesse tão cercada de personagens misóginos e cheios de ódio pelas mulheres, um papel que tivesse mais vida e ânimo. E também preferiria uma temporada mais curta."

Ela se levanta, pronta para deixar o teatro. Lou aparece no corredor para nos levar até o carro. Quando ele abre a porta dos fundos, lá estão os onipresentes fotógrafos com seus flashes ofuscantes e, por trás deles, os fãs, empurrando os fotógrafos com a esperança de vê-la, tocá-la.

* * *

A próxima vez em que a vejo, algumas semanas depois, Madonna está na sala de seu apartamento, que ela ainda não terminou de decorar. Extenso espaço, pé-direito altíssimo, com uma imensa lareira, cujas laterais são ocupadas por prateleiras parcialmente carregadas com livros. Uma janela aberta dá para o Central Park, onde as copas das árvores formam um tapete verde ondulante sob o pesado ar do verão. Ela veste jeans cortados e uma camisa, o cabelo descuidado, quase embaraçado e preso com um grampo. Ela vem me mostrar uma pintura de Frida Kahlo, esposa do muralista mexicano Diego Rivera.

O quadro fica num pequeno corredor que dá entrada para o apartamento e possui uma impressionante aura de pesadelo. É uma mulher nua, deitada, e a cabeça de um bebê emerge do vão entre suas pernas. Ela está só, sem ninguém para ajudá-la em seu trabalho de parto. Dá para perceber que o bebê está morto.

"O título é 'Meu Nascimento'", Madonna conta. "Frida Kahlo sofreu muito toda sua vida e esta pintura é sobre isso: como sobreviver e aprender a lidar com a dor e a dureza da vida. Sinto uma atração por esse tipo de gente, que leva uma vida dessas e ainda por cima consegue criar a partir dela — seja por problemas emocionais ou físicos, e Frida Kahlo tinha os dois. Era a louca, casou-se com um louco que a torturava constantemente e pagou caro por isso."

Ela vai até uma estante e tira uma biografia da pintora, folheando-a até achar uma foto.

[redacted]

"Eu a amo", ela diz, olhando para o retrato. "Tenho mesmo um interesse todo especial por tudo que seja sobre as tristezas da vida, a solidão, que é a última essência da vida. Isso pode até soar besta, mas é verdade.

Eu morava num galpão arrebentado que estava condenado. Daria um bom armazém ou até uma fábrica, mas não tinha água quente — não tinha nem um chuveiro. Tive de acabar saindo dali porque também não tinha aquecimento. Estávamos no auge do inverno e eu dormia no chão, cercada por latões cheios de jornal, em que punhamos fogo. Acordei um dia rodeada de chamas altíssimas. Dei um pulo e saí correndo para a rua, de camisola e sapatos."

Eu sempre penso em tudo isso. Me sentia como se estivesse acampando no meio do mato, durante sete anos. Nunca tinha dinheiro, nunca recebia nenhuma ajuda e provavelmente foram essas condições de vida que me tornaram tão durona, essa sacana gelada que todos pensam que eu sou." Ela faz uma pausa, da uma olhada em volta do apartamento e outra para a bela vista do Central Park e sorri. "Mas tinha de ser assim, porque aqui estou eu."

Assim mesmo, o sucesso não deixa de ter seu lado amargo.

O pior é a falta de privacidade, não poder sair a pé pelas ruas sem ser importunada, a perda do anonimato. É uma faca de dois gumes. Eu cresci dizendo que queria ser alguém. Fiz tudo para parecer diferente, me vestindo diferente, tentando ser diferente. Finalmente, quando se consegue aquilo que a gente ficou a vida inteira procurando, aí você passa o resto da vida tentando se esconder. É muito esquisito. Mas é o que acontece. Você anda na rua com os olhos no chão. Se calhar de olhar para alguém, é encrenca na certa.

"Mas não há alternativa. A não ser mudar de vida, mudar de profissão. O único jeito seria me mandar para o campo e morar numa fazenda, ordenhando vacas o resto da minha vida.

"Isso, porém, eu jamais faria. Passei dezessete anos rezando para conseguir fugir do interior e não quero voltar.

Fico me perguntando qual é a extensão do olhar que ela projeta para o futuro, o que ela acha que vai estar fazendo daqui a cinco anos, por exemplo.

Ela sorri, mas sua voz assume aquele tom enfático, frio e cheio de segurança que sempre vem à tona quando ela começa a falar sobre seu próprio trabalho. "Estarei fazendo tudo o que já venho fazendo, a única diferença é que ficarei cada vez melhor. O que faço é deixar correr o fluxo da criatividade, leve onde levar. Não existem muitos filmes legais para fazer, o que é bom para mim, já que há dois anos não gravo um disco.

Com a experiência teatral já para trás, Madonna preparava ainda as canções de seu último disco, *Like a Prayer*, junto a Stephen Bray e Pat Leonard, seus parceiros habituais.

Com tudo isso, seu interesse principal e foco de energia é forçar o mundo a enxergá-la como ela mesma se vê.

"Eles pensavam que um acordar um dia e eu teria ido embora. Mas eu não vou sumir assim. Eles continuam acordando e eu continuo aqui. Isso os deixa tremendamente irritados. No começo, pensavam que eu era apenas uma moda passageira, uma bonequinha de um único sabor, consumível e descartável. Com o passar do tempo, fui mostrando outras facetas, uma após a outra. A cada uma delas, eles achavam que tinham finalmente me compreendido e catalogado — aí eu faço algo diferente. Demorou uma eternidade para que percebessem que eu era capaz de compor e que tenho uma contribuição a dar para o mundo da música. Arrasaram meus dois primeiros álbuns. Finalmente, com o terceiro, disseram: OK, ela realmente tem talento, sabe fazer uma canção legal. Agora estou enfrentando o mesmo desafio no teatro e no cinema. Para ser aceita como atriz, vou simplesmente ter de trabalhar duro, fazer o que tenho de fazer, sem dar ouvidos aos picuinhas profissionais. É assim que funciona. Foi assim que sempre funcionou."

O CANTO DA SEREIA

MARISA MONTE caiu como uma bomba no cenário musical brasileiro. Vinda não se sabe de onde, ela imediatamente ganhou as primeiras páginas dos cadernos de variedades, apresentada por padrinhos do calibre de Nelson Motta e Sérgio Augusto. Da noite para o dia só se falava em Marisa Monte, uma cantora muito jovem que alia técnica a um repertório eclético. Alçada ao posto de revelação número um, a moça tanto mereceu o deslumbre dos entusiasmados quanto o pé atrás dos céticos. Baixada a primeira poeira, está na hora de colocar os pingos nos iis: quem é Marisa Monte?

Marisa começou bem cedo. Aos quatorze anos, ela participou da montagem de Miguel Falabella de *Rock Horror Show*, no Rio. A partir desta experiência, ela começou a estudar canto. Até os dezessete anos, Marisa tinha sérias intenções de se tornar a primeira cantora de ópera brasileira de projeção internacional. Ao mesmo tempo, ela aproveitava toda e qualquer oportunidade para soltar o gogó, fazendo backing vocal em grupos de amigos, trilhas para curtas e vídeos, enfim, onde precisassem de uma voz, lá estava Marisa.

Seu nome já estava se tornando conhecido. A PolyGram já estava de olho no passe daquela garota de dezoito anos mas, em vez de gravar um disco, ela preferiu embarcar para a Itália e estudar canto lírico. Durante seis meses, Marisa estudou música e se preparou seriamente para cantar ópera. Mas foi lá fora que ela descobriu o que realmente queria fazer: "Quando ouvi música brasileira lá fora fiquei super emocionada, morrendo de saudade, com vontade de voltar e cantar em português. Achei que o Brasil estava carente de cantoras que cantassem com sinceridade."

* * *

Se, por um lado, os estudos de canto lhe proporcionaram um vasto campo para o desenvolvimento de técnicas de colocação de voz, timbre, respiração, a ex-aprendiz de prima-dona sentia limitações: "No canto lírico, se você não tem uma carga dramática muito forte, você fica presa à técnica e tudo fica horrível. A técnica chega até a atrapalhar quem quer cantar música popular. Mas eu aprendi muita coisa útil. Por exemplo, como acentuar corretamente as palavras. *(cantando)* 'Eu não quero tocar em você, oh baby' *(trecho da música 'Mordida de Amor', versão do grupo Yazoo de 'Love Bites' do Def Leppard)*. Essa música não está certa, é mal composta. Aprendi muito de composição. Mas eu deixei de me preocupar com a técnica porque achei que já tinha aprendido o suficiente para fazer o que pretendia."

O que Marisa pretendia mesmo era cantar música popular. Antes mesmo de voltar ao Brasil, ela se apresentou em Veneza com um repertório totalmente brasileiro — Milton Nascimento, Caetano Veloso... Aqui, ela retomou o contato com os amigos músicos e, novamente, percorreu o circuito dos bares. O melhor show desta fase foi realizado no Jazzmania, com uma banda de dez músicos. A seleção das músicas já revelava características próximas as do show que a consagrou: músicas de Tim Maia, Rita Lee, Marvin Gaye, entre outros.

Entre março e abril de 87, Marisa e Vitoria Maldonado *(piano e voz)* realizaram uma temporada de dois meses no bar Double Dose. Neste show, recheado de pérolas da velha guarda da MPB — Lamartine Babo, Lupicinio Rodrigues, Ary Barroso, Assis Valente —, Marisa cantava "Speak Low" de Kurt Weil, que se tornaria um dos pontos altos das apresentações posteriores. Este seria o último trabalho que ela dividiu com outros artistas. Seu produtor, Lula Buarque de Holanda, estava insistindo para que ela montasse uma banda própria. "Até então eu estava aprendendo e decidindo."

Ela resolveu encarar o desafio. Para digeri-la, Marisa procurou Regina Werneck, ex-Quarteto em Cy. Regina começou a trabalhar um repertório baseado em bossa nova, mas ainda não era isso que Marisa queria. Ela sentia falta dos compositores de sua geração, como Lobão, Cazuza e Titãs.

* * *

Nelson Motta é um velho amigo da família de Marisa. Ele acompanhava meio de longe a carreira da moça — inclusive estava presente ao show em Veneza. Como o trabalho com Regina Werneck não deu muito certo, Marisa foi procurá-lo. Foi a emenda que saiu bem melhor que o Soneto: junto com Nelson, ela encontrou o repertório adequado. Além disso, Nelson é macaco velho nos meios musicais cariocas. Marisa tinha nas mãos mais que um diretor de espetáculo: ela tinha um artesão de fenômenos. Durante três meses, eles ensaiou o show *Tudo Veludo*, que foi o detonador do frisson Marisa Monte.

Como Marisa explica o espaço que recebeu logo de início na imprensa? "Eles me ajudaram muito. O Paulo Adário, que era o editor do Caderno B *(Jornal do Brasil)* foi assistir e adorou. Ele entrou numas de dar primeira página, uma coisa absurda, uma ousadia para um jornal brasileiro. Na *Folha de São Paulo* foi o Sérgio Augusto, que é um crítico seríssimo, que escreveu a matéria. E teve o público

que gostou e fez o boca a boca

Se o Rio já estava rendido aos encantos de Marisa, só faltava tomar São Paulo de assalto. Foram suficientes duas temporadas no Masp e uma no Aeroanta, sem contar os shows com o Nouvelle Cuisine e Ed Motta para que a cantora conquistasse os paulistanos.

Se por um lado Marisa foi muito bem assessorada por Nelson Motta, por outro não é só isso que explica a dimensão que o fenômeno Marisa Monte assumiu na imprensa. Em primeiro lugar, Marisa ocupou o tradicional espaço da intérprete feminina, que estava vago desde o aparecimento da Marina. Em segundo lugar, passado o *boom* de rock de 85/86, a mídia inventou uma "tendência" que enfeixava grupos e artistas tão diferentes como o Nouvelle Cuisine, Mulheres Negras, Lulu, Ed Motta e a própria Marisa como "a alternativa jovem" ao rock, que segundo os defensores desta tese, dava mostras de desgaste. Essa conjunção de circunstâncias garantiu que o nome de Marisa Monte estivesse por toda parte, antes mesmo que ela tivesse uma música tocando em rádio ou um disco gravado. "Isso foi legal. Tomara que as pessoas pensem sobre isso. O que mais me alegra é fazer as pessoas pensarem. Muitas delas questionaram: será armação? Será jogada de marketing? Tem alguma gravadora por trás disso?

Embora declarasse resistência a gravar um LP logo de cara, não demorou muito para Marisa aceitar uma das dezenas de propostas de gravadoras que começaram a chover depois das bem sucedidas apresentações no Rio e São Paulo. Quando a Manchete a convidou para fazer um programa especial de fim de ano, surgiu a oportunidade de unir o útil ao agradável. O programa foi gravado em 24 canais e o resultado foi tão bom que Marisa optou por um disco ao vivo. "Fiquei superanimada para fazer um disco com esse material. É uma coisa diferente, ousada. Você tem muito menos recursos técnicos, mas tem muito mais recursos emocionais. O estúdio é um lugar difícil, frio". *Marisa Monte*, o LP, já era um sucesso antes mesmo de ser lançado. Bem Que Se Quis" entrou na trilha da novela das oito, *O Salvador da Pátria* e o disco vendeu 150 mil cópias em apenas um mês.

Como Marisa explica o fenômeno Marisa Monte? Faltam cantoras? "Não apenas cantoras. Há vácuos em todas as áreas. Vivíamos em uma época onde não havia incentivo para novos talentos — era um imenso buraco em política, literatura, jornalismo, cinema, música, ... Agora é que começaram a pintar, por exemplo, os primeiros diretores de cinema novinhos; com o surgimento do rock apareceram muitos novos talentos. Os "Arnaldo Antunes" também vão começar a surgir em literatura. O vácuo não se restringe às intérpretes.

Mas você desistiu da carreira de cantora lírica e voltou ao Brasil para preencher essa lacuna? "Não vou ter ao Brasil para preencher coisa nenhuma. Vou ter porque acho que as pessoas estão precisando de mais alento espiritual. Meu trabalho artístico é muito ligado ao lado emotivo e espiritual. Eu quero que as pessoas descubram mais esse prazer que é ouvir música, que elas gostem mais de ouvir música. Você acorda de manhã e põe um disco na vitrola, muda o clima que você está vivendo. Uma Billie Holiday é um astral, um Caetano é outro, um Bob Marley já é outra coisa. Música tem esse poder meio mágico. Eu trabalho muito com esse lado mágico e ritualístico da música.

Marisa e um de seus convidados especiais, Ed Motta, no especial para a TV que acabou gerando seu primeiro disco

* * *

Quais são as cantoras que têm esse poder mágico sobre Marisa Monte? "Minhas deusas são várias. Maria Callas, Billie Holiday, Carmem Miranda, Yma Sumac... tem muitas mais. Todas as cantoras exercem influência, sobre mim, porque canto e imitação. Se você escutar atentamente meu disco vai perceber homenagens a várias. Elis Regina, Gal Costa, Maria Bethânia. Eu brinco muito com timbre e colocação de voz, e isso é resultado de tudo o que eu escutei. Tudo é imitação: antes de escrever, tem-se que ler muito, antes de cantar eu escutei muito. Estudei canto lírico, mas a minha formação básica é de escutar música. Bob Marley, Janis Joplin, Jimi Hendrix, Who, Beatles, Rolling Stones, Caetano Veloso, Luiz Melodia, Jorge Ben, Gilberto Gil.

* * *

E agora, José, quer dizer, Marisa? Como você vai enfrentar o mercado? "Eu tenho o dom de cantar e se eu não cuidar, isso vai se voltar contra mim. Se eu usar isso para coisas que não são muito dignas, vai se voltar contra mim. As pessoas querem vender disco de qualquer jeito, tiram fotos em cima de suas próprias camas de calcinha e sutiã ... Eu não sou comerciante, sou artista. O comércio faz parte, obviamente. Não posso me negar a ter um disco. Afinal, não estou fora do mundo. Eu vou fazer programas de televisão, mas não vou fazer playback. É uma relação falsa, indireta com o público. Eu acho legal cantar ao vivo e errar. Errar é lindo. A vida é assim, feita de encontros e desencontros. Quero correr esse risco para as pessoas sentirem a emoção verdadeira das coisas.

* * *

Quais são os planos daqui para frente? Meu trabalho é muito de garimpagem, de reciclagem de músicas. Quero abrir mais espaço para compositores da minha geração e também para as minhas próprias composições. Eu faço tudo, reggae, xote, samba, blues... Eu canto o dia inteiro, em casa, na rua, só improviso. Letras eu faço pouco, só quando pinta uma super inspiração, mas eu estou com uns parceiros superlegais. Estou fazendo uma música com o Ed Motta, Patrícia Travassos (ex-Blitz), já combinei com o Nando Reis (Titãs), Fausto Fawcett... Mas eu continuo com meu trabalho de garimpagem. Já tenho umas trinta músicas para o próximo show: Monsueto, Cartola, cirandas, jovem guarda".

"Penso no meu trabalho a longo prazo. Um público fiel é uma coisa que só se consegue em dez anos, não em um ano. Eu canto de verdade, tenho muito respeito pelo público e quero ser respeitada". *Sônia Maia*

FELIZ IDADE SEGUNDO PAULO ROCHA

Calvin Klein

O Círculo manda até sua casa livros encadernados com capa dura, dos mais importantes autores nacionais e estrangeiros

Todo o mundo sabe que o homem que lê vale mais.

Quanto mais você lê, mais você aprende. E mais se sente preparado para enfrentar o mundo com segurança.

Mesmo sabendo disso, não é sempre que você tem um tempinho para pesquisar e escolher os melhores livros que vão aprimorar os seus conhecimentos.

É por isso que o Círculo defende a idéia de que os livros têm que ir até você.

E manda uma verdadeira livraria até sua casa.

São 400 sugestões de leitura e mais de 30 lançamentos que você recebe através da Revista do Livro.

Uma publicação bimestral que o Círculo entrega de graça na sua casa, com resumos de cada um dos livros sugeridos.

Assim, você escolhe com toda calma e conforto os livros que mais interessam.

Depois é só fazer o pedido e o Círculo leva os livros até você.

Para ter toda esta mordomia, é só ficar sócio do Círculo.

Vale a pena

O Círculo é o maior clube de leitura do Brasil, com mais de um milhão de sócios.

E com uma experiência de 15 anos, já publicou 2000 títulos atingindo a marca dos 25 milhões de exemplares.

Para ficar sócio do Círculo é só preencher o cupom anexo ou escrever para caixa postal 7413, CEP 01051, São Paulo, SP

A razão de todo este sucesso é simples. o Círculo do Livro acompanha de perto os hábitos de leitura no país para oferecer a seus sócios os melhores autores nacionais e estrangeiros em todas as áreas da literatura

Na Revista do Livro você vai encontrar obras de interesse geral, dentro dos mais diversos assuntos, sem esquecer dos best-sellers, literatura infanto-juvenil, música, coleções e enciclopédias

E tem mais

Os livros do Círculo são para a vida inteira.

Encadernados com capa dura e impressos no melhor papel.

Você não paga um tostão a mais por isso e ainda participa de concursos que sorteiam carros e muitos outros prêmios

Comece agora mesmo a aproveitar as vantagens que o Círculo oferece.

Escolha 2 dos livros em oferta no cupom anexo e fique sócio.

O Círculo não cobra mensalidades

O único compromisso que você terá, como sócio, é o de adquirir um livro a cada bimestre

E isso é quase nada

CÍRCULO DO LIVRO
A livraria que vai até sua casa

QUEM NÃO LÊ, DANÇA.

Jardim

DESINTEGRAÇÃO E RESSURREIÇÃO

Há exatamente dez anos o **CURE** lançava *Three Imaginary Boys*, seu álbum de estréia, ponto de partida para uma carreira tortuosa que desembocaria num dos mais inesperados estrelatos pop dos anos 80.

Agora, sem Laurence Tolhurst, o grupo fecha essa década com *Desintegration* (seu décimo-primeiro LP, contando o disco ao vivo e duas coletâneas) — onde predominam andamentos lentos, músicas longas recheadas de teclados e com menos guitarras que o habitual. No dia 30 de março, cinqüenta jornalistas se amontoavam na sala de conferências do Churchill Hotel, em Londres, para a primeira audição do disco e uma coletiva com Robert Smith e Simon Gallup. Entre eles, estava **Anamaria G. de Lemos**, cujo relato começa virando a página

As idéias da banda mudaram muito nestes dez anos? "Elas não mudaram em nada," responde Robert Smith. "As razões pelas quais fazemos discos ainda são as mesmas, basicamente. Talvez as idéias tenham melhorado se comparadas com as do primeiro disco. Éramos um pouco ingênuos e burros... Queríamos muitas coisas."

E o que vocês querem agora?

"Queremos continuar a ser uma alternativa, queremos apenas ser capazes de fazer o que queremos fazer. Quando começamos, sentíamos que estávamos competindo com outros grupos. Hoje em dia não existe mais esse sentimento de competição. Sentimos apenas que pertencemos a um grupo de bandas que admiramos, um grupo de pessoas que fazem música. Não há competição, o que acho realmente saudável." **Não seria complacência?** "Não... Se você compete com pessoas que você despreza, então você está tentando atrair gente que você considera não muito inteligente. Acho que não somos atraentes para pessoas que gostam do Bros, nunca fomos. Não acho que isso seja complacência."

Sobre o que você escreveu neste disco? "Sobre envelhecer... Este disco é sobre a crescente incapacidade de sentir, quando você vai envelhecendo. O horror de perder essa profunda sensibilidade para as coisas. Isto me preocupa, minha idade, envelhecer..."

Você tem medo de envelhecer? "Não é medo, seria estúpido ter medo de envelhecer. Mas é frustrante. Pensando bem, até que eu sobrevivi bem... *(Risos)*. Quando você é jovem, pensa que deve ser horrível ser velho, mas com o tempo vai aceitando o fato. Vou fazer 30 em abril."

Por que o disco se chama *Desintegration*? "Toda vez que começamos a trabalhar num disco, nós inventamos um nome, mesmo que depois ele seja lançado com outro. Se for algo como *Seventeen Seconds* ou *Head on the Door*, não significa nada em particular. Mas quando damos um nome como *The Top* ou *Faith*, a intenção é dar ao projeto um determinado sentimento. Assim, todos os envolvidos nele sabem mais ou menos qual vai ser o resultado final. Nem sempre isso funciona, mas nós estamos acostumados com essa idéia. Quando nos reunimos no verão do ano passado para conversar sobre um disco novo, apareceu esse nome, *Desintegration*. Mas na verdade não significa nada, é apenas um título."

Há muito menos guitarras neste disco, e mais camadas de sintetizadores. "Isso é porque eu estava tocando baixo de seis cordas... há mais baixo no disco. E, como foi gravado ao vivo, eu não podia tocar guitarra ao mesmo tempo." **Vocês pensaram em CD quando fizeram este álbum?** "Sim. Pensamos nele como formato, como duração. Quando fizemos *Kiss Me Kiss Me Kiss Me* nós sabíamos que acabaríamos com um duplo, então não havia basicamente limite. Mas com este queríamos um álbum simples... No final, o que aconteceu foi que as versões em CD e cassete são melhores, porque no vinil faltam duas músicas ("Last Dance" e "Home Sick")."

Uma nova Cura para uma nova década: Robert Smith permanece à frente de um dos principais produtos de exportação ingleses

Como foi a escolha dos singles? "Nós abrimos mão da escolha dos singles, foi a única concessão que fizemos. 'Lullaby' vai ser o primeiro, eu não acho que esta seja a música mais forte do disco... Ela nem se encaixa bem com o resto das músicas, para falar a verdade, e nem a queríamos em vinil. Mas a Polydor insistiu... e nós cedemos." **Há muitos sonhos seus nas músicas novas?** "Não. Elas são baseadas na realidade, coisas que aconteceram desde o último disco. Coisas importantes em minha vida."

Quantas músicas vocês chegaram a gravar? "Muitas... Quando nos reunimos pela primeira vez no ano passado, cada um trouxe várias músicas. Nos sentamos para ouvi-las, bebemos um pouco e tentamos não dar risada *(risos)*. Escolhemos então umas trinta... E no estúdio esse número foi reduzido a dezessete. No CD há doze, no vinil, dez." **Como foi a gravação?** "Nós deixamos todo o equipamento permanentemente montado no estúdio e, como estávamos morando lá, podíamos gravar a qualquer hora do dia ou da noite. Não foi uma decisão artística... Foi só porque é muito mais divertido gravar assim, ao vivo. Mas os vocais foram gravados separadamente. Eu perdi a capacidade de tocar e cantar ao mesmo tempo *(risos)*."

Houve vários boatos sobre um disco solo. Quanto de *Desintegration* é um disco do Cure? "É totalmente The Cure. Quanto ao álbum solo, eu escrevi todas as músicas, estão em cassete. Mas, como eu já escrevi e cantei estas músicas, não sinto necessidade de lançá-las num disco. É muito diferente de trabalhar com um grupo. Eu estava preocupado com o tamanho do grupo, e senti vontade de fazer algo diferente... Mas mudei de idéia. É muito mais divertido estar num grupo, pode acreditar."

Você pensou em sair do Cure numa certa época... "Eu sempre penso nisso, especialmente quando estamos bem no meio de algum trabalho... Eu sempre sinto que é a última vez. Isso sempre aconteceu. Acho que faz parte do grupo, e dá mais sabor ao que fazemos. Mas, quando o grupo realmente acabar, vai ser bem óbvio. Acho que vou acordar um dia de manhã e dizer 'Pronto, chega'." **Os outros sabem como você se sente? O que eles acham?** Simon Gallup levanta a cabeça mas não responde... Robert Smith continua a falar. "O problema é que todas as perguntas são dirigidas a mim. Acho que a banda toda sabe que eu sou o ponto de foco. É inevitável, já que eu canto e falo mais, e porque eu sou assim mesmo. Mas... se todos eles deixassem a banda, não haveria nenhuma banda. Se eu saísse, eles não deixariam de existir."

Por que o Lol saiu do Cure? "Por vários motivos... Não nos sentiríamos muito bem se os tornássemos públicos. Foram motivos pessoais, a maioria deles entre mim, o Simon e o Lol. Já era tempo de ele dar uma parada, para o bem de todos, inclusive dele mesmo." **Houve diferenças musicais?** "Se fosse por isso, ele já teria saído da banda há muito tempo." *(Risos)*.

Vocês têm uma longa turnê à frente. "É... Tudo começou com uns cinco ou seis shows pela Europa. Mas eu quis tocar em lugares onde não somos tão conhecidos, como Iugoslávia, Hungria, Bulgária. Nós não vamos mais andar de avião, então temos que dirigir. E, se temos que dirigir da Hungria até a Grécia, por que não tocarmos nos lugares por onde passarmos? Por isso a turnê acabou ficando enorme: uns cinqüenta shows. Mas vamos ter bastante tempo livre, todo mundo se dá bem, e as esposas e namoradas também vão. Assim fica fácil sair em turnê."

Por que a decisão de não viajar mais de avião? "Tirando o Boris e o Roger, nós detestamos viajar de avião. Eu sempre detestei. Se você está indo para a Austrália pela primeira vez, por exemplo, você quer chegar lá rápido e toma um avião. Mas, em outros casos, só causa tensão e cansaço. Eu não consigo me imaginar entrando num avião outra vez." Simon Gallup decide então abrir a boca pela primeira vez: "Acidentes de avião não são mais tão raros quanto costumavam ser *(Risos)*. **E como vão fazer para ir para os EUA e América do Sul?** "Vamos nadar" *(Risos)*.

Já escolheram as músicas que vão tocar ao vivo? "Bem, pra começar", diz Robert Smith, "o palco vai ser diferente. Vimos os projetos, mas ainda não vimos o resultado final. Vamos tocar muitas músicas novas e algumas músicas mais velhas, que não tocamos há muito tempo, porque não se encaixavam no que estávamos fazendo então. Estamos procurando bandas para o show de abertura há semanas, mas está sendo difícil achar uma banda da qual gostamos e que esteja disponível."

O disco novo tem uma atmosfera muito particular. Vocês vão conseguir transpor isso para os shows? "Nós poderíamos reproduzir o som, se quiséssemos. Mas a atmosfera tem mais a ver com o público do que com que fazemos no palco. Se o público está pedindo algo mais rápido e mais alto, isso não nos permite tocar música lenta e suave, seria idiota tentar. Mas vai ser um desafio tentar comunicar o *feeling* deste álbum para uma platéia. Talvez seja até impossível... Mas isto faz parte da diversão de tocar ao vivo."

A turnê vai ter um tema? "Ela se chama *Prayer Tour*... por causa da música 'Prayers in the Rain' e vai ser baseada nas músicas deste disco. O problema é que vamos tocar em lugares onde nunca estivemos antes, e, em alguns desses lugares, não vai dar para subir no palco e tocar apenas músicas novas. Vamos escolher umas cinqüenta músicas e decidir quais serão tocadas na mesma noite, antes de subir no palco. Cada noite vai ser diferente. Temos um repertório enorme, então é difícil dizer o que vai acontecer. Na última turnê, madávamos alguém com uma câmera de vídeo para o meio do público perguntando o que as pessoas queriam ouvir, o que elas achavam que deveríamos tocar mais freqüentemente. Aí assistíamos o vídeo e decidíamos o set. Acabamos tocando coisas inesperadas. Mas desta vez estamos mais preparados." **Quanto vai durar cada show?** "Uma hora e meia. Da última vez os shows duravam duas

MUSICOS

A loja dos baterístas

Rua Teodoro Sampaio, 763 - L 20
T: (011) 883-0882 / 280-2555
São Paulo - S.P.

horas. Eu ainda era jovem *(Risos)*. Mas do ponto de vista físico é um pouco demais.

Você ainda acha que os Estados Unidos são um lugar perigoso? "Eu não diria perigoso, mas têm um efeito péssimo sobre nós. É o único lugar do qual sempre voltamos mudados. Não é muito saudável. É tão maníaco. As pessoas vão ficando histéricas. É não dá para levar uma vida normal, você acaba sendo seguido por milhares de fãs. Mas acho que vamos voltar a tocar lá." **E a América do Sul?** "Lá você fica mais histérico! Foi mais engraçado. Porque tudo era tão estranho para nós. Mas também foi bem deprimente, porque tocamos em lugares imensos, ficamos em hotéis de luxo, mas estávamos rodeados de miséria. É um lugar muito pobre. Foi uma experiência estranha. Pra falar a verdade, acho que nenhum de nós se lembra muito bem da turnê sul-americana." **Vocês vão tocar lá de novo?** Robert Smith e Simon Gallup trocam um olhar de dúvida. "Talvez."

Vocês gostam de tocar ao vivo? "Gostamos. O que nós não gostamos são os outros 90% de tempo que passamos fora do palco, quando estamos em turnê. Seria maravilhoso se pudéssemos nos materializar no meio de Copenhagen e dar um show. Mas infelizmente é preciso viajar e nenhum de nós gosta de viajar."

Como é a vida fora do Cure? "O Boris andou tocando no disco novo do Ian McCulloch. Mas ninguém mais tem se envolvido com projetos de fora. Não temos tido tempo para isso, porque estávamos preparando o disco novo. Quando não estou trabalhando, fico em casa e leio: essas coisas. Não faço nada de muito emocionante. É a última coisa que você quer fazer com seu tempo livre quando se está numa banda."

Você se casou no ano passado... "As razões pelas quais nos casamos têm muito a ver com um desejo nosso de juntar nossas famílias por um dia *(Risos)*. Foi um dia ótimo, muito emocionante. Nós esperamos até ter certeza de que o casamento não faria diferença alguma. Eu não acredito na instituição do casamento, é absurda. Mas... acho que foi uma coisa muito romântica." **Filhos?** "Não... Eu não seria um bom pai, sou irresponsável demais." **O casamento teve alguma influência sobre sua relação com a banda?** "Não. O casamento não mudou nada."

Já se falou muito de seu envolvimento com drogas e bebidas. O que você tem a dizer sobre isso?

Robert levanta seu copo: "Estão vendo? Suco de laranja!" E, já se falou demais sobre isso, o que é uma burrice. Pois não há nada a dizer sobre o assunto. Eu parei de beber..."

Mas o disco novo é bastante psicodélico.

"Não é preciso tomar drogas para ser psicodélico."

Um jornalista mais audacioso diz a Smith que ele sempre parece muito deprimente. Ele demora a responder: "Bem... acho que apenas uma pequena parte de nossas músicas é deprimente. Fica difícil para eu dizer... Eu escrevo as músicas, e depois que ficam prontas, me distancio delas de uma certa forma. Eu sou uma pessoa descontente, mas não infeliz. A maioria das músicas que fazemos é bastante 'alegre'. Por exemplo, o disco novo foi feito para se ouvir sentado, em casa... No final pode ser um pouco deprimente. Mas, como qualquer disco que faça você sentir alguma coisa, é uma boa experiência. Mesmo se levar alguém a um desespero profundo, pelo menos está encorajando essa pessoa a sentir."

Surge então a pergunta inevitável: o que você ouve em casa? "Muitas coisas diferentes. Nos últimos dois meses tenho ouvido todos os novos lançamentos, porque estamos procurando a quem com quem gostaríamos de tocar. Eu gosto de 'My Bloody Valentine'. E 'All About Eve', é óbvio. Mas existe tanta coisa mais antiga para se ouvir! O que eu gostaria de fazer é 'descobrir' discos... e fugir de críticas de discos e toda a promoção que acompanha um lançamento. Por exemplo, eu esperava tanto do disco do Throwin' Muses, e, quando o ouvi, fiquei decepcionado. Talvez daqui há três meses eu o ouça de novo e diga 'puxa, que disco bom'. Por isso eu tento não estar muito por dentro do que acontece."

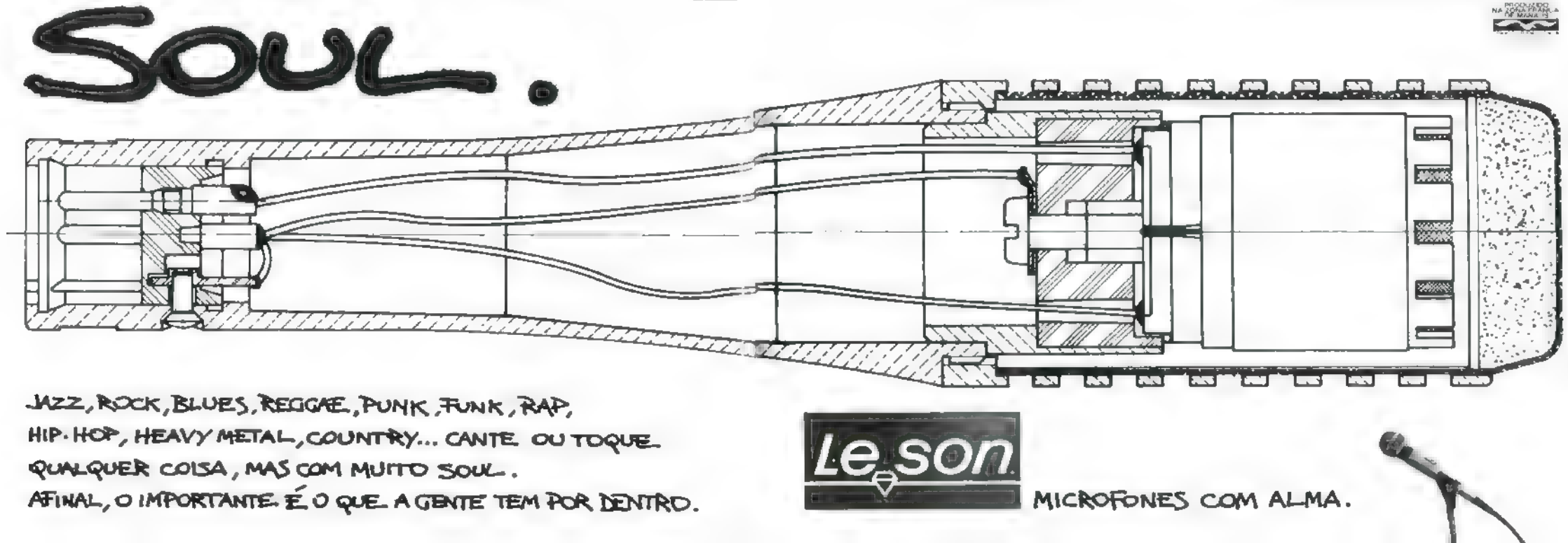
O que acha de acid-house e new beat? "É difícil dizer... O Chris Parry *(da Fiction Records, gravadora do Cure)* está totalmente imerso em acid *(Risos)*. Mas, como é música para dançar, não me atrai muito. Eu não sei dançar, não vou a discotecas. Eu gosto de dançar quando estou sozinho, senão morro de vergonha. É por isso que não danço muito no palco."

É verdadeira aquela história sobre você ter ouvido The Clash no rádio e ter cortado o cabelo imediatamente? "É. Foi uma coisa muito vibrante. Não particularmente o Clash, mas todo o som que estava acontecendo. Foi uma boa época, com boa música e bons shows, e estávamos para sair da escola. Foi um período muito positivo. Mas agora as coisas voltaram ao estado em que estavam antes do punk, infelizmente. Na época, as bandas estavam tentando fazer algo alternativo, diferente. Acho que nós ainda estamos fazendo isso. Mas as bandas de agora são tão sem graça! Nada de novo ou de bom tem acontecido especialmente nos últimos dois anos. E por que a moda está ficando cada vez mais importante. Eu sei que isso parece uma coisa antiga, mas... O punk também tinha o aspecto visual, mas havia também muitas outras coisas. Coisas que você ouvia e que te faziam sentir algo."

Qual a atitude do Cure em relação a política, direitos humanos, Greenpeace etc.? "Nós fizemos alguns shows beneficentes. Mas geralmente não nos convidam para esse tipo de coisa: as pessoas acham que não somos esse tipo de banda. Todos nós estamos envolvidos com essas questões fora do grupo. O que me preocupa é que nós provocamos reações de amor e também de ódio, então o efeito pode ser inverso. Se você não come carne, por exemplo, mas detesta o Morrissey, você pode até ficar com vontade de comer um hamburguer *(Risos)*. Poderia acontecer conosco se nos envolvêssemos com algo assim... Imagina um monte de gente levando aerossóis num show do Cure, para ir acabando com a camada de ozônio! *(Risos)*. Nós tentamos fazer coisas mais anonimamente. Não quero que o Cure seja ligado fortemente a nenhum tipo de movimento. E também, na maioria das vezes, achamos que nossa participação não faria diferença alguma; não somos grandes o suficiente para algo como Live Aid. Fora o fato de que, por mais justa que a causa seja, há certas bandas que desprezamos tanto que nunca tocaríamos com elas."

O que vocês acham de banda como U2 e Simple Minds? "Não gosto, nunca gostei. Não são tão desprezíveis quanto os Pet Shop Boys, mas são bem piores que os Sugarcubes. Eles querem coisas que eu percebi, há muito tempo, que não valem a pena. Mas parece que eles ainda não perceberam." Simon: "Eles são tudo aquilo do qual fomos acusados de ser: chatos e pomposos."

Planos futuros? "Não sei. Estamos nos pondo em forma para voltarmos a tocar ao vivo. E, como eu já disse, cada vez é como a última vez. Sempre que acabamos uma turnê, nos reunimos para discutir o futuro do grupo. Agora é cedo para falar disso. E, também, o futuro não me preocupa."



DO ABORTO ELÉTRICO AO GLOBO DE OURO

PARTE III

Enfim, chegamos à terceira e última parte da trajetória do Legião Urbana. Os garotos que desencadearam um surto punk em Brasília já não são os mesmos. Depois da consagração definitiva — estabelecida em *Dois* e confirmada em *Que País é Este?* — quais as perspectivas do grupo? Flagrados no término das gravações de *Quatro Estações*, título provisório do quarto LP, Renato Russo, Dado Villa Lobos e Marcelo Bonfá debatem o atual estado de coisas numa entrevista pontuada por dúvidas, dramas e reavaliações

BIZZ *O mega-estrelato meteu muita coisa na cabeça de vocês?*

Dado Mega-estrelato!?!? *(Risos)*

BIZZ *E não foi?*

Dado O que aconteceu foi que as músicas começaram a tocar no rádio — "Tempo Perdido", depois "Eduardo e Mônica", depois veio "Daniel na Cova dos Leões", "Índios"... Até então, estávamos acostumados a tocar em lugares como Metrópolis, onde cabem 1.800 pessoas, estava sempre lotado. Fomos para um outro estágio, onde você passa a tocar em ginásio para dez mil pessoas, lotado também. Isso não mexe muito com a cabeça, não. Não senti assim. Seria, continuamos trabalhando, fazia parte do trabalho.

Renato Na verdade, aqui no Brasil você vai aprendendo conforme vai fazendo. Então, *não adianta!* Mesmo todas as coisas que nós sabíamos sobre rock'n'roll e tudo o mais porque é o nosso trabalho, se eu fosse padeiro, saberia tudo sobre padarias — não atrapalharam muito. Você acaba esbarrando, primeiro na própria gravadora, onde você e eles não têm a mínima noção de como funciona esse processo todo, tanto quanto a imprensa, público. Então, todos foram descobrindo junto com você. Dessa forma, fica difícil perceber que você passou de um patamar para outro. Tudo ainda é novidade. O lado negativo — de ficar enfastiado, de não saber o que vai dizer os dramas — isso existe. Mas as coisas boas mesmo, como, por exemplo, o Prince que deve ter as limusines dele e toda aquela coisa que protege o artista lá fora, aqui no Brasil não tem. Principalmente porque aqui, como disse o Jobim, fazer sucesso é uma ofensa — artista é vagabundo, maconheiro e drogado e por aí vai.

BIZZ *Você escreve bem. É considerado um dos melhores letristas da nova geração. Como você vê isso?*

Renato Pessoalmente, acho que não escrevo muito bem. Meu forte seria encaixar a letra na música. "Andrea Doria" e "Acrilic on Canvas" até se sustentam separadas da música. É uma questão de jogo de cintura, sobrevivência. E você fica muito inseguro — eu detestava essas críticas que diziam que a gente era um bando de burros, alienados, colonizados, babacas, otários. No começo, eu tinha de provar que a gente não era isso, na hora de escrever, tomava certos cuidados. Um disco que me marcou muito foi *Construção*, do Chico Buarque. Aquela coisa da primeira letra feita com proparoxítonas — plástica, tráfego... —, todo mundo comentou na época. Eu fiz uma anotação mental: se alguém disser a escrever a uma coisa, será algo assim. Depois, fui aprendendo a deixar apenas o essencial. Mas as letras do Legião não têm nenhuma palavra difícil. "Todos os dias quando acordo / Não tenho mais o tempo que passou."

BIZZ *E hoje? Parece que você está com dificuldades de se expressar.*

Renato Embora eu pense nessa situação toda em que a gente está vivendo, na verdade não penso muito. Fico em casa brincando com o bebê e não estou a fim de escrever. *(falando para o gravador)* NÃO TO A FIM DE ESCREVER AS LETRAS DESSE DISCO! Tentei durante quatro meses, mas quando olho a situação como está... Está tudo tão próximo do pop massificado, as coisas estão tão engabeladas. Então, aparece aquela menininha cantando: "Certo ou errado, quem não sai na chuva não aprende a se molhar", e eu acho isso fabuloso! É esse tipo de coisa que se eu falasse ou o Cazuza falasse seria *isso*. Mas absolutamente não tem nada a ver, porque aquilo é fabricado! E, do jeito que são as coisas no Brasil, quem vai saber se aquilo é fabricado ou não? Lá fora é só mainstream — até os independentes são mainstream, até eles têm o sucesso. Estamos nos anos 90 e para mim é muito, *muito* difícil. Vou me sentir o maior falso se continuar fazendo as coisas que a gente fala.

BIZZ *Qual a importância das coisas ficarem mais claras e não tão misturadas?*

Renato Acho que é uma tendência mundial. Uma coisa é quando tinha Monkees e Velvet Underground. Mas o próprio tempo se encarregou de mostrar que eles não eram tão diferentes assim. Sério, hoje em dia eu ouço Monkees com o mesmo prazer que ouço Velvet Underground. E não tem tanta diferença assim. Não tem.

BIZZ *Mas qual a importância de haver essa diferença?*

Renato Se estivesse mais claro, eu saberia onde estou pisando, porque eu sou das antigas. Não vou pegar um violão e fazer uma música babaquinha. Eu preciso acreditar que o que a gente está fazendo é uma coisa que vale a pena. Também estou achando que hoje em dia não está bem na hora de falar, está na hora de fazer. E como já provamos que a gente faz, fica meio assim. Eu gostaria de ter uma grande inspiração, mas realmente não tenho o que falar. O que eu posso falar é: "Aí, galera, aprendam", embora eu tenha sido criticado por isso. Não é uma coisa que me agrada, porque nunca falei pensando em dizer para as pessoas o que elas tinham de fazer; falava, sim, para mim. Mas eu já aprendi o que eu tenho de fazer. E o rock é uma coisa limitada — Lou Reed, John Lennon, Keith Richards, todos já disseram isso depois de um certo momento, tem certas coisas que não se encaixam bem no rock. As pessoas assimilam, mas entra por um ouvido e sai pelo outro. Por ser algo que envolve muito consumo, principalmente as coisas espirituais não vão passar, porque requerem uma certa maturidade. Isso é muito confuso na minha cabeça. Não to a fim, por exemplo, de fazer uma música pedindo para salvarmos a Amazônia. Eu gostaria de explicar por que a gente tem de salvar a Amazônia. Para mim a natureza

faz parte de Deus, faz parte da gente. Cada um, portanto, é dono do seu nariz. Posso estar no maior mau humor do mundo, mas é só eu olhar um bebezinho, pronto, é felicidade pura! Agora, como você vai colocar isso em música? São coisas que não se verbalizam. E o sorriso. E, na hora que você está pensando no seu trabalho, você quer preservar esses momentos para que eles sejam âncoras para o seu futuro. E fazer o inverso do que o Joy Division fez — fazer o que o New Order faz, "Touched by the hand of God"... Só que aqui no Brasil não tem essa base ética na qual você possa trabalhar. Tem de ficar catando as coisas ao vento e isso é o que mais me preocupa. Hoje mesmo estava passando por aqui aquele garoto dos Abelhudos e ele se amarra em rock'n'roll. Então, eu concluo que as pessoas fazem exatamente o que elas querem. Ele canta aquelas coisas porque é assim que ele é, se sente bem fazendo isso. Coisa de brasileiro, também, porque não temos aquela coisa germânica *(com sotaque)* "Vamos fazer isto, vamos fazer aquilo..." O inimigo, no caso, sou eu. Sou eu que tenho de lidar com esta situação — governo, religião, ou o que quer que seja. Tirando o máximo de mim, vou ajudar as pessoas a terem essa visão. Também não estou a fim de entrar naquela viagem de Janis Joplin, Jim Morrison, tipo "eu sou inimigo, sou horrível, vou me matar". Não quero me matar... Não sei se isso explica alguma coisa.

Renato: "Não vou pegar o violão e fazer uma música babaquinha. Preciso acreditar que vale a pena. Hoje em dia não está na hora de falar, mas sim de fazer. Como já foi provado que a gente faz..."

BIZZ *Creio que tudo isso gera um quarto LP.*

Renato Você tem de se lembrar que só descobrimos isso agora, porque só trabalhamos assim: dando cabeçadas. O que está pintando é que eu sento para escrever as coisas mais bonitas que eu posso pensar e só saem coisas tristes, um ressentimento, um rancor. Ficamos tão chateados com o Billy, porque ele inventou de sair da banda. Então, pintou uma coisa de "Vamos provar que conseguimos sem o Billy". Uma energia assim... meio vingativa.

Dado Como a gente falou no elevador, o Billy é que se deu bem! *(Risos)*

Renato E tem a história do consumismo, também — é um trabalho canalizado pela mídia e pelo público e não sei se isso é uma coisa legal. Uma conversa como essa é legal, mas a partir do momento em que você tem revista, reuniões e tudo, não sei se isso não vai invalidar o que você faz. É mais ou menos assim: você quer plantar uma árvore linda e maravilhosa no meio de um estacionamento. Sabe quando não tem a ver? Eu vou falar certas coisas, vou tocar num ginásio onde a garotada sofre, sofre para comprar disco, pois é tudo caro... Sabe quando não bate? Parece esses evangelistas de televisão: se você der o dinheiro para o voto, Jesus te salva! — As coisas que eu escrevi o Dado gosta, acho que o Bonfá também, mas tem esse ressentimento.

Dado Cara, mas é impossível você não ter esse ressentimento *(Bonfá concorda, numa conversa embolada)* Esse disco foi feito com ressentimento.

Renato *(Discutindo o conceito do disco com Dado e Bonfa)* Tá bom, então a gente pode fazer o seguinte: terminar esse LP e ser uma espécie de transição.

Dado Mas é um disco de transição.

Renato E no próximo a gente tenta...

Dado O projeto acústico.

Renato Não digo nem ser acústico, mas ter uma outra vibração.

Dado Gravar em lugar diferente *(voltando para a entrevistadora)* É que existe essa máquina por trás, então você está no quarto prédio do quarto andar dessa desgraça dessa máquina *(refere-se ao prédio da Odeon, onde foram realizadas as duas entrevistas)*, e aí tem certos compromissos que me angustiam muito, muito, muito. Nego lá arrancando os cabelos lá dentro! Não gosto nem de vir aqui porque as pessoas ficam: ' Será que o Renato vai botar vocal hoje, será que...'

Renato Eles ficam dependendo de você e eu não quero mais ninguém dependendo de mim. Pô, a gente não depende de ninguém! Gente, eu não dependo mais nem do rock'n'roll. Eu já levei tanto na cabeça esperando... A gente depende do rock'n'roll? *(Perguntando para Dado e Bonfá)* Eu não dependo mais, Sonia Maia, eu juro para você. Até gosto quando o Jesus and Mary Chain lança o novo disco deles. Mas é aquela história, cada um no seu lugar e ponto. Se for um bom disco, vou achar jóia, mas não vou ficar criando um código em cima disso. Se você pegar o jornal, ligar a televisão e ver o que está acontecendo... não dá. Você não vai mais poder se envolver com essas coisas a esse nível! Você não pode mais acreditar, *tem de conhecer*. Gostaria de falar disso tudo nas letras, mas não sei se estou pronto. Talvez nunca esteja ou só esteja daqui a cinco anos — droga não resolve mais, sexo também não. Conhecimento também não ajuda muito, porque, quanto mais você lê, mais você está perto do problema. Temos de encontrar uma saída espiritual qualquer, que seja para cima, para o bem, de preferência. Senão, você cai em contradição, vira esse consumismo louco. Quer dizer, a única verdade que existe hoje em dia é o dinheiro e, como a gente está no Brasil, onde o dinheiro não tem um valor fixo, pira a cabeça das pessoas.

BIZZ *Falem mais de Quatro Estações.*

Dado A gente já andou um bom terreno. O disco já tem até um perfil. Tínhamos aqueles nossos planos de fazer um LP em que todos iriam participar. Isso é um ponto. Dois, as músicas vão ser mais elaboradas, as harmonias vão ser mais elaboradas — em vez de ter duas notas, como em "Ainda É Cedo" e "Soldados", terão cinco. Três, as músicas serão variadas entre si — a primeira é diferente da segunda que é diferente da terceira... Tudo que a gente queria, conseguimos. E, quatro, não vamos usar músico de estúdio, nem teclado, nem fazer *fusion*, sambinha, essas coisas — é um disco de rock. A parte musical do disco está pronta. Entrou muito o que nós estávamos sentindo, isso passou para a música. Mas faltam justamente os complementos para fechar o círculo. Eu já vi três letras e por mim achei ótimas. Cabem direitinho nas músicas.

BIZZ *Quais estão prontas?*

Renato "Pais e filhos", "Há Tempos" e "1965 (Duas Tribos)". Mas eu não tenho tanta certeza... Meu processo criativo mudou. Não sei explicar. Eu, pelo menos, não tenho mais necessidade de, tipo assim, trepar e gozar... Agora eu aprendi: posso ficar cinco horas, entendeu, no beijinho, abracinho, pega aqui, pega ali, "Bem, vamos tomar um iogurte?" "Vamos". Aí fica lá com o iogurte... Porque antigamente era aquela coisa: blumpt, tem que gozar, ploft, gozou. Naquela época, eu estava tão tarado para conseguir alguma coisa que vamos, um, dois, três... Hoje em dia você está mais aberto para outras coisas.

Dado Hoje em dia eu tenho meu cavalo e monto no meu cavalo. É uma coisa boba. Me sinto bem: é uma coisa totalmente à parte — vou sair para jantar, coisas pequenas.

Renato É um paradoxo. Muda a situação. O Caetano consegue porque ele continua firme no que faz. Mas isso não é todo mundo que consegue, não. Gente! Nem o Bob Dylan conseguiu! E ele era meu herói!

BIZZ *Falem sobre o título do LP Quatro Estações.*

Renato Tem essa coisa de primavera, mesmo, dos ciclos. Gostaria que fosse sobre ciclos, a perda da inocência, você atingir um certo estágio em que perdeu alguma coisa e, ou vai para o lado deles, ou retrabalha e reconquista isso. Porque no nosso caso, por sermos artistas, fica mais fácil que para as outras pessoas. Mas seria basicamente isso: primavera, verão, chega o outono e caem todas as folhas. E no inverno fica a árvore toda daquele jeito. É como se a gente estivesse chegando no inverno. Mas aí vem vindo a primavera de novo. Quer dizer, você pode escolher ter uma nova primavera. A maior parte das pessoas que eu conheço fica no inverno, e eu acho ser esse o maior problema delas. Acho que o mais importante é a gente redescobrir as coisas. Com as pessoas mais próximas, sinto que isso tem vindo através das crianças. E o que está acontecendo com a minha geração e o sobre isso que eu gostaria de falar. Porque eu realmente estou me lixando para o que vai acontecer com as baleias, com as árvores ou com a Amazônia. Mas e meu filho? Vai ser uma sacanagem da minha parte se eu não me importar mais com a Floresta Amazônica.

Eu, qualquer coisa, vivo *Blade Runner*. Arruinou uma saga como essa, boto tudo o que eu preciso aí dentro e foda-se. Mas não dá, temos de pensar nas outras pessoas, principalmente nas que estão vindo agora. É a maior injustiça elas não terem o mundo que você teve. Do jeito que estão indo as coisas, um garoto de 2 anos hoje, quando estiver com 8, 9, 10... não vai mais *ter*, não vai *ter*, gente!

"Eu não dependo mais nem do rock'n'roll. Eu já levei tanto na cabeça esperando..." (Renato)

Mas aí entra o rock'n'roll. Eu também não quero... Bem, morro de medo só de pensar que meu filho pode achar superbabaca o que eu faço... Bom, voltando, e eu aqui tentando explicar por que as letras não estão saindo. Não saíram porque eu não escrevi, ponto. Mas, basicamente, essa é uma outra questão *(refere-se ao meu comentário de que quem está ouvindo rock brasileiro hoje, são os garotos entre 8 e 10)*. Porque quando você fala para você mesmo ou para as pessoas da tua idade, você sabe o que vai falar. E você não tem a mínima idéia do que passa na cabeça dessas pessoas que estão te ouvindo. Meu maior medo é elas ouvirem uma música do Legião e falarem: "Hum, aquele Renato Russo é um chato!"

BIZZ *E o projeto do disco acústico que vocês falaram?*

Renato Isso é antigo. Mas aí o Bonfá comprou uma bateria de dois bumbos.

Dado E o Renato falou: "Bom, não vamos fazer um disco acústico *(risos)*". Mas esse lance de disco acústico é um caminho interessante. Eu tenho ido a shows por aí e, pô, está tudo tão igual, tão chato. Eu não me sinto emocionado de estar naquela platéia assistindo a determinado show. E já foram vários os que eu assisti. Tudo muito igual, uma linguagem muito desgastada. Com um disco acústico talvez você se diferencie, uma outra sonoridade. Foi uma coisa que bateu porque, enquanto eu fazia o disco, fui a estes shows e, pô, não tô mais a fim de fazer esse tipo de coisa. As pessoas até falam que somos diferentes e tal, mas eu não acredito nisso. Não vejo por onde seja diferente: é uma bateria, guitarra, baixo, vocal. Para mim temos a mesma estética.

Renato Olha, eu quero falar uma coisa. Eu sempre quis falar isso. O lance é o seguinte *(sérissimo)*. São duas coisas. Primeiro: Não vou pedir desculpas nem perdão, mas eu gostaria de explicar que, se eu pudesse voltar no tempo, eu não faria certas coisas que fiz. No caso de Brasília eu faria tudo de novo. Da próxima vez ainda levava uma metralhadora giratória e matava um monte de gente... Claro que não. É brincadeira. No caso de Brasília, não fariamos o show. Mas uma das coisas mais importantes é a seguinte: uma vez, num show do Morro da Urca estávamos tocando "Soldados", e tem aquela parte: "Somos soldados pedindo esmolas...", e um garotão cismou de tacar umas moedas — porque na época o Ultraje estava com aquela música "Dinheiro..." e as pessoas jogavam dinheiro. Eu fiquei tão puto com esse garoto, peguei o microfone, fiquei 15 minutos falando as coisas mais horríveis que alguém pode dizer para um ser humano. Eu estava numa fase muito ruim, cheio de problemas, como sempre, embora isso não justifique. As pessoas até falam que eu estava superprepotente e depois fui ver que era verdade. Então, se esse rapaz estiver lendo isso, gostaria de dizer a ele que eu não sou assim, não. Bem, o outro recado é para os jovens *(agora olhando para o gravador)*. Jovem, por favor, escuta. Lobão, eu, Cazuza, quem quer que seja, a gente não vai mudar as coisas, coloque isso na tua cabeça. Nós pegamos um violão, cantamos, mas isso não tem nada a ver com o mundo real. Música é música. Se vocês querem que mude, usem seu título de eleitor. Não fiquem cobrando posição dos artistas. Façam como nos EUA, você não gosta das coisas, escreve uma carta para seu congressista. Se eu quisesse mudar o mundo, não estaria numa banda, e, sim, no Projeto Rondon, tinha me filiado a algum partido etc. Se querem mudar o mundo, façam política. Esqueçam esta história de formar banda para se expressar. Se vocês quiserem falar que o céu é azul, lindo e que brigaram com a namorada, tudo bem. Mas se querem resolver o problema do país, em vez de pegar uma guitarra, entrem para um partido, vão trabalhar, sejam honestos e mudem as coisas. *(Voltando para Dado, Bonfá e eu)* É o que eu acredito, sabe. Cheguei a esta conclusão. Essa garotada toda acha que a solução é fazer rock'n'roll. Não é! *(Olhando novamente para o gravador)* Rock'n'roll é para a gente conseguir dinheiro, sexo e diversão!

Sonia Maia

PROFETAS EM SUA PRÓPRIA TERRA

...M. tem sido há anos o "queridinho" ...co, um prestígio que começa a vi... ...esso comercial. Neste balanço, o histórico da banda e uma exclusiva com o vocalista/letrista Michael Stipe

Uma trajetória similar às imagens de um sonho que, apesar de sua aparência fragmentada, tem uma absoluta unidade intrínseca. Esta comparação cabe como uma luva à carreira do **R.E.M.**, a *cult band* de Athens — berço de grupos como os B-52's, Pylon e Let's Active — que em menos de uma década de estrada saiu do circuito independente de shows por universidades e botecos da Georgia e execuções em rádios alternativas, para uma tour mundial e discos de ouro e de platina, sem contudo renegar as virtudes fundamentais de seu som. Um grupo de músicos que pratica não um mero resgate das sonoridades do country e do psicodelismo dos anos 60, mas a expansão e atualização destas raízes através de elementos inovadores, expressos tanto na concepção sonora, como nos versos de suas canções. Uma banda que credita todo o material composto coletivamente e é capaz de tratá-lo com o mesmo despreendimento e autocrítica (a ponto de cada um de seus elementos se recusar a tocar ao vivo certas músicas do grupo), com que são selecionadas a dedo as covers incluídos em seu repertório. Assim, o **R.E.M.** mantem ainda hoje a sua intensa coesão — apesar dos diferentes interesses e estilos de vida de seus integrantes — que persevera a ponto de se observar que em seu mais recente LP, *Green* (o primeiro por uma gravadora multinacional), os músicos fizeram um constante revezamento de instrumentos, sem que estas mudanças se tornassem perceptíveis. Um quarteto cujo vocalista recusa-se a usar o mesmo camarim e a viajar no mesmo ônibus que os outros músicos e, mesmo após a consagração, não troca a sua Athens natal por Los Angeles, Nova York ou qualquer outro lugar. São alguns flagrantes contraditórios, mas que retratam fielmente a relação idiossincrática em que convivem os membros do **R.E.M.**

Uma união que teve início quando o baixista Mike Mills e o baterista Bill Berry — velhos conhecidos dos tempos de colégio, onde tinham uma banda na qual tocavam covers dos Doobie Brothers — vieram para Athens, com o intuito inicial de estudar na conceituada universidade da Georgia. Claro que seus planos mudaram ao conhecerem o tímido e introspectivo Michael Stipe — amante de literatura e artes plásticas, que só começara a se interessar por rock a partir do surgimento da new wave nova-iorquina — e o guitarrista Peter Buck, praticamente o seu oposto, um verdadeiro "rato" de discoteca. De comum acordo, decidiram formar uma banda, apesar do total inexperiência de Michael e Peter, ensaiando cada vez com mais afinco. As primeiras experiências foram difíceis, porém já revelavam uma definitiva afinidade musical entre os quatro componentes, como atestariam posteriormente as declarações de Michael ("No começo, nós éramos como uma banda de *thrash* tentando tocar melodias pop. Nós éramos *thrash* porque tínhamos receio de tocar lento. Acreditávamos que só podíamos tocar bem do jeito mais rápido possível) e Peter ("Só comecei a tocar guitarra aos 21 anos. Passei quinze anos apenas ouvindo discos, trabalhando em uma discoteca e indo ver bandas. Então, quando iniciamos eu só sabia quatro acordes, mas tinha certeza de que eram os quatro acordes *certos*"). O repertório inicial, só de covers, não poderia ser mais eclético, incluindo desde antigos hits das décadas de 50 e 60, como "California Sun" (The Riveras), "All I Have To Do Is Dream" (The Everly Brothers), "Tighten' Up" (Archie Bell and the Drells) e "Secret Agent Man" (Johnny Rivers), até "God Save the Queen", dos Sex Pistols. Aos poucos, no entanto, este material começou a ser entremeado pelas primeiras composições próprias da banda, que já atendia pelo nome de **R.E.M.** (pois eles foram os primeiros a registrá-lo, apesar de já existirem dois grupos musicais utilizando-se desta mesma sigla).

A partir de seu aprimoramento instrumental e conceitual, o turbilhão sonoro inicial do **R.E.M.** foi dando lugar a arranjos com maiores nuances musicais, a cozinha formada por Mike e Bill adquiria sutileza, sem contudo perder sua força de ataque, enquanto a guitarra de Peter contrapunha poderosos riffs a delicados dedilhados, formando uma moldura ideal para as melódicas vocalizações que Michael elaborava para suas letras enigmáticas e impressionistas. Um primeiro single ("Radio Free Europe"/"Sitting Still"), gravado em 1981 para o minúsculo selo local Hib-Tone aguçou os ouvidos dos responsáveis pela gravadora independente I.R.S., que não tardaram a incluir a banda em seu cast. A primeira providência que tomaram foi relançar o single remixado e, logo em seguida, o mini-LP *Chronic Town* (1982), com material gravado pela própria banda em Athens e produzido por Mitch Easter, líder do Let's Active. Estes seriam apenas os primeiros reboques da tempestade que viria a seguir com seu álbum de estréia — *Murmur* (1983) — que combinava de forma magistral a instrumentalização elétrica com as intervenções acústicas, transmitindo toda a energia latente da banda, sob o peso da produção de Mitch Easter, então associado a Don Dixon. Ambos também produziram o LP seguinte da banda, *Reckoning* (1984), porém sem conseguir os resultados excepcionais obtidos anteriormente, em parte devido à menor inspiração do material do grupo. Em 1985, o R.E.M. seguiria para Londres, para gravar o álbum *Fables of the Reconstruction* — também conhecido como *Reconstruction of the Fables* — com a produção de Joe Boyd (Fairport Convention, Pink Floyd): um disco de transição e que demonstrava a fase de incerteza quanto a seus rumos musicais que a banda atravessava. De volta aos EUA, no ano se-

Hubert G. Amadeo

guinte eles lançariam o LP *Lifes Rich Pageant*, produzido por Don Gehman (John Cougar, The Blasters), que tentou equacionar as propensões pop da banda com o seu peso instrumental, mas não conseguiu um resultado satisfatório. Mesmo assim, em 1987 o álbum havia conseguido o disco de ouro, façanha que foi repetida em poucos meses pelo LP *Document*, que depois se tornaria disco de platina. Trazendo a banda em plena forma criativa novamente e sob a produção exemplar de Scott Litt (DB's, Katrina and the Waves), *Document* representava novo marco na carreira da banda, ao mesmo tempo que ela vasculhava o seu próprio passado lançando uma coletânea de *out takes* e lados B de singles (dentre os quais covers do Velvet Underground, Pylon e Aerosmith, entre outros) chamada *Dead Letter Office*, que segundo Peter deveria ser ouvida "como se folheia livros num sebo".

O sucesso do **R.E.M.** se consolidaria definitivamente com sua transferência para a Warner (ao mesmo tempo que a I.R.S. se apressava em lançar a coletânea *Eponymous*, espécie de "greatest hits" do grupo, com alguma material inédito) e o lançamento do LP *Green* (1988), novamente produzido por Scott Litt. Foi aí que se constatou uma sensível alteração na proposta musical da banda: o esquema verso/chorus e os refrões ganchudos e repetidos — até então quase que totalmente ausentes de sua produção anterior — estavam presentes em profusão, ao mesmo tempo que eles pareciam não abrir mão de certas peculiaridades musicais, poéticas e gráficas que formavam o seu "padrão de qualidade" dos tempos de independentes. Teria mudado o **R.E.M.** ou a indústria fonográfica? Ou ambos? Como disse Peter Buck ao avaliar o sucesso estrondoso da carreira da banda: "Nós não queremos ser como o U2 ou Bruce Springsteen. Somos apenas uma grande *cult band*". Mas respostas mais certeiras e definitivas serão encontradas nesta entrevista exclusiva com Michael Stipe, concedida a **José Emilio Rondeau.**

Celso Pucci

A princípio programada para ser feita com o guitarrista Peter Buck ou com o baixista Mike Mills, a entrevista acabou sendo feita justamente com Michael Stipe, o integrante geralmente descrito como "monossilábico", "difícil" e "excêntrico", que prometera não dar mais entrevistas por telefone. Depois de vários desencontros e tentativas frustradas, acabei conseguindo realizá-la, aproveitando a passagem do R.E.M. por Nova Orleans. "Imprevisível" é a palavra que melhor definiria o Michael com quem falei: um artista articulado que reage da forma mais inesperada aos estímulos que lhe são oferecidos. Ele fala de coisas que pareceriam sérias e fala com extrema seriedade de coisas que poderiam ser engraçadas. E, para entender o que ficara na fita da entrevista, foram horas de "tradução". Cada frase começava muitos decibéis acima de como terminava, num murmúrio de difícil compreensão. Mas ele não ficou evasivo em momento algum, não evitando perguntas consideradas "delicadas" a respeito do superestrelato recentemente adquirido pela banda nem as que investigavam os motivos que levaram o R.E.M. a trocar a I.R.S. pela Warner. Stipe não foi das entrevistas mais fáceis, mas também não foi das mais difíceis. Fala, Michael!

José Emilio Rondeau

BIZZ - *O que fez você mudar de idéia e dar esta entrevista por telefone?*
Michael Stipe — Porque achava importante poder falar para países que não fossem de língua inglesa, para países com os quais não tínhamos feito muito contato.
BIZZ — *Isso significa que a banda excursionará por lugares onde nunca esteve antes?*
Michael Stipe — Nós começamos a turnê mundial de *Green* pela Nova Zelândia, a Austrália e o Japão. Foi ótimo para nós, porque eu nunca havia ido ao Extremo Oriente. Só como viajante, para mim, já foi uma honra ter podido ir para lá.
BIZZ — *Isso significa que há chances de a banda tocar na América do Sul, por exemplo?*
Michael Stipe — *Yeah*, mas é uma impossibilidade, para esta turnê. Nos foi oferecida a turnê da Anistia, ano passado, pelo Peter Gabriel. E um dos lugares onde tocaríamos seria a América do Sul. Mas não participamos porque nossa intenção original era não excursionar em 1988.
BIZZ — *O plano original para* Green *era gravar um lado inteiro de faixas acústicas e outro só com heavy metal exagerado. Que caminho tomou essa idéia até o disco de verdade?*
Michael Stipe — *(rindo)* Tipicamente... Chego para a banda com uma idéia que está totalmente fora de questão, como a idéia, por exemplo, de fazer um disco totalmente acústico... Não que isso esteja totalmente fora de cogitação, mas... não acho que tenhamos motivos para fazer um disco dessa maneira. Talvez fosse até interessante de se ouvir *(rindo de si mesmo)* mas essa foi uma coisa que determinamos como sendo o nosso objetivo e ao tentarmos isso percebemos que as canções que eram acústicas precisavam de algo que as equilibrasse, ou coisa assim, como o peso do metal. E foi assim que ficou.
BIZZ — *Só outro dia desses fui perceber um detalhe da capa de* Green *— por duas vezes a letra "R" é substituída por um "4" e vice-versa. Foi uma coisa proposital?*
Michael Stipe — Foi um erro tipográfico... A máquina de escrever... Você está gravando?
BIZZ — *Sim.*
Michael Stipe — Ok, nas máquinas de escrever os "Rs" ficam acima dos "4s". Enquanto eu estava datilografando os textos da capa do disco, errei na hora, trocando o "R" pelo "4". E achei aquilo bastante interessante. Como letrista, acho que erros assim as vezes se tornam as partes mais inspiradoras de um projeto, ou de uma busca, é ser capaz de reconhecer seu próprio erro e enxergar a beleza dele. Para mim, um erro traz muita inspiração. Minha criatividade é composta, em grande parte, de erros, coisas que sequer são improvisadas, mas que saem do nada, que são completamente erradas. Admitido e utilizado, o erro pode ser a coisa mais linda que você fará. Aplico isso não apenas no ato de escrever, mas em tudo que acontece na minha vida *(rindo)*.
BIZZ — *Já que estamos falando das letras, parece que agora, no álbum* Green, *elas parecem mais acessíveis do que em discos anteriores. Isso foi um ato voluntário ou um acaso?*
Michael Stipe — Aconteceu da mesma forma como você passa a ter pelos pubianos quando chega aos quinze anos. Acho que cresci como escritor, mudei bastante ao longo de seis álbuns. Eu poderia ter continuado a escrever coisas "com som de R.E.M. antigo" por toda minha carreira, mas não fazia sentido para mim. Agi de acordo com meu coração. E, novamente, muito disso tem a ver com os erros, sabia? Acabou de sair um livro chamado *Chaos*, escrito por James Gleick. Acho que está na lista dos best-sellers... o que é bastante estranho para os Estados Unidos... O fa[illegible] dens dá ou importância ao livro... mas enfim *(rindo)*, ele meio explora a idéia de que existe ordem no caos, de que o caos está universalmente em tudo. É um livro bastante interessante. Ele meio que corrobora uma canção que escrevi há uns dois anos, chamada "Disturbance of the Hairdowns", sobre pessoas que mergulham no caos e que acreditam que existe ordem no caos.
BIZZ — *Você acabou de demonstrar como podem existir relações entre coisas que você esteja escrevendo e acontecimentos fora de seu trabalho. Por outro lado, coisas de fora afetam o seu trabalho de escritor. Como você desenvolve, por exemplo, as letras do R.E.M.?*

Stamp
BLUSÕES DE MOLETON
100% ALGODÃO TAMANHO P M G
REF MT 4 COR CINZA
REF MT 1 COR BR
REF MT 3 COR CINZA
REF MT 3 COR BR
REF MT 7 COR PR
REF MT 4 COR PR
REF MT 8 COR PR
REF MT 2 COR PR
REF MT 5 COR CINZA
NOVAS ESTAMPAS: MALHA ESPECIAL
CAMISETAS
manga curta e longa
confecção própria
100% ALGODÃO TAMANHO P M G
DESCONTO 10%
ENVIE CHEQUE NOMINAL OU VALE POSTAL À STAMP (JÁ COM DESCONTO CALCULADO) E GANHE 10% DE DESCONTO. PREENCHA O VALE DA SEGUINTE MANEIRA: DESTINATÁRIO: STAMP AGÊNCIA PAGADORA SHOPPING CENTER NORTE - CÓDIGO: 49999 CEP 99999 - SÃO PAULO -
Seu pedido será entregue na agência de correio mais próxima de sua casa. Especifique se é manga curta, longa ou moleton.
$ PREÇOS $
Manga Curta: NCz$ 20,50
Manga Longa: NCz$ 26,50
Moleton: NCz$ 48,00
Válidos até a próxima BIZZ
Manga Curta
Manga Longa:
Moleton:
Estou enviando agora CHEQUE / VALE POSTAL no valor de NCz$ com o preço de NCz$ mais despesas po
REF | COR | TAM. | REF. | COR. | T
Nome
End.
Est. ESTADO CEP
Envie este cupom ou cópia STAMP Rua Emb. João de Fontoura, 158 CEP 02013 São Paulo - Santana.

Michael Stipe — De uma forma bastante livre, as coisas saem de mim da forma que deveriam sair. Sou um hiper-observador. Então enxergo bastante, como se fosse um filme, ou uma antena parabólica. Na verdade, nunca sei o que acabará me inspirando, às vezes são coisas sobre as quais nunca tencionei escrever.

BIZZ — *Você consideraria, assim, a possibilidade de uma carreira alternativa como escritor de ficção?*

Michael Stipe — Eu tenho uma forma de cinema, fora da banda. Na verdade estou concluindo um roteiro agora. Já fizemos outras coisas... Fiz sozinho ou meti a mão na maioria dos vídeos da banda, fizemos clips para outras bandas e anúncios de utilidade pública e documentários.

BIZZ — *Pelo que sei, você não gosta muito de televisão. Como você equilibra esse sentimento com seu trabalho em clips e imagens que são destinadas, basicamente, a TV?*

Michael Stipe — É uma mídia bastante surpreendente. O que passa nas emissoras populares de TV e no vídeos é, na maioria, lixo. Não é bem feito. Acho que estamos acima disso. Pelo menos tentamos. Como um meio de comunicação me interessa. Você pode dizer o mesmo sobre pintura e literatura: tem saído muitos livros ruins, mas isso não quer dizer que você não deva ler.

BIZZ — *Parece que você tem vários blocos de anotações, onde você registra idéias para letras e outras coisas mais.*

Michael Stipe — As letras são secundárias, em relação a tudo mais. Escrevo tudo da maneira como sai. Acho que agora ando carregando uns oito blocos *(durante essa turnê)*.

BIZZ — *Excursionar é uma das coisas que você mais gosta de fazer, correto?*

Michael Stipe — É como forçar a inspiração no estúdio. É algo que você precisa aceitar. Viagens forçadas são coisas difíceis para mim... Mas adoro me apresentar na frente das pessoas. O que me desagrada são as outras coisas que vem a reboque.

BIZZ — *Um artista como você projeta uma imagem muito forte e, assim, pode afetar pessoas fracas o bastante para considerá-lo uma espécie de guru, quando na verdade você é apenas um artista. É difícil lidar com essas espécies de discípulos que não conseguem separar fato de realidade?*

Michael Stipe — Eu diria que a maioria das pessoas que se colocam sob as vistas do público recebe um determinado tipo de atenção. Nesse aspecto não acho que tenha acontecido alguma coisa explicitamente comigo ou com qualquer outro integrante da banda. Eu simplesmente aceito o fato de que muitas pessoas sabem coisas a meu respeito. De certo alguém terá uma visão deturpada daquilo que você realmente quer. E temos tentado corrigir estas deturpações através de entrevistas.

BIZZ — *Foi difícil a transição de anfiteatros para grandes arenas?*

Michael Stipe — Tem sido uma transição bastante gradual. A mídia — principalmente americana — faz as pessoas acreditarem que no ano passado estávamos tocando para mil, duas mil pessoas. E agora fazemos shows para quinze mil, dezoito mil.

BIZZ — *Mesmo assim, é difícil projetar o mesmo nível de energia e intimidade numa quadra de esportes?*

Michael Stipe — Na verdade é mais fácil, eu desempenho muito melhor na frente de vinte mil pessoas.

BIZZ — *Traçando uma comparação entre a turnê de 1987 e a atual, a banda agora tem dado mais atenção a aspectos visuais do que antes, utilizando elementos de multimídia com melhor resultado.*

"Não faço muitas diferenciações entre os sonhos e a minha vida acordado"

Michael Stipe — Nas duas últimas turnês tivemos nosso próprio iluminador, com quem trabalhei junto. Nos lugares grandes as pessoas não querem ver apenas a banda. Querem algo mais para ver.

BIZZ — *E na transição da I R S — uma gravadora pequena — para a Warner — uma gigante — a banda passou a ter que lidar com um maior grau de popularidade. Como tem sido para a banda?*

Michael Stipe — Na verdade isso tem funcionado a nosso favor, porque agora somos capazes de atingir mais pessoas.

BIZZ — *A relação do R E M com a cidade onde nasceu — Athens, no estado da Georgia — parece com a de uma banda brasileira com a cidade de onde veio, a Legião Urbana. Você acha que essa ligação da banda com sua cidade afeta a música de uma maneira que não ocorreria caso o R.E.M. tivesse saído de, digamos, Nova York ou Los Angeles? Isso desequilibra, por assim dizer, o monopólio dos grandes centros?*

Michael Stipe — Você mora em Los Angeles e sabe como são as coisas por aí. É impossível comparar a Georgia à California. O clima é mais ou menos o mesmo, mas... Decerto existe uma densidade, uma lenta fervura em relação ao sul (dos EUA) que você não encontra em nenhum outro lugar, uma certa postura de calma e lentidão que você não tem numa grande metrópole. Encontrei essa mesma coisa na Escócia e em Portugal. E também na Nova Zelândia. É uma coisa meio intangível, que você não consegue definir exatamente.

BIZZ — *O R E M tem contribuído para várias causas políticas, geralmente no anonimato, mas há pouco tempo surgiu a notícia de que você participaria de uma campanha contra o uso de peles na confecção de roupas, o Rock Against Fur. Queria saber mais sobre isso.*

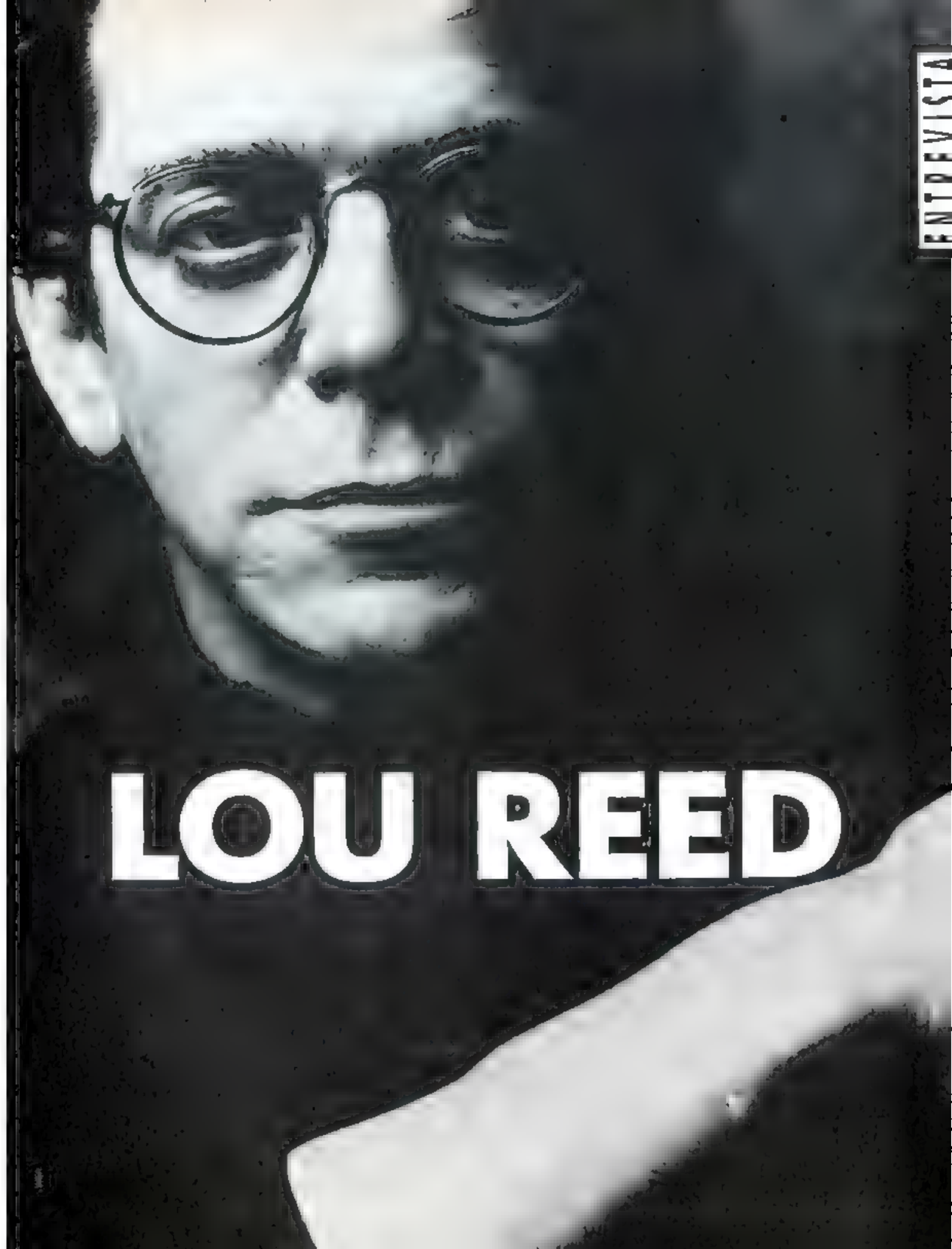
Michael Stipe — Não é algo que eu possa dizer que esteja sendo feito pela banda. Estou compondo uma canção com a banda para um disco cuja renda reverterá para essa campanha. Mas o R.E.M. apóia outras causas como a Anistia Internacional *(em todos os shows existem stands onde o público pode receber folhetos a respeito da organização e se inscrever como membro ativo)*. Não é algo de grande porte como a turnê da Anistia através de todo o mundo, mas esta ajudando a chamar a atenção das pessoas para esse tipo de trabalho.

BIZZ — *Você já admitiu em entrevistas passadas ser um "sonhador enérgico". O próprio nome da banda — a sigla de 'Rapid Eye Movement", o estágio do sono que precede os sonhos — já traça essa relação entre os sonhos e a forma livre das letras do R.E.M. Mas numa das canções de Green, "Get Up", você diz que "os sonhos complicam minha vida". Por outro lado, na mesma letra você muda de idéia, "os sonhos complementam minha vida". Sonhar tornou-se complicado para você?*

Michael Stipe — *(rindo)* Para começo de conversa, nunca me aprofundei em estudos sobre o assunto. Não que esteja querendo partir para uma discussão intelectual, mas não faço muita diferenciação entre meus sonhos e minha vida acordado. É tudo uma única coisa. Em relação a essa letra específica — e também em relação a muitas coisas que escrevo — costumo trabalhar de uma forma bastante cíclica, um movimento interrupto.

BIZZ — *E existe uma separação de tarefas na banda? Você escrevendo e eles fazendo as partes musicais?*

Michael Stipe — Não é nada disso. Todo mundo dá idéias para as letras e eu funciono como um editor. Acho que esse é o segredo de como a banda funciona bem: todos têm a coragem de dizer um para o outro, "isso é uma porcaria, isso não vai dar certo". A gente já se conhece há muito tempo.



Ganhando as capas de quase todas as publicações especializadas em música da imprensa internacional a partir a partir do lançamento de seu novo LP, *New York*, Lou Reed — aos 46 anos, casado e longe das drogas, das bebidas e da devassidão frequentemente associadas à sua personalidade — pode parecer a algum desavisado (se é que existem, no caso) mais um dos muitos dinossauros redividos recentemente às custas de suas glórias passadas nos idos da década de 60. Mas, para começar, Lou não encerrou a sua coleção de obras-primas dentro da discografia do Velvet Underground, tendo conseguido diversos pontos memoráveis ao longo de seus dezessete anos de carreira solo. Além disso, basta uma simples audição de seu último álbum para comprovar que sua veia poética corrosiva e sua concepção musical estão a anos-luz da auto-indulgência e da repetição de fórmulas desgastadas atualmente apresentadas pela grande maioria dos músicos de sua geração. Assim, este não é um *comeback*, pois Lou nunca chegou verdadeiramente a sair de cena...

É certo que, por sua índole imprevisível, ele sempre alternou as luzes da ribalta com uma confortável penumbra, para onde se recolhia em meus momentos críticos, mas isto não o impediu de manter uma extrema coerência e um elevado padrão de qualidade em todos os seus trabalhos individuais, mesmo nos mais disparatados (*Metal Machine Music*, um álbum duplo só de ruídos de fitas e *feedback*) e nos mais infelizes (como os pouco inspirados *The Bells*, *Growing Up in Public* e *Mistrial*). É por isso que estes projetos devem figurar apenas como possíveis exceções — ou até mesmo como retratos fiéis das crises criativas atravessadas por Lou — dentro de uma produção essencial, que traçou diretrizes para o rock desenvolvido durante quase duas décadas, ao mesmo tempo que incorporava as suas inovações.

O próprio início da carreira solo de Lou deu-se de forma irregular quando, após abandonar o Velvet antes mesmo de terminadas as gravações de seu quarto LP (*Loaded*), afastou-se totalmente do meio musical, para retornar dois anos depois dentro do cena musical londrina, com um LP onde ele praticamente fazia um apanhado de canções do Velvet sob sua ótica pessoal. A produção deficiente deste álbum de estréia não conseguiu decolar a sua trajetória solo, mas foi suficiente para chamar a atenção de David Bowie, que em seguida da produziu o LP *Transformer*, o qual traria para Lou seu primeiro (e única) sucesso comercial: o compacto "Walk on the Wild Side". Seu passo seguinte seria bem mais arrojado e se transformaria em sua primeira obra-prima, o álbum conceitual Berlin. Produzido por Bob Ezrin e contando com músicos de calibre de Steve Hunter, Dick Wagner e Jack Bruce entre outros, o disco trazia Lou no apogeu de sua inspiração, tornando-se um dos mais importantes da década passada.

Durante os anos 70, Lou continuaria a se enveredar por diferentes molduras musicais para seus versos, às vezes pelo rock pesado (como em *Rock'n'Roll Animal* e *Lou Reed Live*), acompanhamentos límpidos (*Sally Can't Dance*, *Coney Island Baby*) e tendências jazzísticas (*Rock'n'Roll Heart*), até chegar a outro marco de sua carreira, com o excepcional LP *Street Hassle*, no qual novamente ousava em termos de concepção, misturando *takes* de estúdio com material gravado ao vivo com rara maestria.

O último álbum memorável de Lou, até o advento de *New York*, foi *Blue Mask*, no qual ele iniciou uma extensa colaboração com o guitarrista Robert Quine, o baixista Fernando Saunders e o baterista Fred Maher. Este último, inclusive co-produziu o novo disco junto a Lou, que conseguiu reunir mais uma vez um punhado de "assedas perfeitos" como o guitarrista Mike Rathke, o baixista Rob Wasserman e até a ex-Velvet "Mo" Tucker. Mas é o próprio Lou quem fala sobre este álbum nesta entrevista cedida pela WEA.

Fotos: Divulgação

No início dos 70, de esmalte preto: Lou entra em carreira solo, pelas mãos de seu fã/padrinho David Bowie

BIZZ — *Muitas das musicas de* New York *incorporam a "experiência urbana" americana. Como você sentia enquanto as letras estavam saindo? Você adotou conscientemente esta direçao?*

Lou Reed — Quando eu estava compondo essas musicas, percebi que havia uma direção e ela estava sendo dada pelas proprias letras. A certa altura, telefonei para Mike *(Rathke, guitarrista)* e disse: Você não quer dar um pulo aqui para a gente tocar um pouco" Tenho umas coisas que andei compondo e queria mostrá-las para você Quando ele apareceu confessei que toda vez que me sentava para escrever alguma coisa, o resultado acabava sendo sobre Nova York e perguntei o que ele achava. 'É isso!", ele respondeu, 'Eu sinto exatamente o mesmo que você sente, vamos levar isso aí até o fim!' Não foi intencional enquanto não chegou a esse ponto Não tive escolha As musicas pareciam sintetizar experiências e situações realmente tenebrosas que, para mim, podiam ser simbolizadas pela cidade Nova York .. e você sabe, o que acontece nas grandes metrópoles acaba se espalhando pelo resto do planeta — é uma questao de anos, temos visto isso acontecendo durante esse tempo. É vergonhoso ter de esperar que os garotos filhos de gente rica comecem a cair mortos para que alguém diga: 'Uau! Talvez seja uma boa idéia fazer algo contra a Aids' ou 'O controle de natalidade é importante ; para que comecem a propor soluções. Estes problemas ja nao estao sendo mais ignorados mesmo assim as soluções propostas caminham num sentido contrário Eu fico horrorizado com tudo isso Até este sentimento se transformar numa musica de três acordes rock'n'roll, que não passa de um pequeno veiculo

BIZZ — *Como é seu processo de composição? Você se "auto-seqüestra" e aí começa a escrever?*

FALTAM
5 PÁGINAS
PRA VOCÊ
VIAJAR COM
DOUBLE SOUND
MACHINE.

Julho de 1973: Lou descarta sua máscara *glitter* e a proteção de Bowie para lançar o tenebroso álbum conceitual *Berlin*, com Jack Bruce e Steve Winwood na banda

Lou Reed — Todo mundo me pergunta isso... existem vários processos. No caso deste disco, houve uma diferença: reescrever tudo, várias vezes. O processo girou em torno disso: passar um tempo sentado com a primeira versão, tentando tirar uma idéia única que sintetizasse tudo aquilo, isso com dois cadernos diferentes. Trabalhei muito junto com Mike, a participação dele no disco realmente foi fundamental — ficávamos tocando e tocando e tocando, testando todas as idéias possíveis. Quando ele ia embora, eu continuava em cima da coisa... isolado, para reescrever. Cada música do disco teve umas cinco, seis versões até chegar à definitiva. Essa é a diferença básica entre *New York* e meus discos anteriores. Essa é a força de reescrever — algo que sempre odiei fazer, desde os tempos da faculdade. É muito mais divertido improvisar tudo, de primeiro, e ponto final. Eu tinha a fama de ser bom nesse tipo de coisa, aliás. Quando eu... desta vez, aceitei a carga tediosa e hedionda de reescrever e reescrever.

BIZZ — *Você disse uma vez, ter sido influenciado por escritores como Raymond Chandler. As suas letras são sempre muito descritivas .. já estas tem um foco mais preciso. Você sentia isso enquanto reescrevia? Que tinha achado um novo ponto de foco para sua obra?*

Lou Reed — Bem, minhas letras tiveram uma influência muito forte de um homem chamado De more Schwartz, que foi meu professor na universidade e, em algumas circunstâncias, conseguiu muito com um mínimo número de palavras, e palavras das mais simples. Foi a primeira pessoa que eu ouvi usando expressões sensacionais do tipo "Me dê bastante corda que eu mesmo me enforco", "Até os paranoicos têm inimigos", "Você pode levar um cavalo até a água, mas não pode fazê-lo pensar"... Depois veio Chandler.. sempre me diverti muito com ele. Eu adoro Chandler, mas quem não adora? Um mestre das frases curtas e secas, coisas como — talvez eu esteja parafraseando — "aquela loura transmitia tanto prazer quanto um lábio partido" ou "Aquele guarda-costas era tão grande que parecia poder me segurar na palma de sua mão"... que foi o que senti quando encontrei Mike Tyson no elevador, uma vez, ele mora no mesmo prédio que eu... mas isto é uma outra história, nem cabe aqui. Mas .. esse tipo de utilização da palavra sempre foi o que mais me interessou, porque as canções, principalmente . no rock'n'roll, são bem curtas, não dá para criar um número muito grande de personagens, por exemplo. A imagem que você quer passar tem de bater tão depressa que possa ser visualizada. O principal, em *New York*, era mesmo uma questão de foco... sabe, separar aquilo que queria que as pessoas enxergassem do resto da paisagem. Por exemplo... isso bem antes de eu começar até a compor essas músicas... estava um dia assistindo um filme, nem lembro qual, mas era um bom filme... e de repente a câmera se deslocou e parou em cima de um objeto qualquer, me fez pensar — pode ser tão simplório, isso, mas me impressionou assim mesmo — me fez pensar: "O cara fez isso porque é o objeto que ele quer que enxerguemos neste cenário". É exatamente assim que estou mixando no estúdio. O foco é esse. E o mesmo vale para as letras: o que está acontecendo aqui? Qual é o foco? Qual é a idéia central? Daí todo esse processo de reescrever, para chegar nessa nitidez de foco. É um trabalhão. Principalmente para mim, que nunca me preocupei em tentar aperfeiçoar nada: o que veio, veio e é assim que vai ficar. Mas... oras! , eu tenho diploma universitário em língua inglesa, então tinha de ser um pouco bom nisso, tinha de ter algum talento para a coisa. Me forcei a me esforçar — uma questão de foco e disciplina que fiz questão de adotar. E, nesse disco, me custou três meses de trabalho — pode não parecer muito, mas no meu caso é — três meses compondo. Além disso, fazia quase três anos que não lançava um disco, então tive bastante tempo para pensar. Quando finalmente me sentei para compor, estes temas e assuntos já estavam mais do que reunidos na minha cabeça.

BIZZ — *A maioria das suas músicas costuma ter também um humor subjacente. É algo você coloca conscientemente ou faz parte do seu jeito pessoal de compor?*

Lou Reed — A maioria das pessoas que vem conversar comigo sobre este disco usa adjetivos como 'brutal', 'violento'. Mas eu também acho que existem coisas muito engraçadas nele. É claro que faço isso de propósito, pode ter certeza .. para dar um respiro, senão fica uma carga totalmente asfixiante e até unilateral. Me lembro das minhas leituras de Shakespeare: sempre vem, depois de alguma cena incrivelmente turbulenta, um pequeno *sketch* de comédia, como um teatro de revista. Sempre vou enfiando no meio algumas tiradas humorísticas,... e há canções como "Sick of You", que eu acho totalmente engraçada... há versos que são engraçados e tristes ao mesmo tempo. Você se flagra dando risada de uma coisa que, apresentada de outra forma, não seria nem um pouco engraçada .. é horrível, mas divertido. Esse tipo de humor faz a gente poder ter uma atenção maior, um tempo maior de visão antes de virar as costas.

BIZZ — *O disco começa de uma maneira muito específica, com apenas dois personagens* ("Romeo and Juliet") *a partir dos quais você vai edificar — eu odeio usar essa palavra, mas .. — uma canção física", no final.*

Lou — Meu Deus!

BIZZ — *Essa última música, "Dime Store Mystery". Como ela surgiu?*

Lou — O formato do disco como um todo me parece interessante, por que vai do específico — no caso de "Romeo and Juliet", dois adolescentes — até outros desdobramentos. A música seguinte, "Dirty Boulevard", está cheia de crianças, talvez uma versão infantil dos mesmos Romeu e Julieta .. vai amarrando uma noção de como se passa da infância para a adolescência, num sentido mais genérico, não tão específico. Aí na terceira música, surgem personagens que podem muito bem ser os pais dos garotos de "Dirty Boulevard". Daí para frente, mais personagens ainda, se perguntando sobre problemas como a ecologia, relacionamentos amorosos, ter ou não ter filhos, refletindo sobre assuntos genéricos ou coisas como porque as pessoas jogam as outras na frente dos trens às terças e não às quintas? Será que é por causa de alguma tabela de horários esquisita? Estão meditando e refletindo a esmo... Aí, quando chega o lado dois, já não existem mais personagens na primeira música — "Busload of Faith" — são conceitos. Depois vem "Sick of You", mais específica, falando um certo tipo de novaiorquino muito específico e toda a política envolvida. A política domina então as canções seguintes até a última música, "Dime Store Mystery", que ataca um velho e clássico problema humano, a questão 'Por que estou aqui? O que isso tudo significa? Se eu morrer hoje, me arrependerei da vida que tenho levado?' Também tinha ficado muito intrigado com o último filme de Martin Scorsese, *A Última Tentação de Cristo*, sua interpretação do personagem Jesus e sua personalidade dividida — achei fascinante a divisão entre natureza espiritual e natureza animal como inata ao homem. No filme — posso soar pretensioso, mas vou prosseguir — a natureza divina apresenta sempre um confronto para a natureza humana, há uma batalha eterna entre elas e esta luta é, na essência, o tema da canção.

BIZZ — *Por qual razão você a dedicou a Andy Warhol?*

Lou — Oh .. eu batizei de "Dime Store Mystery" *(algo como "o Mistério da Lojinha de Bugigangas")* como uma espécie de comentário irônico sobre este tipo de questão existencial e metafísica — que pode deixar a gente em profunda reflexão e que, ao mesmo tempo às vezes é chamada de filosofia barata. A reação de muita gente a questões desse tipo é: e daí? No fim, a canção acabou me levando à catedral de St. Patrick e acabei lembrando que foi lá que estive para o funeral dele. O velório, quer dizer. Percebi que tinha ido de Cristo até uma pessoa em particular que eu conhecera e que morrera, o que será que estaria passando pela cabeça dele agora? Entre um e outro, o conceito era o mesmo. Por isso dediquei a canção a Andy. Neste exato momento estou trabalhando num projeto que será realizado na igreja de St. Ann (N. do R. — *Em*

FALTAM
3 PÁGINAS
PRA VOCÊ
VIAJAR COM
SOUND MACHINE.

janeiro deste ano) e, se tudo der certo, no Brooklyn Academy of Music entre outubro e novembro. É um pequeno tributo a Andy composto por mim e por John Cale — você sabe, um dos membros fundadores do Velvet Underground. Se chama *Songs For Drella*. Ele nos teclados e viola elétrica e eu... bem, estarei tocando a única coisa que sei tocar, minha guitarra elétrica. Já temos quatorze músicas

BIZZ — *Como está sendo a experiência de voltar a trabalhar com ele?*

Lou — Muito divertida! Estamos nos divertindo a valer. É um grande músico, um grande cara

BIZZ — *Me lembrei agora de sua participação no projeto Sun City. O vídeo era impressionante*

Lou — Me envolvi com isso através de pessoas que vieram me chamar como representante nova-iorquino do projeto. Foi aí que conheci Bono, Rubens Blades... foi muito interessante. E nosso segmento, no vídeo, foi filmado por Jonathan Demme — obviamente, um cara cheio de talento. Foi uma experiência ótima, assim como o concerto beneficiente para pessoas sem moradia, que Paul Simon montou no Madison Square Garden. Acabei até fazendo *backing* para Dion (baladeiro, dos anos 50) — eu mais James Taylor, Paul Simon, Ruben Blades, Billy Joel... eu fazia o baixo (*simula um barítono de doo-wop*). Genial! Disse a eles que queria levar aquilo para a estrada .. eu tinha esperado a minha vida inteira por isso: cantar o baixo num arranjo vocal *doo-wop*! Por isso foi muito excitante para mim poder ter a participação de Dion em meus discos — ele faz *backing* em "Dirty Boulevard" é aquela voz aguda que foi mixada em alta — falamos sobre essa "focalização" — no final da música. Eu queria poder ouvi-la sem precisar ficar me inclinando para dentro do som. Essencialmente estou sempre gravando para mim mesmo, quero ouvir o som mixado do jeito que *eu* gosto .. Também vou entrar para o Rock'n Roll Hall of Fame (*"Galeria da Fama do Rock", instituído nos EUA cerca de três anos atrás*). Legal! Preciso começar a escrever meu discurso para a ocasião

BIZZ — *Você participou também da turnê da Anistia Internacional*

Lou — Foi a primeira turnê organizada por eles, só nos EUA, isso foi uns dois anos atrás. Acho que o convite partiu do Bono, que tinha conhecido no projeto Sun City. Foi ótimo! Seis cidades .. Na verdade, eu já tinha participado do Secret Policeman's Third Ball, o terceiro da série de shows beneficentes para a Anistia montados em Londres. Pediram que eu fizesse uma música especialmente para o projeto e compus "Voices of Freedom". O chato é que quase ninguém teve a oportunidade de ouvi-la. O disco só saiu na Inglaterra

BIZZ — *Com toda essa militância em que tem andado envolvido — além da Anistia, o Farm Aid — Você acha que a música pode mudar a consciência das pessoas?*

Lou — No caso do Farm Aid (*projeto beneficiente para fazendeiros americanos que estavam falindo*), foi John Mellencamp — uma grande figura. Era uma grande causa, mas — de certa forma — não teríamos nunca conseguindo mais que um tapa-buraco. Levantamos um dinheirão, mesmo assim não representava mais que um grão de areia numa praia. De certa maneira, é o que estou tentando fazer neste disco: fazer as pessoas perceberem e se tornarem conscientes do que acontece, para se mobilizarem a mudar a legislação vigente, tentar fazer alguma coisa, porque em termos de grana não dá para fazer nada. E como o problema do déficit público americano, que vem crescendo cada vez mais: um déficit de três trilhões de dólares. Não sei nem quantos zeros há em um trilhão! É um número tão grande que não dá nem para pensar nele concretamente, se torna algo totalmente abstrato: não significa nada! O problema do homem do campo sofre as mesma limitações. Meu disco *New York* tenta focalizar não só a cidade, como um pouco do que acontece fora dela.

FALTAM
2 PÁGINAS
PRA VOCÊ
VIAJAR COM
COPY RADICAL.

BIZZ — *Se fizer as pessoas ouvirem algo sobre coisas em que não estavam pensando, pode ser que faça alguma diferença*

Lou — Eu acho que a música pode mudar o mundo. Acho que já mudou e pode continuar mudando. Uma coisa em que sempre penso é na pessoa que está ouvindo música, principalmente com fones — toda essa gente que anda de *walkman* — nesse caso consigo pegá-las para um diálogo, para uma conversa a dois — sempre tento estabelecer essa relação de uma pessoa falando apenas com uma outra pessoa. Eu fui feito para os fones de ouvido

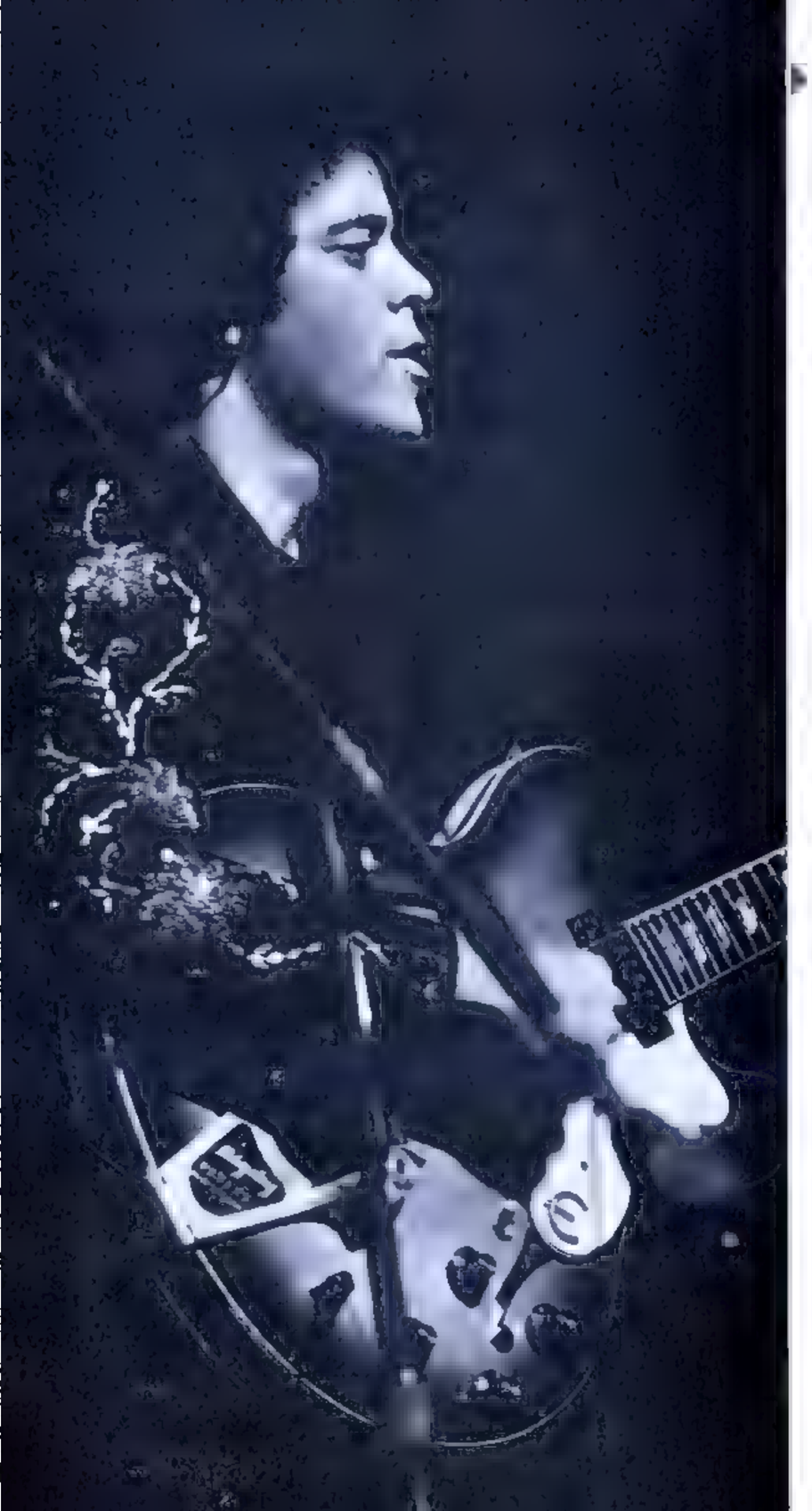
BIZZ — New York *tem também uma força que chega a ser, às vezes quase... minimalista. Foi algo para o qual você trabalhou conscientemente, se esforçando para isso?*

Lou — Antes de entrarmos no estúdio, já tínhamos decidido que queríamos usar o mínimo possível — nada externo à sua concepção, nenhuma nota a mais. Queríamos duas guitarras, um baixo e uma bateria. Só. Acontecia de ouvirmos um trecho gravado e pensar: poxa, ficaria legal aqui um violino, ou um sax. Aí tentávamos simular o mesmo efeito com as guitarras. Chegamos até a trazer um coro para tentar uma idéia e acabamos desistindo, optamos por fazermos nós mesmos o *backing*. Eu mesmo fiz, com uma mão do técnico de gravação. Tentamos manter tudo entre o núcleo inicial de cinco pessoas. Nós estávamos por dentro de toda a concepção da coisa, por isso podíamos desempenhar melhor que qualquer outra pessoa de fora, mesmo que ela fosse um instrumentista mais técnico. Nós cinco compartilhávamos uma só linha estética. Isso nos dava essa vantagem de *feeling*. E o disco inteiro era bastante no *feeling*

BIZZ — *E houve alguma razão especial para gravar* New York *em Nova York?*

Lou — É fascinante gravar em Nova York. (*Ouve-se, ao fundo, um som de sirene*) Ouviu? Eu estava sentindo falta disso... Já gravei em lugares como Montserrat e outros estúdios fora de Nova York, mas existe alguma coisa aqui que energiza o disco, que dá a ele um fio de corte especial. Há uma pressão muito grande,

A entressafra: posando para a capa do LP *The Bells*, lançado em 1979



para começar. Só tentar chegar ao estúdio, em si, já pode ser uma aventura... em outros lugares dá para ficar despreocupado e se concentrar apenas na gravação. Aqui, nunca se sabe o que pode acontecer. Para você ter uma idéia, no primeiro dia de gravação, tínhamos acabado de montar todo o equipamento, já estávamos começando a gravar quando, de repente, as luzes começaram a piscar, o gravador parou! Ficamos preocupados que tivesse arrumado a fita. Acabamos descobrindo que era um problema afetando toda a rede elétrica da cidade. Me lembro de uma vez — quando estávamos gravando *Street Hassle* — que houve um completo *black out*, com as pessoas saqueando lojas de eletrodomésticos e tudo mais. Saímos do estúdio e fomos até a esquina, onde encontramos um repórter de TV. Ele viu a gente e veio perguntar: 'Vocês viram o que aconteceu ?' Não, não,

BOA
VIAGEM.

o que aconteceu? 'É um *black out* total, a cidade inteira está no escuro, há lugares em que chamas de quatro, cinco metros de altura estão saindo da calçada. Minha reação foi: bem, estamos tirando o azar do caminho bem no começo da gravação, depois dessa tudo vai correr bem. Suspendemos a gravação... isso é gravar em Nova York. E este disco... bem, há várias pessoas gravando diferentes tipos de discos, para satisfazer as mais variadas necessidades... mas eu achei que havia tanta coisa acontecendo por aí que era importante chamar a atenção para esse problema. Por isso escrevi, na contra-capa, para o ouvinte tentar tratar o disco como se fosse um romance ou um filme, tentar ouvir tudo de uma vez, pois as músicas estão interligadas, a seqüência é muito importante e será muito melhor aproveitado assim, sendo levado a sério. É um disco sério, para adultos.

▸ S O M . P O R T Á T I L P H I L I P S ◂

PHILIPS

SE PRA VOCÊ SOM É UMA VIAGEM,
OLHA AQUI SUA BAGAGEM DE MÃO.

É pegar e não largar. Som Portátil Philips. Os aparelhos na medida certa para você curtir o maior som. Seja onde for.

▸ **COPY RADICAL** ◂ O som radical do jeito que você curte • Com Duplo Deck • Continuous Play • Copy • Radio com 3 Faixas de Ondas • Saídas para Fones • Controle Automático de Gravação

▸ **DOUBLE SOUND MACHINE** ◂ O dobro de emoção com Duplo Deck Soft touch • Continuous Play • High Speed Copy • Caixas Acústicas Destacáveis • Equalizador Gráfico com 5 Bandas • 4 Faixas de Ondas

▸ **SOUND MACHINE** ◂ O som que se liga em você • Deck com Comandos Soft touch • Caixas Acústicas Destacáveis • Radio com 4 Faixas de Ondas • Saídas para Fones • Controle Automático de Gravação

▸ **SKY MASTER** ◂ O som que acompanha o seu ritmo • Com FM estéreo • Headphones de Alta Qualidade • Controle de Volume Independente • Chip para sintonia.

▸ B E M - V I N D O A O F U T U R O B E M V I N D O À P H I L I P S ◂

SUCESSO FORA DE HORA

Por trás dessa aparência normal, os HOUSEMARTINS e sua trajetória nada têm de comum. Artífices preciosos de um pop inteligente e envolvente, eles dissolveram a banda quando ela ainda estava no topo. Para completar, começaram a fazer sucesso no Brasil pelo menos seis meses depois. O vocalista Paul Heaton faz uma análise póstuma desta história para Alexandre Lemes

Em 1984, depois de passar um ano viajando pela Europa, Paul Heaton voltou a Hull (norte da Inglaterra), sua cidade natal. Lá, iniciou uma colaboração com Stan Cullimore, que, alguns meses e membros mais tarde, viria a ser chamada de Housemartins.

"Quando saí da escola eu tinha poucas qualificações. Trabalhei algum tempo num escritório e depois fui viajar. Passei dois anos desempregado! Nessa época, eu conheci o Stan. Ele tocava guitarra e nos resolvemos montar uma banda. A gente tocava músicas nossas e algumas covers. 'Girl from Ipanema não é uma música brasileira? A gente tocava essa! *(risos)* Depois de um tempo, pensamos em ampliar o som da banda. Isso foi bem na época da greve dos mineiros e eu estava realmente revoltado. Arranjamos um baterista e um baixista e começamos a trabalhar um novo som. O Stan tinha saído da universidade, o Hugh *(Whitaker, primeiro baterista da banda)* e o Ted *(Key, primeiro baixista)* estavam desempregados. Para falar a verdade, nenhum de nós fazia nada de interessante antes dos Housemartins."

Paul, Stan, Ted e Hugh puseram mãos à obra, viajando e tocando pela Inglaterra, sem apoio de gravadoras ou de promotores. O esquema era bem precário: nada de hotéis nessas pequenas turnês, eles dormiam no chão da casa de quem oferecesse. "Tocávamos praticamente de graça. Depois dos shows, pegávamos nomes e endereços e mantínhamos as pessoas informadas dos outros shows que faríamos. Nós fizemos uma espécie de lista de correspondência. No começo eram dez nomes, depois cem, depois mil e assim foi indo." O sistema deu tão certo que a estréia em Londres deu o impulso que eles precisavam.

"Quando começamos a tocar em Londres, tínhamos evoluído muito como grupo. O Andy McDonald *(dono da Go! Discs)* veio nos ver uma noite e gostou muito. Nós éramos muito bons ao vivo naquela época, porque éramos jovens — pelo menos, mentalmente" *(risos)*.

* * *

Com as bem-sucedidas apresentações ao vivo como cartão de visitas e uma coleção de hits em potencial, simples e perfeitos, os Housemartins estavam prontos para tomar de assalto a cena pop inglesa. Em 1985, eles assinaram um contrato com a Go! Discs e lançaram seu primeiro compacto duplo, "Flag Day". Uma inserção na capa já fornecia indicações de que não se tratava de um grupo como outro qualquer: "The Housemartins are quite good", ou "os Housemartins são bons pra valer". O recheio demonstrava isso de forma mais concreta: eles conseguiam um equilíbrio entre melodias básicas mas não banais e letras inteligentes. "Sheep" — em cuja capa havia mais uma provocação típica da

banda ' Housemartins é a minha banda predileta" —, o segundo compacto, do começo de 1986, não deixou cair a peteca Mas foi com Happy Hour" que o (in)esperado aconteceu lançado em maio de 1986, chegou ao Top Ten Foi uma surpresa'

' De uma certa maneira foi Eu achava que éramos bons o suficiente para chegar lá A qualidade geral das músicas na parada deixava muito a desejar Mas, ao mesmo tempo nunca pensei que uma coisa dessas fosse acontecer com um cara como eu *(risos)* Sempre me considerei um perdedor Quando chegamos às paradas, me senti mal por ter essa oportunidade e usá-la Acho que foi por isso que acabamos nos separando: eu não queria entrar de corpo e alma no *music business* Os outros não entenderam isso É como abraçar uma pessoa quando você não está realmente com vontade

* * *

A esta altura, porém, já era tarde demais para voltar para trás Os Housemartins, depois do sucesso de "Happy Hour", eram comparados aos Smiths. Seu primeiro LP, *London O Hull 4*, entrou já no terceiro lugar da parada Na capa, mais uma gracinha na linha "housemartiniana Este disco contém doze canções e treze hits Paul Heaton e Stan Cullimore eram saudados pela imprensa como a mais talentosa dupla de compositores jovens que já havia aparecido. Em apenas quatro meses, o LP de estréia já havia atingido a marca de disco de platina O terreno para uma primeira turnê européia estava preparado A mistura de gospel, soul e pop era transposta para o palco com muito humor e harmonia perfeita, sem deixar de lado as mensagens políticas

Os números executados *a capella* faziam um sucesso tão grande que, um deles ' Caravan of Love" — versão do clássico dos anos 60 dos Isley Brothers , foi lançado como compacto Lançado no final de 1986, foi o primeiro compacto dos Housemartins a entrar direto na primeira posição dos Top Ten Apesar de alçados à condição de popstars numero um da Inglaterra, os rapazes tentavam não mudar de vida Continuavam baseados na pequena Hull, onde faziam parte de uma gangue que pixava coisas como "Marx, nós o amamos" e desenhos do Pimentinha, e reinvestiam todo o dinheiro em equipamento

* * *

Infelizmente, a paz não durou muito O vídeo de "Caravan of Love" gravado em uma igreja e com todos os membros dos Housemartins com cruzes raspadas nos cabelos — foi considerado blasfemo Ted, não muito contente com a vida na estrada, saiu da banda e foi substituído por Norman Cook, ex-DJ O

Após o fim da banda, o baterista Dave Hemingway e o vocalista Paul Heatton (sentados) fundaram o Beautiful South, já com um compacto lançado. Norman Cook e Stan Cullimore (de pé) seguem carreira solo

pior ainda estava por vir a imprensa marrom anunciou em enormes manchetes que os quatro rapazes eram homossexuais, chegando, inclusive, a envolver suas famílias O escândalo foi de tal proporção que os quatro mal podiam sair de casa sem serem assediados e perseguidos Hugh, não aguentando a pressão, também abandonou a banda O escalado para o posto de baterista foi Dave Hemingway

Como tudo isso afetou a banda? "Como banda não fomos afetados, mas como indivíduos, sim Na época — e hoje também —, eu saía com meus amigos, ia jogar futebol etc Mas quando isso aconteceu, essas coisas ficaram mais difíceis. As pessoas foram maravilhosas comigo, mas eu ficava imaginando se elas acreditavam em mim ou nos jornais Agora eu superei tudo isso."

* * *

Em 1987, os Housemartins entraram em estúdio para gravar o segundo LP, *The People Who Grooned Themselves to Death* A rotina do sucesso se repetiria pela última vez. turnês, compactos nas paradas e capas de revistas especializadas. Mas nem tudo ia bem No começo de 1988, eles lançaram a coletânea *Now That s What I Call Quite Good* — cujo título era mais um exemplo de seu humor peculiar — e, quase simultaneamente, anunciaram o fim do grupo. Por que raios uma banda anuncia o seu fim quando ainda está no topo?

Nós havíamos estabelecido desde o começo que nos separaríamos depois de três anos Foi uma coisa planejada Poderíamos ter continuado, mas aí perderíamos o rumo. Depois de três anos, acho que todo mundo queria que o grupo acabasse Foi uma separação amigável, mas, se tivesse durado mais um ano, não teria sido tão amigável."

* * *

Que mudanças aconteceram nestes três anos? Você sentiu que os Housemartins haviam fugido da idéia original da banda? "Sim muito Minha idéia era fazer boa música, com esperanças de chegar às paradas, se possível Eu sei que parece maluco dizer isso, mas acho que, para alguns membros da banda, chegar às paradas passou a ser a meta principal e a qualidade da música vinha em segundo lugar. Isto é exatamente o oposto do nosso objetivo inicial' O importante para mim é que a música tenha qualidade. Em princípio, boa música acaba chegando às paradas, embora nem sempre aconteça Nos mudamos muito, começamos a pensar muito em dinheiro. Todos nos mudamos para pior

* * *

A imprensa musical sempre insistiu em associar os Housemartins às mensagens políticas De quem foi a culpa? "Em parte, nossa Eles realmente se concentravam nessas letras . Você pode falar em política, mas, se você é famoso, cada palavra é dissecada e analisada Eu mentia só por diversão Eu contei milhares e milhares de mentiras aos jornalistas Devo ter contado uma ou duas desde que você ligou o gravador! *(risos)* Eles nunca escreviam sobre nossa música, era sempre sobre nossas roupas ou sobre alguma declaração política É claro que, na época, achávamos importante fazer declarações políticas, mas foi um erro. Eu não quero esconder nada, tenho orgulho da minha postura política mas eu fui ingênuo demais. Hoje em dia prefiro primeiro apresentar a personalidade da banda e depois as idéias políticas. Ou deixar que as músicas falem por si

* * *

Você ouve os Housemartins? "Não e nem mesmo ouvia na época Depois de ter ouvido uma música umas mil vezes no estúdio, não dá para ficar ouvindo em casa Só ouço Housemartins quando estou fazendo pesquisas para a minha nova banda, para ver o que deu certo e o que deu errado " Então, o que foi, que deu certo e o que deu errado? "Por um lado, as músicas são boas, por outro lado são ruins Na época eu as achava pessimas, sempre me decepcionava com a minha voz .. Mas acho que elas têm muito a ver com aquela época, tenho boas lembranças de 1986 As letras são um pouco ingênuas e musicalmente elas são básicas demais embora sejam refrescantes " Mas não era justamente essa simplicidade que fazia as músicas funcionarem tão bem? ' É verdade A fórmula mágica *(risos)* Curti a minha nova banda, estou tentando me livrar dessa fórmula Você corre o risco de virar paródia de si mesmo

* * *

Como está sendo a vida pós-Housemartins para cada um? "Eu formei outra banda e não vou te contar o nome porque você pode contar para algum jornalista' *(risos)* O Dave está na banda comigo O Stan gravou algumas coisas casou e teve um filho ontem O Norman voltou a trabalhar como DJ " Não adiantou Paul, não ter contado o nome da banda: algum jornalista descobriu que ela se chama Beautiful South, que já gravou um compacto que saiu pela Go! Discs Norman Cook também está trabalhando em um projeto solo e produziu o LP do Real Sounds of Africa

* * *

Você sabia que "Build" estourou no Brasil depois da banda ter acabado? ' Verdade? Eu sabia, mas para mim eram apenas números da gravadora Mas, agora que você está dizendo isso, eu acredito. Só acho uma pena que não tenha acontecido antes."

Bob Wolfenson

QUANDO A TRILHA BIFURCA

Uma proposta inédita: lançar simultaneamente um LP por uma grande gravadora e um vinil no formato independente. A nova investida do VIOLETA DE OUTONO traz a público duas faces distintas da banda que conquistou seu status de cult com uma releitura do psicodelismo dos anos 60. *The Early Years* é uma seleção de covers que visita as raízes do Violeta, enquanto *Em Toda Parte* mostra a banda em sua nova fase, às voltas com a eletrônica. Marisa Adán Gil apanhou o trio nos estúdios da BMG, em São Paulo

Foram dois anos de ausência, sentida tanto pelos velhos e fiéis admiradores da banda quanto pelos eternos curiosos sempre em busca de um sopro de criatividade no rock nacional. A não ser por esporádicos shows nas casas noturnas paulistanas, pouco se ouviu falar da banda desde o lançamento de *Violeta de Outono*, o primeiro LP, em junho de 1987.

Nessa época, Fábio (vocais, guitarra), Angelo (baixo) e Cláudio (bateria), já contavam com a reputação de banda cult sedimentada com a gravação, no final de 1986, de um mini-LP pelo selo independente paulista Wop Bop. Os dois registros no vinil e a performance dos rapazes ao vivo serviram para conquistar um público cativo, que viajava com a banda de volta aos anos 60 — berço do psicodelismo do Pink Floyd, Soft Machine, Beatles e até mesmo Stones (na fase *Their Satanic Majesties Request*).

A volta — retardada por razões alheias ao grupo — traz várias surpresas. A maior delas é o lançamento não apenas de um, mas de dois discos, com propostas diversas e em gravadoras diferentes (!). *The Early Years* sai até o final deste mês pela Wop Bop — são quatro faixas, nenhuma delas de autoria da banda. Como o próprio nome indica, é um retorno aos primeiros anos do Violeta — quando as covers eram uma constante nos shows, exercendo papel definitivo no seu amadurecimento musical.

O outro lançamento é *Em Toda Parte*, o segundo LP pela BMG-Ariola — nove composições inéditas que mostram um novo Violeta, voltado para a exploração de recursos eletrônicos antes inéditos no trabalho do trio. A gravação dos dois discos os obrigou a transitar por trilhas que dificilmente se cruzam: o esquema independente e as grandes gravadoras. O desafio foi vencido, sem maiores problemas — a não ser por um pequeno atraso, que deixou o Violeta estacionado durante quase um ano. Mas essa é uma longa história.

* * *

Em maio do ano passado, o futuro da banda era uma incógnita. Terminado o contrato com a (então) RCA, eles aguardavam há seis meses uma proposta de renovação. "Foi aí que o René, da Wop Bop, propôs que fizéssemos esse disco de covers, uma idéia antiga nossa", recorda Fábio. Já a meio caminho das gravações, a RCA procurou a banda para a renovação do contrato. A solução foi programar as gravações do novo LP para outubro, logo após o da Wop Bop. Nenhum dos dois lados protestou. "O disco de covers se encaixava mais no espírito da Wop Bop, mas já tínhamos material para o novo LP. As coisas se complementaram", esclarece Fábio.

A idéia inicial era lançar as covers em outubro do ano passado, um mês antes do LP. Falta de dinheiro, estúdios ocupados, reviravolta nos planos de gravação, os atrasos formaram uma bola de neve, que acabou empurrando os dois trabalhos para este ano. "O disco de covers era a entressafra entre os dois LPs. Um trabalho para os fãs, mas que ao mesmo tempo virava uma página, já que daí para a frente o Violeta ia mexer com elementos completamente diferentes", explica Fábio.

Mas para que recorrer às covers quando você tem um trabalho próprio? "Não faria sentido tocar uma música sem alterar nada em relação ao original", explica Angelo. "Por isso escolhemos faixas que propiciassem uma releitura, com a personalidade do Violeta, mas sem descaracterizar a música."

As opções incluíam Jimi Hendrix, Durutti Column e Echo & The Bunnymen, mas eles preferiram centrar o trabalho numa época específica — entre 1967 e 1970, quando floresceu o psicodelismo. Assim, acabaram entrando "Blues For Funday", do Gong, "Within You Without You", dos Beatles, "Citadel", dos Stones, e "Interestellar Overdrive", do Pink Floyd. "Essa época foi decisiva. De lá para cá, as coisas foram só recicladas. Todo mundo ouviu aquilo. Hoje em dia, é muito difícil você querer mostrar uma coisa completamente nova", enfatiza Fábio.

A preocupação em respeitar o original está presente em todas as faixas — mas é marcante em "Citadel", bastante fiel à versão dos Stones. "Funciona mais como uma homenagem a uma banda que foi muito importante para nós", explica Fábio. Já em "Interestellar Overdrive", apenas o tema foi preservado como base para um improviso do trio.

Entre as escolhidas, a mais estranha para os brasileiros é a do grupo Gong, do australiano Daevid Allen. "Essa música nos permitiu utilizar o potencial de power trio do Violeta", comenta Ângelo. Mesmo respeitando o original, eles decidiram incluir elementos novos, como o sax de Lívio Tragtenberg.

Em "Within You Without You" foram ainda mais longe, colocando um trio de cordas e programação rítmica. "Foi a primeira vez que usamos, e acabamos descobrindo que podíamos incorporar recursos eletrônicos no nosso trabalho", explica Fábio. Para isso, mudaram completamente o método de gravação, trocando o registro "ao vivo" por um processo mais lento, em que os detalhes iam se encaixando nas bases de baixo, guitarra e bateria gravadas anteriormente. A experiência acabou definindo uma mudança no som da banda, que se concretizaria no novo LP.

* * *

O lançamento da Wop Bop terá ainda um atrativo especial: as primeiras mil cópias serão acompanhadas de um fanzine e um compacto com material inédito — resultado de um trabalho pessoal de Fábio. "É uma coisa mais alternativa que o Violeta", adianta o vocalista, que tem mantido contato com músicos australianos envolvidos com a "ópera invisível". "É um tipo de música relacionado com a new age, mais especificamente com a *healing music*", acrescenta Fábio. A idéia é que as frequências sonoras atuam diretamente no corpo. "É uma outra viagem da música." O compacto deve trazer apenas uma faixa — embora Fábio já tenha 25 temas, que ele pretende desenvolver ao lado de outros músicos.

Outra atração à parte é a capa, que desmente a imagem excessivamente séria do grupo. "Escolhemos um sapo, porque representava as quatro bandas, a irreverência do Daevid Allen, o espírito psicodélico dos Beatles, a referência ao 'disco da vaca', do Pink Floyd, e, claro, a boca do Mick Jagger", explica Ângelo.

* * *

"Não queremos mais ser vistos como um grupo obscuro ou complicado. Por isso deixamos tudo mais seco nesse LP — essa é a essência do som do Violeta", declara Fábio, numa das muitas tentativas para explicar a

Fábio (acima) e Ângelo (acima à direita), em show na estação Brás do metrô (SP), em junho de 88. À direita, Cláudio arma a percussão para as gravações de Em Toda Parte

"nova fase". É mais fácil, porém, levar a agulha até a última faixa do lado A, "Aqui e Agora". O choque entre o "novo" e o "velho" Violeta é evidente, pela combinação inesperada entre a percussão eletrônica e o som "viajante" de baixo, guitarra e bateria, característico do grupo. "É uma mistura de uma coisa mais dura, que é a parte eletrônica com o nosso lado, cheio de climas, de improvisos", explica Fábio. Aos que estranharem os exóticos timbres de percussão, um recado de R.H. Jackson, produtor e um dos principais responsáveis pela mudança: os timbres imitam instrumentos da Indonésia, a partir de *samples* de outros sons.

Que ninguém pense, portanto, que a banda enveredou pela trilha do tecnopop. "Continuamos fazendo o mesmo som, só que com elementos novos. Não teria nada a ver fazer versões diferentes de 'Outono', ou 'Dia Eterno'...", explica Ângelo. Na verdade, a maior característica deste segundo disco é a diversidade de estilos. "É um ecletismo que abre muitos caminhos. Cada faixa poderia ser uma ideia para um disco diferente", completa Fábio.

Assim, o primeiro lado do disco traz as músicas mais pesadas, ou "dançáveis", na opinião de Ângelo. É ali que os fãs vão encontrar um som mais parecido com o do primeiro álbum "Em Toda Parte", a faixa que deu nome ao LP, já vinha sendo executada em shows — mas aparece num formato diferente, dividida em duas: o improviso que recheava a canção foi isolado, e recebeu o título significativo de "Rinoceronte na Montanha de Geleia" ("um trocadilho com jam", explica Fábio). Nessas duas faixas, não se recorreu a nenhum efeito — a não ser pelo solo de guitarra metálico, de "Em Toda Parte", executado por Silvio Golfetti, irmão de Fábio e guitarrista do Korzus.

Quem prefere a suavidade de "Faces" (hit do primeiro LP) deve cair direto no lado B, no qual o Violeta dá vazão ao seu lado acústico. Violões, cítara, flautas e improvisos no piano combinam-se para fechar o LP num clima intimista, que atinge o seu clímax em "Dança". "Ao vivo, ela era uma balada folk", explica Ângelo, "mas nas gravações fomos para outro lado, quase minimalista".

* * *

"Na verdade, ainda somos uma banda independente. O nosso único compromisso é conosco". Não existe nenhuma hesitação por trás da declaração de Fábio.

Eles brigaram com a falta de dinheiro do esquema independente e com as inconveniências de uma grande gravadora — mas valeu a pena. "O importante é que mantemos a integridade", comenta Fábio. Segundo ele, a gravadora não interferiu em nenhum momento no trabalho do grupo, nem se apressou em ouvir o resultado final. "Eles estão aí para divulgar o nosso trabalho, levar para o rádio, TV", opina Ângelo, para quem esse disco é mais "tocável" que o anterior. "Mas também se não tocar tudo bem. Quem comprou o primeiro vai comprar o segundo. Se fizer sucesso, ótimo, porque vai reverter em profissionalismo".

O otimismo dos rapazes não se estende aos seus colegas roqueiros — na verdade, eles se sentem à parte dentro do que se convencionou chamar de rock nacional. "Para ser sincero, não ouço mais rock", comenta Fábio. "O rock nacional não exerce nenhuma influência sobre a gente. Tem gente boa: Ira!, Barão, Gueto... Mas no geral é muito fraco musicalmente. Falta profissionalismo".

Nem mesmo o desmantelamento do selo Plug — com a recente saída de mais duas bandas, o Black Future e o DeFalla — abala a confiança do Violeta. Afinal, nenhum deles depende financeiramente da música: o baixista é fotógrafo profissional, enquanto Fábio e Cláudio são arquitetos. "Se o disco não vender nada, nossa vida não vai mudar. Vamos continuar tocando, fazendo o nosso trabalho", coloca Ângelo.

Nos próximos meses, eles excursionam pelo Brasil, expondo para o público a sua nova imagem. No palco, o Violeta pretende se expor da mesma forma que aparece na capa do LP (foto interna): com o auxílio de uma iluminação baseada na luz branca. "Queremos mostrar a nossa cara, não esconder mais nada", enfatiza Ângelo, responsável pelo tratamento visual da banda.

O Violeta de Outono ainda é uma cult band? "Temos orgulho disso, queremos continuar sendo uma banda cult. A gente lutou para conquistar esse público fiel, que merece o nosso respeito", responde Fábio.

Mas será que os velhos fãs não vão estranhar o novo Violeta? Ângelo: "Não temos o compromisso de fazer sempre as mesmas coisas. Se acharmos que o próximo disco deve ser todo acústico, é assim que vai ser. Eu acho que é isso que o público quer. Porque, no fim, o trabalho continua tendo uma unidade, que é a personalidade da banda".

David Bowie
apresenta
TIN MACHINE

David Bowie reúne
um time de craques
para fabricar uma máquina
do mais puro rock'n'roll.
O disco que estava faltando.

TIN MACHINE é:
David Bowie - guitarras e vocais
Tony Sales (ex Iggy Pop) - baixo e vocal
Hunt Sales (ex Iggy Pop) - Bateria e vocal
Reeves Gabrels - Guitarra lead

em LP e K7

EMI

PESOS PESADOS INESPERADOS

Vernon Reid — Você é brasileira! Como o nosso amigo Arto (Lindsay).. Ouvi dizer que o disco dos Ambitious Lovers está indo bem no Brasil. Acho o Arto fantástico. Bem, vamos a entrevista

BIZZ — *Vocês têm origens muito diferentes, musicalmente falando*

Corey Glover — Eu era um ator antes, em Nova York. Estava tentando formar uma banda mas nunca dava certo. Conheci o Vernon numa festa de aniversário. Eu estava cantando "Parabéns a Você" para a aniversariante e o Vernon gostou... *(risos)*. Ele pediu meu telefone e me ligou três anos depois, quando estava procurando um cantor para a banda. O William *(Calhoun, bateria)* estudou na Berklee School of Music, em Boston e aí foi tocar com o Harry Belafonte. O Muzz *(Skillings, baixo)* era músico em Nova York. Em uma época ele tocava com dezesseis bandas diferentes, reggae, pop, música latina, tudo

BIZZ — *Você estudou com Ornette Coleman Vernon?*

Vernon — Não, eu toquei durante muito tempo com Ronald Shannon Jackson, que é um discípulo dele e de suas teorias. Toquei durante uns cinco ou seis anos. Foi um grande aprendizado, em termos de música, de concepções musicais, da vida na estrada e do mundo. O Ornette me fez um elogio uma vez. Ele disse para Shannon, "*Vernon's got it*", eu fiquei emocionado. Ele é um gigante no mundo da música! Foi um grande privilégio

BIZZ — *Como a coisa funcionou quando vocês quatro se juntaram?*

Vernon — Quando começamos a tocar juntos, já existia um conceito pré-estabelecido. Mas foi quando começamos a compor que realmente nos juntamos e as coisas começaram a acontecer

Corey — A primeira vez que tocamos juntos foi no Brooklyn, com trens passando o tempo todo. Não é o melhor lugar do mundo para ensaiar *(risos)*. Mas assim que começamos a tocar, nos sentimos ligados

BIZZ — *Como foi que surgiu a identificação com o hard rock?*

Corey — É o tipo de música da qual todos nós gostamos

William Calhoun — Todos nós adoramos rock'n'roll. É parte da nossa história, crescemos ouvindo rock'n'roll. Apesar de ter tocado com muita gente, eu nunca havia estado numa banda onde todos os membros, sem exceção, gostassem de hard rock

Vernon — Para mim, foi um sentimento ao qual me rendi. Trabalhei algum tempo com um compositor de rhythm'n'blues e foi um grande esforço. Tentei realmente entrar naquilo, ser aquilo. Dei tudo de mim. Quando não conseguimos assinar nenhum contrato, cheguei a uma conclusão: você pode abrir mão de um monte de coisas e não chegar a lugar nenhum. Então, por que abrir mão delas? Foi então que fui tocar com Ronald Shannon Jackson, que era o oposto: ele não abre mão de nada em termos musicais. Depois de muitos anos tocando músicas dos outros, percebi que rock era a música para mim. Foi um processo lento, mas isso sempre esteve dentro de mim. E, também, existe uma grande tradição da qual fazemos parte. Crescemos com Malcolm X, Martin Luther King, Charlie Parker, John Coltrane lutando contra o racismo. Somos parte de uma grande cultura. Essa é a base do Living Colour

BIZZ — *Quais as principais influências que vocês têm em comum?*

William — Cada um tem gostos diferentes e também semelhantes. Quando estamos em turnê, todo mundo tira suas fitas da mala, parece uma loja de discos. Tem música clássica, rock, música brasileira, soul...

Corey — Ninguém nunca diz: "Ah, não quero nem ouvir isso!". Nós sabemos o poder que a música tem e estamos abertos para tudo

William — Para mim, tudo está ligado: o que acontece e o que está para acontecer na história da música. Para ir adiante, a primeira coisa que se deve fazer é ir para trás. É a base de tudo: a partir disso, você cria

BIZZ — *O rap é uma influência forte? Como foi a participação do Public Enemy no disco de vocês?*

William — O rap nos influencia, sem dúvida. O Vernon tocou em "Sophisticated Lady" do primeiro disco do Public Enemy. Somos amigos, grandes amigos

Corey — A nossa música, "Funny Vibe" era perfeita para eles. É sobre pessoas acuadas, subjugadas. A música do Public Enemy é exatamente sobre isso: estar subjugado e não ter uma voz. Foi uma escolha natural

BIZZ — *Como foi que Mick Jagger produziu duas faixas do disco — "Glamour Boys" e "Wich Way To America" — além de participar nos backing vocals e tocar guita?*

Corey — Vernon tocou no disco solo dele. Mick Jagger estava procurando guitarristas e um amigo comum sugeriu Vernon. Eu fui com Vernon na audição e o Jagger falou: "Já ouvi falar muito de vocês. Vou vê-los ao vivo um dia desses". Estávamos tocando no CBGB e, duas semanas depois, ele apareceu com o Jeff Beck. Ele ficou impressionado. Estávamos atrás de um contrato com uma gravadora, gravando demos, etc. Acabamos indo para o mesmo estúdio que Jagger e ele quis produzir duas faixas. Ele é um cara legal, realmente ama e aprecia a música, como nós. Eu mencionei Little Walter para ele um dia. No dia seguinte ele me deu uma fita com tudo do Little Walter que ele tinha. Ele passou a noite gravando a fita!

William — Trabalhar com ele foi confortável e relaxante. O cara é incrível! Quando ele começava a pular pelo estúdio como ele faz no palco, eu mal conseguia me segurar de vontade de rir. Foi incrível!

BIZZ — *Vocês se sentem próximos de bandas*

como os Rolling Stones?
Corey — Eles se baseiam nos blues, como nos. Eles obviamente utilizam elementos de música negra, eles amam a música negra. Antes de conhecer o Mick Jagger, eu era uma das pessoas que chamam isso de roubar, mas mudei de idéia quando o conheci. Ele aprecia ama e respeita a música negra

BIZZ — *Quais as outras bandas que fazem a mesma coisa atualmente?*
William — Existem bandas como os Red Hot Chili Peppers. Até o INXS, George Michael Steve Winwood. . Mas os Chili Peppers fazem isso de maneira mais aberta, eles realmente fazem da música negra mais do que uma influência. Existem muitas bandas com as quais sentimos afinidades, senão no som, pelo menos em conceito e atitude, gente como Tracy Chapman, Fishbone, Public Enemy. E qualquer banda nova, porque nós sabemos como é duro ser uma banda nova. E também com qualquer banda que lute por mudanças sociais, pela expansão da mente, por ser verdadeiro consigo mesmo.

Vernon — Afinidade é uma coisa engraçada. Estamos em turnê com o Anthrax. Eles são pessoas maravilhosas. Muita gente detesta a música deles, mas eu gosto deles e da música. Eles não são ligados em drogas ou em supremacia branca. Seus fãs têm sido ótimos conosco, não fazemos speed metal mas eles aceitam nossa música. Eu adoro Public Enemy. Temos muitas afinidades e tive o privilégio de tocar no primeiro disco deles e eles estão no nosso. E, de uma maneira estranha, sinto afinidade com Mick Jagger. Somos a única banda do mundo que tem Chuck D e Mick Jagger no mesmo disco! *(risos)*. E essa é a ponte que nos interessa.

BIZZ — *Vocês se interessam por world music?*
Vernon — A world music vai existir quer as pessoas prestem atenção a ela, quer não. Ela nos lembra que há outras coisas lá fora. As pessoas estão fazendo coisas incríveis com sintetizadores e vozes .. Há muito para aprender. Seria uma pena a world music virar moda para depois ser largada quando surgir a moda seguinte. Essa é uma péssima atitude, encorajada pelos críticos em geral. Olhe King Sunny Adé. E onde ele está agora? Continua fazendo músicas incríveis, só que ninguém ouve falar!

Corey — World music é uma grande influência nossa. Ela é muito importante no sentido de expandir o gosto das pessoas. Numa cidade cosmopolita como Nova York, por exemplo, as pessoas não têm onde ir para ouvir música do seu país, para se expressarem. A world music vai mudar tudo isso.

BIZZ — *Não existe o perigo do adjetivo "exotismo" colocar a world music num determinado lugar para não deixá-la se expandir?*
Corey — Existe esse risco. É o que acontece quando as pessoas não se abrem para culturas diferentes. Felizmente, existem certas rádios nos Estados Unidos que tocam canto gregoriano, música africana, Ornette Coleman, tudo em seguida. Tudo está ligado. É isso que queremos passar para as pessoas, é essa a nossa mensagem.

BIZZ — *O que vocês acham do termo heavy metal? Por que vocês preferem ser encaixados na categoria hard rock?*
Vernon — Metal tem certas conotações. Muitas coisas diferentes são chamadas de heavy metal. A experiência musical não tem nada a ver com gêneros, eles dizem pouco a respeito de música. Algumas pessoas ficam surpresas quando eu digo que gosto dos Cocteau Twins. Você não precisa ser uma determinada coisa para gostar dela. O baterista do Anthrax, por exemplo. Ele é o típico baterista de uma banda de speed metal. As pessoas acham que ele tem um cérebro do tamanho de um amendoim *(risos)*. Mas quando estamos no ônibus, viajando, ele ouve "Pride". . É disso que ele gosta. U2. Gêneros e rótulos são prisões, nos recusamos a ser submetidos a eles. Rótulos dizem respeito a roupas, discotecas, à turma com a qual você sai, não tem nada a ver com música. O máximo que podemos fazer é tocar e esperar que, depois de nos ouvirem, as pessoas parem para pensar e considerar certas coisas. Se elas não fizerem isso, é porque são preconceituosas. Tenho certeza que muitas pessoas mudam de idéia a respeito de rock'n'roll depois de ouvirem Living Colour ou Fishbone.

Muzz Skillings — Heavy metal é apenas um dos aspectos da nossa música. Ela tem muitos outros elementos.

Corey — Durante muito tempo não havia uma voz negra no rock. Havia algumas bandas com o Bad Brains, mas eram muito underground. O que nós fizemos foi mostrar que este cenário existe, que existem outras vozes além da música anglo-saxã branca.

BIZZ — *Como é que vocês vêem a história do hard rock do Led Zeppelin até o Metallica e Anthrax?*
Corey — O Led Zeppelin era uma banda baseada no blues. O que acontece agora é que as pessoas só estão ouvindo Led Zeppelin e copiando Led Zeppelin. Não estou dizendo que o Metallica e o Anthrax estão fazendo isso.

BIZZ — *Mas sim bandas como Guns'n'Roses. .*
Corey — E o Whitesnake e outras mais. As pessoas estão recebendo tudo isso de segunda mão. Nós queremos que as pessoas entendam o que está acontecendo. Se você ouvir Metallica e o Whitesnake em seguida, você pode perceber bem a diferença.

BIZZ — *Vernon, você é um dos membros fundadores do New York Black Coalition. Como funciona esta organização?*
Vernon — Nós damos aos músicos a sensação de pertencer a um lugar e lutamos contra o racismo. Muitas pessoas têm que lutar muito para achar uma identidade como músicos, dentro dos padrões que a sociedade e a indústria musical estabelecem para os negros. Nossa máxima é: "você é que deve fazer as coisas funcionarem". Temos pessoas diferentes fazendo coisas diferentes. Quando começamos, ninguém queria saber da organização, nem mesmo a imprensa alternativa.

Muzz — A banda está toda envolvida e apóia a organização. Achamos que as pessoas devem ter um meio de expressão. Afinal, é isso que faz um artista. Ser um artista é criar seu próprio mundo e convidar as pessoas a curtirem esse mundo. A música não pode ser uma coisa estagnada.

BIZZ — *O Lemmy, do Motorhead, numa entrevista coletiva no Brasil, disse que gosta muito de vocês.*
Vernon — Ele sempre vem aos nossos shows. Estou contente por ele estar no Brasil, mas é uma pena que ele não esteja aqui para nos ver. Quando estávamos tocando no Marquee (Londres) no ano passado ele veio nos ver e disse que tinha adorado o show. Mas ele prefere nossas músicas mais pesadas *(risos)*. É maravilhoso ser elogiado por alguém como ele. Ele faz parte da história do rock.

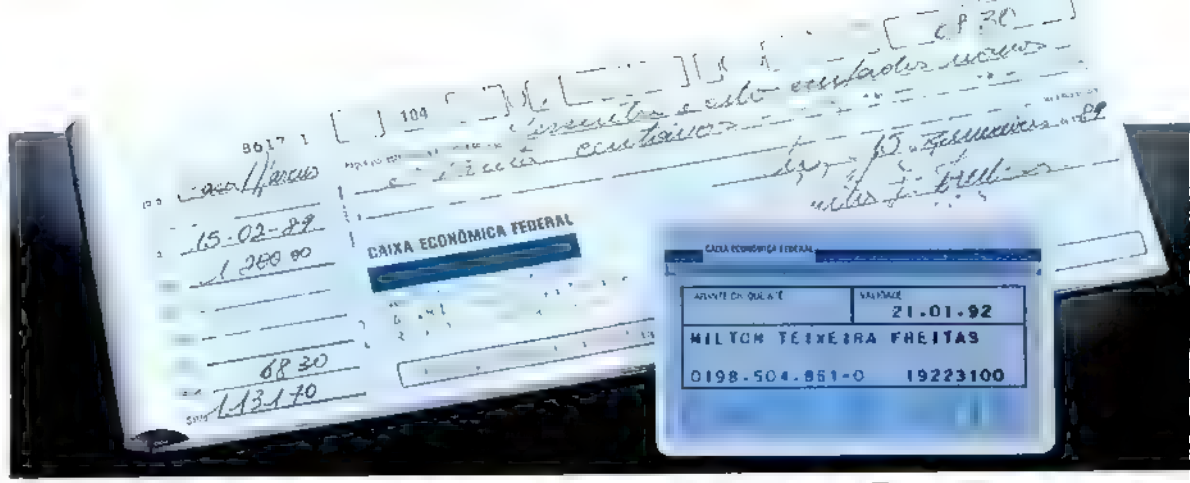
BIZZ — *Por que vocês gravaram "Memories Can't Wait" dos Talking Heads?*
Vernon — É uma grande música e não foi lançada como single. Foi uma experiência. Tem um baixo fantástico, uma bateria brilhante. Ninguém acreditava que gravaríamos essa música, mas ela tem mais a ver com a gente do que parece.

BIZZ — *Vocês conhecem música brasileira?*
Corey — Eu gosto do Djavan. Nos Estados Unidos ele é visto como um artista de jazz. Eu não o considero nem jazz nem pop, mas sim algo entre os dois.

William — Como baterista, tenho verdadeira paixão pelos ritmos brasileiros. Quando toquei com a banda de Harry Belafonte aprendi muito a respeito dos ritmos africanos e brasileiros. Há uma riqueza incrível na cultura brasileira. Foi uma grande educação.

Por *Anamaria G. de Lemos*, de Londres.

"Crescemos com Malcolm X, Martin Luther King, Charlie Parker, John Coltrane lutando contra o racismo. Somos parte de uma cultura. Essa é a nossa base"



COM CHEQUE AZUL VOCÊ NÃO PASSA EM BRANCO.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

NICK CAVE

Ele foi logo avisando: "Eu não entendo nada de música". Suas primeiras aquisições foram dois compactos do **Tijuana Brass,** "Spanish Plays" e "Pin Ups", quando tinha 10 anos — "Na verdade, pedi para minha mãe comprar". Seus discos prediletos de todos os tempos são *Slim's Stomp* de **John Lee Hooker** e um disco dos **Alabama Singers,** que disse ter aparecido com títulos diferentes. Prefere blues, gospel e country aos grupos modernos. Entre os grupos australianos, ele cita **The Reels** e **The Saints,** que "provavelmente foram minha maior influência nos primeiros tempos".

Nick diz que é conservador em relação ao que ouve. Não gosta muito de grupos modernos, com exceção dos **Pogues** ("eu acho eles ótimos!") e do Gun Club, Crime and City Solution, Einstürzende Neubauten, D e Haut que são as bandas de origem dos músicos que compõem os Bad Seeds ("eu devo citar os nomes?"). Recentemente, antes de vir ao Brasil, estava ouvindo música brasileira: **Jorge Ben, Maria Bethânia** e **Gilberto Gil.**

John Lee Hooker "I Don't Want Your Money" (John Lee Hooker)
"É John Lee Hooker. Ele é uma das minhas maiores influências. Ele tem uma das melhores vozes, as melhores letras... Eu redescobri John Lee Hooker há uns cinco anos. É o tipo de música à qual eu estou sempre retornando .. Depois de um tempo ouvindo outros tipos de música, eu acabo voltando para John Lee Hooker. Ele sempre reservo muito mistério para mim. É um grande letrista .. *(riso constrangido)* Muitas das nossas músicas têm referências a músicas de outras pessoas. 'City of Refuge' é baseada em Blind Lemon Jefferson. Eu acho que vocês escolheram essa música especificamente por causa de 'Deanna'."

Picassos Falsos "Carne e Osso" (Humberto Effe/Luis Gustavo/Abílio/Caka)
"O que é isso? Você não vai me dizer o que é isso? Isso me lembra Pere Ubu... Você quer saber o que eu acho? Não sei o que pensar. Parece interessante mas eu não entendo muito esse tipo de música. É mais interessante do que se fosse cantado em inglês, provavelmente porque eu não entendo a letra. É uma gravação de estúdio? Parece muito influenciada por música inglesa e americana desse estilo. Eu não gosto deste tipo de música, seja ela americana, inglesa, australiana ou brasileira."

Frank Sinatra "Sunday, Monday or Always" (J.Burke/J. van Heusen)
"Eu também não sei o que é isso... Você não vai me dar uma pista? Eu ouço muita música antiga mas não esse tipo de virtuose, você sabe, quando as pessoas cantam bonitinho. Eu tenho uma suspeita mas não vou falar... É Bing Crosby, por acaso?"

Japan "All Tomorrow's Parties" (Lou Reed)
"Eu conheço essa canção, é claro, mas não sei quem está cantando. Eu sou fã do Velvet. Não gosto muito dessa versão. Eu acho que nunca alguém chegou perto da versão do próprio Velvet, incluindo a gente. Essa é uma das minhas canções prediletas do Velvet... Não gosto da guitarra. O jeito de cantar também é horrível."

Burt Bacharach "Futures" Burt Bacharach
(Logo nos primeiros acordes) "Isso não é inglês. *(Longa pausa)*. Isso parece bem legal .. De fato, é bem legal. Não sei mais o que dizer."

Ivan Rebaff e seu conjunto de balalaicas Troika "Stenko Rasin" Canção folclórica russa)
(Rindo) "O que é isso? Eu preciso de ajuda .. Também não sei o que é isso. É 'The Carnival is Over' (*) mas não sei quem é, de novo. É uma versão boa mas eu prefiro a dos Bad Seeds. É interessante."
(*) De fato, ambos os músicos possuem praticamente a mesma melodia

ADI DASSLER, O PAI DOS CALÇADOS ESPORTIVOS

O conceito moderno de calçados esportivos foi criado na década de 20 por um atleta. Seu objetivo era: "equipar da melhor maneira todos os esportistas".

Há 100 anos um candidato à esportista, antes mesmo de começar a praticar seu esporte preferido, enfrentava um obstaculo quase intransponível: a falta de equipamentos. E quem corre, joga tênis ou futebol, sabe que o único acessorio, realmente, indispensável e o tênis.

Afinal, como enfrentar a frequente rispidez dos pavimentos, o calor e o atrito com o chão, com os pes descalços? Impossivel, da mesma forma que nenhum atleta suporta exercitar-se com um tênis apertado.

Pois, ainda no inicio deste nosso século o esportista não tinha muita escolha. Os tênis eram apenas anteprojetos de calçado, normalmente de couro, duros e desconfortaveis. Só um verdadeiro atleta sabia o "tamanho do aperto" que seus pés enfrentavam. Até por isso, foi um atleta alemão que em 1920 desenvolveu o primeiro "tênis esportivo" da nossa era.

Adi Dassler morava em Herzogenaurach, uma pequena cidadezinha alemã, quando resolveu criar o primeiro tênis específico para ginástica. E le mesmo, aos 20 anos de idade, desenhou o modelo e concebeu-o com suas proprias mãos, já que, na epoca, a cidadezinha onde Dassler morava não tinha ainda energia elétrica.

Depois desta primeira tentativa, que causou furor entre os atletas, Adi Dassler com a motivação própria de um esportista passou a pesquisar as necessidades de cada esporte. Jogou hóquei sobre o gelo, praticou futebol assumindo quase todas as posições e conquistou muitas medalhas no atletismo. Em cada modalidade, procurava saber exatamente onde o "pé apertava", para aperfeiçoar futuramente seus calçados.

A sua filosofia era "equipar da melhor maneira possivel todos os esportistas"

No inicio de sua carreira de "sapateiro esportivo", os maiores beneficiados por suas descobertas foram seus proprios colegas de esporte. Adi Dassler — sempre insatisfeito — fornecia os calçados para os atletas amigos — alguns dos maiores esportistas do mundo usarem e testarem, para que depois pudesse aperfeiçoar os modelos.

Até então, todo o seu conhecimento foi desenvolvido na prática dos esportes e da produção manual e individual de calçados. Foi apenas na década de 30, que Dassler frequentou uma escola profissional de calçados, completando o curso de dois anos em apenas 12 meses.

Toda esta sua experiência na fabricação de calçados produziu uma serie de conceitos aplicados até hoje. O principal deles é o desenvolvimento de calçados especificos para cada modalidade esportiva. Afinal, Adi Dassler descobriu que o calçado tinha que atender as necessidades "fisicas" de cada esporte. Assim, a fôrma, o solado e o material deveriam ser adequados ao tipo de movimento e exigência particular da modalidade esportiva.

Mas não é só. Com o tempo, os atletas e fabricantes de calçados esportivos entenderam porque Adi Dassler queria equipar bem o esportista. Hoje e impossivel imaginar a quebra de um recorde olimpico, sem o auxilio de um calçado esportivo especifico, desenvol

vido a partir da mais sofisticada tecnologia.

Alem disso, um bom calçado é a melhor maneira de previnir os acidentes esportivos — torções, lesões, inflamações — ja que ele é concebido para proteger o corpo e oferecer o melhor rendimento conforme determinada exigência do esporte.

Toda vez que surge uma nova modalidade esportiva, nasce junto com ela, um novo modelo de calçado esportivo, ensinava o mestre Adi Dassler. Uma lição posta em pratica pela primeira vez em 1948, quando Dassler fundou com apenas 47 funcionários a ADIDAS — derivada da contração de seus dois nomes —, uma empresa marcada pelo pioneirismo de seu fundador e pela tradição da qualidade de suas três listras.

Desde aquela época, a ADIDAS preocupou-se em oferecer ao atleta consumidor um modelo de tenis especifico para a sua atividade esportiva preferida. Sem exageros, é possível afirmar com absoluta segurança que a ADIDAS tem, hoje, um calçado especial para todas as modalidades. Inclusive para àquelas recém-inventadas, como o "cross trainning" — um esporte que combina ginástica, tênis, corrida e até musculação — que está causando furor nos Estados Unidos e Europa e promete em breve estourar no Brasil. Sempre para facilitar a prática do esportista — seria impossível trocar de calçado três vezes para acompanhar a aula na academia — a ADIDAS desenvolveu a linha multiesportes, onde um único calçado é capaz de oferecer o melhor desempenho para diferentes modalidades e movimentos. O segredo desta incrível harmonia está na alta tecnologia utilizada na produção do calçado. Com cano alto — os modelos AC 300 e AC 200 — e médio — AC 100 — o tênis possui um solado de borracha tricolor desenvolvido para a prática esportiva em qualquer tipo de piso. Sua entresola garante a absorção completa dos impactos com o chão. Para dar maior firmeza e segurança ao pé, o tênis é reforçado externamente com borracha e o seu colarinho é pré-moldado em material mais resistente.

Outra grande novidade é o seu sistema de amarração mais compacto, que oferece um melhor ajuste ao pe E mais conforto, conforme ensinou Adi Dassler, tambem conhecido como o "sapateiro dos vencedores".

Scala (RJ)

Richard Sidgis and Bia

"O Grande poeta Louco do Rock" (como foi anunciado pelos promotores nativos) e suas sementes ruins" fizeram uma estréia memoravel no Brasil. Aposto que poucas vezes o palco do Scala — que Nick Cave achou parecido com os nightclubs de Las Vegas — viu uma banda tão simples e, ao mesmo tempo, tão poderosa. Aposto mais, vai demorar para ter outro show parecido com esse. Quem perdeu, pode ir se lamentando.

Richard Sidgis and Bia

O som não tem mistério. Blixa Bargeld *(Einstürzende Neubauten)* rasga sua guitarra enquanto Mick Harvey *(Crime and City Solution)* usa seu baixo preciso como fio condutor, das melodias ou da barulheira. Kid Congo Powers *(ex Cramps, Gun Club)* faz suas intervenções guitarrísticas de maneira discreta e eficiente. Thomas Wydler *(Die Haut)* espanca sua caixa. O único que não disse muito a que veio foi o teclado de Roland Wolf, que se no LP confere riqueza aos arranjos, ao vivo não aparece muito. Em conjunto, é pesado, é sutil. Uma incursão moderna às eternas fontes dos blues, do gospel, do rock básico dos anos 50.

Nick, logo nos primeiros minutos de show, revelou sua extraordinaria capacidade de impregnar cada inflexão de voz de sentimentos em estado bruto. Sua figura esguia e simpatica fora do palco, fica distante da tranformação que se opera quando esta cantando. Seu corpo em transe dramatiza cada palavra de suas letras plenas de melancolia, desespero e ternura.

De *black jeans* e camisa branca de smoking entreaberta, deixando ver um crucifixo dourado, ele já entrou atacando "From Her To Eternity". Todos estao um pouco tensos nas primeiras músicas, mas logo que começa a *light* e dançante "Deanna" a platéia, que até entao esteve meio desentendida, se rende aos encantos de Nick "the Singer".

O pregador em fogo nos brinda com uma sequência de quatro canções sublimes. A primeira é "Your Funeral... My Trial", pungente e arrebatadora. Em seguida, "Mercy" e "Mercy Seat", transbordantes de terror, que Nick cantou debruçado na platéia o tempo todo. O paroxismo foi com "I'm Gonna Kill That Woman" (John Lee Hooker, um de seus heróis) em que quase se podia ver o facão imaginario que Nick segurava para exterminar aquela mulher que só lhe dá problemas. No meio do estado de graça, era irritante ver uns basbaques pedindo "I'm Gonna Kill that Woman" minutos depois de ele ter *acabado* de cantá-la. Outra nota, essa engraçada, foi a da garota que fumou o show inteirinho porque no começo Nick tinha pedido seu cigarro para acender o dele.

Nick encerra, depois de uma hora com a dobradinha "Jack's Shadow" e a cover de "The Singer", de Johnny Cash. A decepção de um show um pouco curto foi largamente compensada por um longo bis, "By the I Get To Phoenix", que havia sido uma das mais pedidas, numa versao lenta até a exasperaçao e "All Tomorrow's Parties", reduzindo, com todo o respeito, o Velvet Underground a pedacinhos. Mais uma cover de John Lee Hooker, "Black Betty" e por fim, a musica mais alto astral" do LP *Tender Prey*, "New Morning".

Quem esperava um show depressivo e maldito deu com os burros n'água. E claro que não é uma celebração da alegria de viver mas não tem nenhuma pose, nenhuma intenção obscura no show do Seeds. Se nos sentimos levados aos infernos nao e por culpa de Nick. E só porque o fim está próximo, mesmo. *Bia Abramo*

Los Angeles Forum

Thomas F. Gaffey

"Ah, o conforto do sucesso cult". Os teatros sao pequenos, as platéias estao sempre ganhas, a crítica já sai de casa gostando de você. Em compensação... Ah, o terror do sucesso de massa! Os estádios são gigantescos, as platéias híbridas e dispersivas e a crítica esta desconfiadíssima de que, afinal, você se vendeu! Se entregou! Se prostituiu!

Este deve estar sendo o atroz dilema do R.E.M. em sua primeira grande turnê americana, com o lastro do sucesso de *Green*, seu primeiro álbum fora da independente I.R.S. e dentro da poderosa Warner. Logo eles — que cantaram "suspeite de você/ não se deixe apanhar" — a banda universitaria quindim da crítica, delicia das radios *college*.

Na noite em que o Forum de Los Angeles estava superlotado, Michael Stipe e seus amigos nao se deixaram apanhar. A tensão de tocar num lugar tao grande foi transformada em algo positivo, mordaz, cortante. Quase todas as musicas muito conhecidas, especialmente "Welcome to Occupation", "Auctioner", "Driver", "Finest Work Song" e "It's the End of the World" tiveram seus andamentos acelerados até a fronteira thrash, acrescidas de detalhes dramaticos como Stipe batendo monocordicamente no encosto de uma cadeira de metal em "Occupation" ou cantando através de um megafone em "Auctioner" — O efeito era de desnudamento e desafio. A banda desvendava possibilidades e inflexoes ainda desconhecidas, instigando a platéia a manter-se acordada e atenta sem se acomodar ao conforto celebratório de um repertório do tipo "greatest hits". Por contraste, as novas canções de *Green* foram desacreditadas e interpretadas com minúcias, requintes e às vezes, com fina ironia, como em "Stand", que foi anunciada como "provavelmente a nossa música mais idiota".

Ao seu comportamento habitual em cena — Stipe despindo progressivamente varias camadas de roupa, o uso paramonioso de luz, a retroprojeção de filmes domesticos e imagens psicodélicas —, o R.E.M. acrescentou alguns comentários interessantes sobre a própria situaçao de estar tocando num ginasio. Sistematicamente ao longo do show, Stipe anunciava as canções usando as mesmas palavras: "Esta é uma canção de grande motivação pessoal e conteúdo emocional, composta especialmente para você". Na abertura do show, a tela ao fundo do palco reproduziu o seguinte texto: "Alô (coloque aqui o nome da sua cidade)! É bom estar de volta a (coloque aqui o nome da sua cidade)! Voces estao prontos?! (coloque aqui o ruido da multidao)".

No final da primeira parte — com "It's the End of the World", seguida por mais quatro *encores* —, a tela voltou a mandar mensagens para as dezoito mil pessoas que abarrotavam o Forum. "Dirijam com cuidado. Informem-se. Saibam dissoc cada um de vocês é um profundo conhecedor de generalidades". Quando terminou o último bis, Stipe deu seu único recado espontâneo da noite. "Vão às barracas de informação (N. da R. *da Anistia Internacional e da Rain Forests Foundation, atual causa-de-estimação do pop militante*). Se você está no exército, saia e entre na universidade. Se você está numa universidade, saia e entre para a vida". Eu não me recordo de muitos shows em ginásios terminando desse jeito!

Ana Maria Bahiana

Canecão (RJ)

Quem for assistir a um show do Ultraje querendo algo mais que uma esbornia musical, perderá, com certeza, seu precioso tempo, dinheiro e paciência. E nem tente, incauto leitor, culpar a banda por este equívoco. Eles bem que avisaram: "não esperem nada de novo"

E justamente pela sinceridade desses quatro marmanjos, que suas picardias estudantis convencem. Um dos pioneiros na mistura de humor e sátira político-social — sob a forma de rocks básicos com letras sacanas e desaforadas —, o Ultraje consegue ainda surpreender. Dessa vez, invadindo literalmente as praias cariocas em janeiro, num pré-lançamento do terceiro LP, *Crescendo*, percorreram a orla marítima a bordo de um animadíssimo trio elétrico.

Agora, nesta estréia da turnê nacional, o clima é outro. Sem chegar a ser uma apresentação fria, estava muito abaixo do desempenho habitual do grupo, oscilando entre uma ligeira empolgação e uma dormência atroz. Ainda que este seja o primeiro show depois de quase um ano fora dos palcos, com um público morno e miúdo numa quarta-feira e até mesmo com os desacertos no som, que parecia não ter sido checado de véspera, o Ultraje tem cancha suficiente para contornar tais problemas. Talvez faltasse um pouco mais de audácia — a mesma que, anos atrás, os colocaria no palco do Circo Voador apenas de sungas, bem antes do estouro na mídia.

Das vinte composições apresentadas, oito fazem parte do último LP e, portanto, são ainda pouco conhecidas. Contrariando o hábito de "guardar a música de trabalho para mais adiante", abrem com "Filha da Puta", introduzida por "Crescendo" em fita pré gravada — um sarro em cima da eletrônica, com pequenos episódios durante o show.

A estréia do guitarrista Sérgio Serra como vocalista em "Laços de Família" e "Querida Mamãe", ambas de sua autoria, não deve nada a Roger. Entende-se pouco do que eles cantam. Devia contentar-se com o espaço (nada pequeno) concedido a seus esmerados solos. Com a guitarra, o garoto não faz feio.

As covers — que já faziam parte do repertório do grupo — em breve sairão em disco. Para esta sessão, escolheram "Slow Down" (gravada pelos Beatles e pelo Jam), "Atirei o Pau no Gato" ou "Constituinte", como foi rebatizada pelo Ultraje e, ainda, "Pode Vir Quente Que Eu Estou Fervendo", de Erasmo Carlos.

Os melhores momentos ficaram por conta dos antigos sucessos, que não são poucos. Alguns ganharam até um toque diferente. "Sexo" vem acompanhado de um medley de "Manuel", de Ed Motta e "O Que", dos Titãs. Em "Ricota", de Edgard Scandurra (para quem não sabe, um ex-componente do Ultraje) — gravada anteriormente pelo também escrachado João Penca e Seus Miquinhos Amestrados —, Roger apresenta seu "trombone de boca". Bem mais condizente com o trabalho do grupo do que aquele insuportável solo de flauta. "Mim Quer Tocar" tropeça no início. Roger interrompe e, virando para Leospa, adverte: "vamos ter que ensaiar de novo essa entrada", com seu peculiar tom farsesco. Vale lembrar que durante essa música, em shows passados, moedas eram arremessadas ao palco generosamente pela platéia ao ouvir Roger gritar "dinheiro". Com a crise, foram poucos os que enfiaram a mão no bolso.

Mais lembranças dos velhos tempos vieram com o bis. Aliás, um espetáculo à parte. Como se tivessem feito do show apenas um ensaio, voltaram num fôlego só para mais seis músicas, entre elas, "Independente Futebol Clube", "Nós Vamos Invadir Sua Praia", "Marylou", esta com total adesão da platéia. Quase que a vaquinha foi pro brejo.

L.C.

Olympia / Parque Antártica (SP)

Rod foi um bode. A velha voz rouca continua lá, sua banda é profissionalíssima, o cara trouxe oitenta toneladas de iluminação, P A e tal. Mas tanto seu show de estréia em SP, no Olympia, como sua apresentação no Palmeiras foram geladas e soporíferas. A burocracia reinou absoluta nos dois dias.

Culpa de quem? Do inevitável passar dos anos, que Pete Townshend previa fatais ao espírito do rock quando cantava "Hope I Die Before I Get Old"? Provavelmente não. Os brasileiros já viram, até recentemente, velhíssimos ainda incendiários como B. B. King e Buddy Guy.

Talvez seja, então, uma questão de cor da pele e de excesso de dinheiro. Não. Bowie, Ferry, Keith Richards e tantos outros estão todos quarentões, ou quase, e ainda arrepiam ao vivo.

O ponto central talvez seja excesso de Los Angeles, não tanto como definição de geografia mas de estilo de vida, que tem como signos máximos champagne californiano, limusines brancas e loiras pernudas e tingidas. Rod, lembrem-se, é inglês e de origem proletária, já foi Rod "the Mod", fez dobradinha com um dos maiores "guitar heroes" de seu tempo no Jeff Beck Group (que rendeu pelo menos uma obra-prima, o LP *Truth*) e com os Ronnies Lane e Wood nos Faces.

Mas Ronnie Lane uivou o time, Ron Wood foi cobrir a vaga de Mick Taylor nos Stones e Rod foi para a pátria do vácuo glamouroso, L.A., meca de todos os superastros ingleses da década de 70. Gravou *Atlantic Crossing*, álbum de platina puxado pelo hit "Sailing", ficou amigão de Elton John, juntou de vez os trapinhos com a loira e burra "*pin up* Britt Ekland e se tornou um exemplo de *entertainer* mofensivo, uma versão setentista de Tom Jones. O LP *Blondes Have More Fun* é exemplo do Rod pós-L.A. Gostosinho de ouvir, eminentemente "discó" e totalmente derivativo, já a partir do hit/plágio de Jorge Ben, "Do Ya Think I'm Sexy"?

Claro que as mininhas acham que ele é sexy. Senão, porque outra razão seus shows continuam abarrotados, enquanto seus discos caem cada vez mais de vendagem?

O último, *Forever Young* (nome simultaneamente de um clássico de Dylan e de um hit techno do Alphaville de uns cinco anos atrás) é totalmente sonífero e não vendeu absolutamente nada em lugar nenhum do planeta.

Mas seus concertos lotam. Vide o estádio do Palmeiras no último dia 2 de abril, tomado por adolescentes no gramado e coroas nas cadeiras. O clima já não ajudou. O calor escaldante do início da tarde foi substituído por um dilúvio no final da tarde, quando a maioria do público já estava instalado.

E o que se viu foi um replay do círculo vicioso do show do Olympia. Os garotões secavam as carnes à mostra das meninas, que não desgrudavam os olhos das distantes e rebolativas bunda e coxas de Rod Stewart, que salitava em piloto automático enquanto reprisava aqueles hits todos — de "Hot Legs" a "Sailing" a "Baby Jane" a "Twisting the Night Away" — repetindo exatamente o mesmo show que vem mostrando em sua turnê brasileira.

A diferença central entre o show do Palmeiras e o do Olympia pode ser resumida pela famosa tirada de Lennon. Num o público batia palmas. No outro só sacudia as jóias, depois de pagar ingressos de NCz$ 35,00 a extorsivos NCz$ 120,00 (mais de 60 dólares. Os shows de Prince e Pink Floyd em Wembley no último verão londrino não chegavam a 30). O resto foi a mesma chatice, que nem a qualidade de alguns músicos de sua banda como o baixista Carmine Rojas (ex-Bowie, fase *Serious Moonlight*) conseguiu diminuir.

A triste conclusão é que para o profissionalíssimo Mr. Stewart rock'n'roll, hoje, nada mais é que um bom emprego, justamente a única coisa que um rocker de verdade nunca poderia pensar. Espere no futuro álbuns ao vivo de Rod Stewart gravados no Caesar's Palace, no Circus Circus ou em qualquer outro cassino do circuito mega-brega dos EUA. A Pepsi que fique esperta e, antes disso, arrume garotos-propaganda mais jovenzinhos e/ou agitados. Rugas não vendem refrigerantes.

André Forastieri

Dama Xoc (SP)

Em Dama Xoc superlotado aguarda o trio gaúcho nesta quase madrugada de sexta. É bem verdade que boa parte dos adolescentes que foram a pista não veio exatamente para assistir a um show de rock — mas isso não impede que o ar esteja carregado de expectativas, prestes a serem frustradas.

Primeira decepção para os que vieram apenas para ouvir "Camila Camila" logo de saída. Theddy (baixo e vocais), Carlos (guitarra) e Sady (bateria) atacam com um hard rock a todo volume, que não lembra em nada o lado folk responsável pelo sucesso do grupo. "Cardume", a faixa-título do novo LP, mostra, de cara, uma das maiores deficiências do Nenhum de Nós, as letras simplórias, que variam entre o punk artificial e a linha utópico/adolescente consagrada pelos conterrâneos Engenheiros do Hawaii ("Nós somos tão jovens / Nos corremos os riscos / Não precisamos de nada / Não existimos para ninguém" em "Culpa").

O mico do show parece querer relembrar a época em que os garotos faziam covers do Clash: "Homens-Caixa" e "Afastado" são dois exemplos de punk diluído — por um momento, tem-se a impressão de estar assistindo à estreia de uma banda iniciante qualquer, e não de alguém que está prestes a lançar seu segundo vinil.

As coisas melhoram sensivelmente quando Carlos dedilha a frase delicada que conduzira à melodia de "Sweetbum Zock", um blues que mostra, afinal, que eles podem se entender bem com seus instrumentos, além de revelar o potencial de Theddy como vocalista. Mas o momento inspirado se esvai para dar lugar a um equívoco imperdoável — que, por sinal, ameaça se transformar em moda entre os roqueiros tupiniquins: versões de doer para clássicos do rock'n roll. Seguindo os exemplos nefandos de Lulu Santos ("Lá Vem o Sol", versão de "Here Comes the Sun" dos Beatles) e Hanói-Hanói ("Vi Shows", uma infâmia com "Vicious", de Lou Reed), o Nenhum de Nós cometeu "O Astronauta de Mármore", assassinando "Starman", de David Bowie. Ao vivo, o clássico de Ziggy Stardust é transformado numa baladinha brega com versos inqualificáveis.

"O que Clark Kent Não Viu" consegue, enfim, animar o bando de garotos que se agita na pista e aplaude entusiasticamente o primeiro funk da noite. É apenas uma preparação para a melhor performance da banda, "Strip-Tease Baby", disparado a faixa mais forte do novo LP, que conta com a participação (no vinil e no palco do Dama Xoc) de Julio César, do Gueto. Nem folk nem hard, é na batida dançante e no baixo preciso de Theddy que o Nenhum de Nós encontra um caminho para além da mediocridade.

É uma pena, portanto, que a banda prefira passar boa parte do tempo tentando reeditar o sucesso de "Camila..." — que é previsivelmente entoada em uníssono pela platéia do Dama Xoc. Neste show, pelo menos duas canções são candidatas perfeitas ao sucesso radiofônico, "Culpa", um popzinho sem graça, é o que mais se aproxima de sua antecessora. Com "Eu Caminhava" — "nossa música de trabalho" —, a banda encerra a apresentação. Não voltam para o bis. De qualquer forma, ninguém parece se importar muito.

Marisa Adán Gil

Hammersmith Odeon (Londres)

A noite começa bem: o show de abertura do Living Colour é recebido pelos fãs do Anthrax com entusiasmo. No mundo do heavy metal, onde os brancos reinam supremos, isto não deixa de ser uma surpresa. Além de ser uma banda negra, o Living Colour não se limita ao metal, a música é pesada mas repleta de elementos variados. Depois de tocarem grande parte do LP *Vivid*, eles voltam para uma versão thrash de "Should I Stay or Should I Go", do Clash.

Quando o Anthrax finalmente aparece, o público já está bem aquecido para enfrentar uma hora e meia de música ensurdecedora e *head banging*. Podem esquecer bandas como Bon Jovi e Guns'n'Roses, com seu som pseudo-pesado e seus letras sobre carros, garotas e álcool... O Anthrax veio para dar sangue novo ao metal. Como o Metallica e o Slayer, o Anthrax está mudando a cara e o conteúdo deste gênero tão (ab)usado.

Joey Belladonna (vocais), Danny Spitz (guitarra), Scott Ian (guitarra), Frank Bello (baixo) e Charles Benante (bateria) gostam de tocar na Inglaterra e não cansam de nos dizer isso entre uma música e outra. Depois de "Schism" e "Who Cares Wins", fica impossível resistir e já estou batendo a cabeça junto com a multidão. Joey deixa o palco por alguns segundos e volta com um cocar na cabeça para grande felicidade do público: "Indians" é um dos grandes sucessos da banda. E, mais tarde, o thrash-rap "I'm the Man" mostra que nem só de heavy vive o metal.

Como sou novata no assunto, minha predileta é "Anti Social", o novo single do LP *State of Euphoria*, que pelo menos, dá para cantar junto. É assim termina uma noite memorável. Se você tem preconceito contra o heavy metal, recomendo um show do Anthrax, pleno de energia e humor. Se você não sair com os ouvidos estourando e totalmente satisfeito... Talvez você já tenha passado da idade de se divertir.

Anamaria G. de Lemos

Notre Dame Hall (Londres)

Enquanto Sting chegava mais uma vez às manchetes por seu comparecimento ao encontro das tribos indígenas em Altamira (Pará) e toda a imprensa internacional se voltava para o Brasil, May East iniciava em Londres a parte culminante de seu projeto europeu, com um show para arrecadar fundos para as comunidades indígenas. May, que está em Londres há quase um ano, teve seu disco *Tabaporã* lançado em CD em vários países europeus e embarca agora em uma série de shows. É esse o resultado de um longo trabalho que ela desenvolve praticamente sozinha.

Talvez um evento como esse não seja a situação ideal para medir a reação do público, mas quem esperava um show apenas com os "ritmos brasileiros" mais óbvios e conhecidos, teve uma surpresa. O som de May East é mais do que isso — é o estranho fruto de pesquisas com a música indígena, oriental e, porque não, pop.

A escolha da banda foi feliz. O som ganhou peso e balanço com o brasileiro Bosco de Oliveira (que já tocou com Sade) e o nigeriano Karim na percussão, o holandês Paul Tingen na guitarra e o inglês Ally nos teclados. Os buracos e falhas que existiam no disco foram habilmente preenchidos e corrigidos e o principal responsável por isso foi o brilhante tecladista, que conseguiu dar à música a riqueza de texturas que ela merecia.

O repertório incluiu "Esteras", "Vênus Petrificada", "Índio", "Twelve Tribes" (a versão inglesa de "Zarabatana") e a instrumental "Pujança". O ponto alto foi "Bamboo Dance", que agitou o público e também os músicos, até então um pouco tensos com a estréia londrina. A voz de May também adquiriu mais vida e ginga, ficando mais solta e com presença maior.

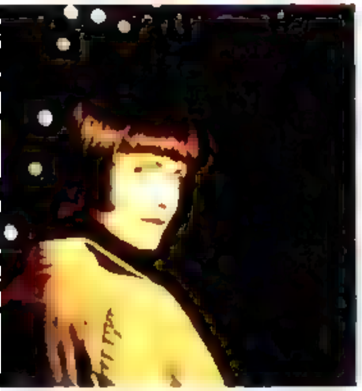
Neste momento em que a world music vem atraindo uma atenção e um mercado cada vez maiores, falta um representante brasileiro. A julgar pelos convites surgidos após o show, May East preenche os requisitos: sua música tem raízes, com pinceladas de pop que a tornam comercialmente viável, sem trair a idéia original.

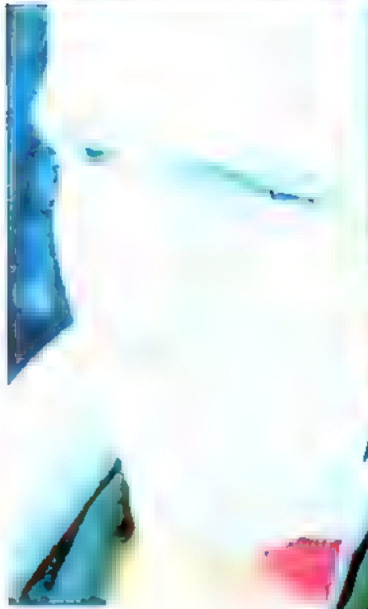
A.G.L.

SWING OUT SISTER

COMPETÊNCIA NÃO É CRIME

ESTAMOS VIVENDO UMA ERA CURIOSA. A COMPETÊNCIA, A BELEZA ESTÃO SENDO TAXADAS DE EXCEÇÕES A REGRAS TURVAS O SWING OUT SISTER ACABA DE LANÇAR UM NOVO DISCO QUE SE CHAMA *KALEIDOSCOPE WORLD* A PROPOSTA DO GRUPO CONTINUA A MESMA: NAVEGAR PELOS MARES MAIS TRANQUILOS DA VIDA. EXPLORAR A BELEZA, O SUTIL, SEM CONCEITOS, PRECONCEITOS E OU PÓS-CONCEITOS. E É BOM QUE EXISTAM DISCOS ASSIM, ENQUANTO A COMPETÊNCIA NÃO FOR CRIME.





EM DISCOS, FITAS E COMPACT DISC
PolyGram

Ricardo Sello

Teatro Ipanema (RJ)

Arnaldo Brandão não é nenhum novato no *metier* do rock'n'roll. Já participou de inúmeros grupos, entre eles a Outra Banda da Terra, que acompanhava Caetano Veloso; e há alguns anos atrás praticou uma bem dosada fusão de funk e rock com a banda Brylho, que tinha Cláudio Zoli nos vocais e deixou um hit "Noite do Prazer". Contudo, embora suas tentativas tivessem quase chegado lá, ele nunca conseguiu sentir o gosto pleno do sucesso. Até bem pouco tempo com sua nova banda, Hanói-Hanói, parecia que isso também não ia acontecer. Mas ele tentava. Tinha que obter alguma satisfação. E tentava.

Agora parece que chegou enfim o momento do pulo do gato. Após diversas mudanças na formação, uma passagem conturbada pela RCA até um pouso seguro, enfim, na SBK, o grupo acertou no tempero e na medida. Isso pôde ser inteiramente percebido na última temporada de shows realizada pelo Hanói, que começou com uma concorrida temporada de duas semanas no Teatro Ipanema. O show apresentado pelo Hanói parecia marcar o começo de um novo tempo para Arnaldo.

Como testemunha ocular de inúmeros shows da banda, poderia classificar os desta temporada como os melhores do Hanói. Nunca a banda esteve tão afinada e entrosada. Os novos integrantes são excelentes, com destaque para o baterista que marca junto com o baixo de Arnaldo todos os momentos. Mas o tecladista também é bom no seu correto e dosado uso dos efeitos e samplers de instrumentos de sopro, e o guitarrista não tenta duelar ou aparecer mais que o necessário. Nunca Arnaldo Brandão soube utilizar sua voz tão bem como agora. Ciente de que não é nenhum Caruso, ele agora deixa seu vocal rascante, rouco, fluir naturalmente, sem empostações forçadas. Com isso ganhou até um charme e mais personalidade.

Importante também para a boa fluidez do show foi o roteiro bem esquematizado onde, numa composição, músicas e músicos apareciam nos momentos devidos, contrabalançando novas e antigas canções, sucessos e homenagens. E agora que o Hanói alcançou o seu ponto de equilíbrio, as letras, na maioria compostas em parcerias de Brandão com o poeta Tavinho Paes, podem se soltar mais, ter maior presença, como deu para notar neste show onde mesmo quem não estava familiarizado com o repertório pescava logo o conteúdo das narrativas.

No quesito letra o Hanói não custa para conquistar a platéia com suas histórias bem urbanas, contadas na linguagem coloquial, mas não simplória, onde rolam letras sobre mulheres descoladas que cheiram a confusão, brotinhos totalmente demais, reminiscências da infância suburbana de Brandão e Paes, mensagens urgentes e telegráficas como as de um fanzine (que é o nome do novo LP deles), tudo bem rock n'roll. Mas também funk, também reggae ou isso tudo junto. Se é verdade que o rock morreu, como andam pregando por aí, ele acabou de renascer e reencarnar no Hanói.

Tom Leão

Em sua ânsia pelo poder, um reverendo enlouquecido alicia as vítimas do submundo de Gotham City através de drogas e do desvirtuamento da palavra de Deus. Mendigos, ladrões e prostitutas são chacinados pelas ruas. O pânico toma conta da cidade. O Homem-Morcego tem suas mãos amarradas. O horror e a alucinação devoram sua mente e suas forças... Uma provação? Ou o próprio fim?

BATMAN

EDITORA ABRIL

O TESTAMENTO

MINI-SÉRIE DE LUXO EM QUADRINHOS • 4 EDIÇÕES MENSAIS

Uma história de terror e loucura vivida nos subterrâneos de uma cidade suja. Não perca. Nas bancas.

50 ANOS

Aeronto (SP)

Atras de uma singular fachada "cult pop", o Luni abriga a indefinição estética como paradoxo a diversidade estilística, tanto musical quanto cenográfica, que a princípio lhe confere certa originalidade também é responsável pela fluidez de sua identidade.

Como mercúrio que escorre de um termômetro quebrado, o Luni não é capaz de delimitar seu próprio perímetro — resultando em algo amorfo, que desliza ao longo do heterogêneo pentágono formado pelos grupos Gueto, Mulheres Negras, Scowa & A Máfia, Titãs e, pasmem; Sossega Leão' O Luni pouco se parece com cada uma dessas bandas, mas flerta com todas elas. "Africa Brasil Zumbi", de Jorge Ben, recriada por Scowa & A Máfia, foi mencionada no show, como também foram "Borboleta Psicodélica", do Gueto, 'Sub' do Mulheres Negras e a melodia instrumental que pontua 'Comida", dos Titãs. Embora nenhuma música do Sossega Leão tenha sido citada, a salsa-merengue "No Mas" é arranjada e interpretada no melhor estilo Sossega. Antes que eu me esqueça: "No Mas" é do Luni.

A diferença entre o Luni e seus homenageados está na configuração (ou não) de um estilo autônomo. Cada uma das bandas a que o Luni se refere possui um trabalho coeso moldado pela massa fina da unidade estética. O show do Luni parece um teatro de variedades no qual números distintos vão se sucedendo, sem qualquer relação de contiguidade ou semelhança. As canções soam muito mais imitações que criações. "1946" é o melhor exemplo desta concepção sonora que visa à reprodução fiel das matrizes originais.

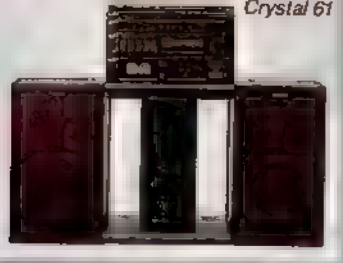
O resultado é um pastiche que faz o ouvinte certificar-se que se trata de uma cover, a ponto de obrigar Théo Werneck a anunciar o título da música seguido do crédito de composição para o Luni, argumentando, "A gente precisa falar que as músicas são do Luni, senão todo mundo pensa que é tudo versão. Na verdade a maior parte das músicas é do Luni"; para Fernando Figueiredo emendar "agora a gente vai tocar uma versão, 'Marcianita', um a música da jovem guarda", como se *jovem guarda* fosse algum compositor. Mas "Marcianita" não chegou a ser tocada. Problemas técnicos que permearam o show impediram a execução do repertório previamente escalado. "Prestem atenção — pede Fernando — que essa música fez muito sucesso na jovem guarda" enquanto a banda inicia "Cairo", música do próprio Luni. A programação da bateria digital apagar é até admissível. Terríveis são as falhas humanas.

É surpreendente que músicos competentes como os saxofonistas Lloyd e Giles e mesmo os ex-Baetas Fernando e André permitam que Théo Werneck faça solos em sua mal afinada guitarra. Já que Théo e seus idólatras deliram igualmente com sua performance *crooner-star* sua Telecaster deveria ser definitivamente abandonada. O público não sentiria a menor diferença. Talvez nem o próprio Luni, entorpecido por uma avalanche de ego. O Luni parece tocar do Olimpo, para uma legião de obstinados xiitas. Afinal que reis sois vós?

Celso Masson

Panasonic
Crystal Sound.

Todo mundo vai querer tocar nele.



Crystal 61

A Panasonic acaba de colocar no mercado o equipamento de som que vai tocar fundo a sua sensibilidade. São os novos Crystal 61 e 62, o prazer do melhor som em todos os sentidos
O toque suave do Integrated System Design, com cantos arredondados, segue as últimas tendências internacionais
Os 100 watts de potência (High Power) são muito mais do que o seu ouvido esperava em matéria de qualidade e reprodução sonora, para ambientes de qualquer tamanho.
No Crystal 62, com Double Tape Deck, você pode tocar 1 hora e meia de música ininterrupta, graças ao recurso Series Play.

E o Sistema Synchro Start permite a duplicação de fitas de forma sincronizada
Os novos Crystal 61 e 62 têm ainda Graphic Equalizer, para o ajuste de frequências graves, médias e agudas individualmente, Floating Base no toca-disco, para que nenhuma vibração atrapalhe quando você está tocando seu disco preferido, e tecla Loudness, para reforçar os sons graves e melhorar a qualidade sonora

Tudo isso com um toque especial da Panasonic.
2 anos de garantia
Se toca
Vá buscar seu Crystal Sound agora mesmo

DOUBLE QUALITY
Panasonic

Panasonic
CRYSTAL SOUND
Tecnologia Lapidada

Crystal 62

SISTER — Sonic Youth (SST/Stiletto)

A guitarra elétrica no rock começou a ter um outro enfoque a partir de meados da década de 70, através dos famigerados "três acordes" das bandas punk, após os quais tornou-se muito mais importante o modo como o instrumento era usado no som de um grupo do que a maestria técnica de seu executante propriamente dito. Mas mesmo dentro desse contexto, já havia bandas que procuravam uma utilização simples e eficiente da sofisticação instrumental — como o Talking Heads e o Television — e que criaram um referencial que depois foi ampliado com a incorporação de elementos de jazz de vanguarda e ruídos diversos feita por grupos do *no wave* de Nova York (através do DNA e dos Contortions, entre outros). Daí ocorreu, durante os anos 80, uma revalorização dos chamados *guitar bands* e sua conseqüente proliferação em graus diversos de qualidade, mas que em sua maioria aplicavam aquele conceito inicial a uma retomada de tendências musicais dos anos 60 (rock regressivo, neopsicodelia), ou até mesmo ao heavy metal (*thrash, speed*). Mas, dentro dessa imensa gama de grupos, aquele que se tornou fundamental em termos de invenção e criatividade foi o Sonic Youth.

Seus guitarristas, Thurston Moore e Lee Ranaldo, forjaram uma textura musical absolutamente inovadora, através de timbres peculiaríssimos e expedientes pouco ortodoxos de execução (como afinações não-usuais ou soar as cordas do instrumento com baquetas e outros objetos), que romperam de vez com a tradição linear que acompanhou — mesmo em seus melhores momentos — a maior parte da história do instrumento, conseguindo assim situar-se numa linguagem transgressora na linha de mestres como Hendrix e Fripp, a qual hoje em dia talvez só encontre ecos nos trabalhos de poucos iluminados como Arto Lindsay, Fred Frith, James "Blood" Ulmer e Keith Dobson, do World Domination Enterprises.

A criação do Sonic Youth data do início da década, quando Thurston, egresso de Connecticut, chegou a Nova York e, fascinado com a cena musical local, resolveu formar uma banda junto com a baixista Kim Gordon, que viera de Los Angeles, onde tocara com diversos grupos femininos. Na época, Thurston também participava da orquestra de Glenn Branca — compositor/guitarrista da vanguarda nova-iorquina especialista em fundir elementos de música clássica com rock, sob uma ótica totalmente diversa daquela do som progressivo dos anos 70 (como por meio da formação de uma orquestra de guitarras) — de onde também trouxe Lee, afinadíssimo com as propostas musicais dele e de Kim. O trio, acrescido de vários bateristas itinerantes, começou a se projetar no circuito de clubes de Nova York e logo foi convidado pelo próprio Glenn a gravar pelo seu selo (Neutral) e sob sua supervisão. Os resultados foram o EP *Sonic Youth* (1982) e o LP *Confusion Is Sex* (1983), pontos de partida de uma concisa, porém soberba discografia que oficialmente engloba seis singles e cinco álbuns — fora um disponível apenas em cassete, um EP solo de Lee Ranaldo e um single e um LP do Ciccone Youth (o SY com a inclusão do baixista Mike Watt, dos Minutemen) —, entre os quais *Sister* (o quarto LP) se destaca por cristalizar definitivamente uma tendência que já estava presente no LP anterior, *EVOL* (1986), no qual a banda (já com a inclusão de Steve Shelley como baterista fixo) tentava incorporar partes melódicas ao caos contínuo de seu som, ou seja, utilizar-se do *noise* de uma forma mais elaborada, mas não menos incisiva.

Gravado em um minúsculo estúdio de Nova York (usado na maior parte do tempo para fazer bandas sonoras de filmes pornô e de terror baratos), *Sister* (1987) parece almejar melodias pop dentre o seu arsenal de ruídos, buscar a clareza da concepção musical em meio à sujeira sonora. Em cada sulco do vinil estão incutidas as tempestades sonoras características do SY, que trespassam não só as paulseiras elevadas a níveis inimagináveis — como em "(I Got a) Catholic Block", "Stereo Sanctity", "Pipeline/Kill Time", "White Kross" e na versão de "Hot Wire in My Heart" (do grupo punk californiano Crime), no melhor vertente dos Stooges e MC 5 — mas também as perfeitas integrações de puro ruído com passagens melodiosas ("Tuff Ghari", "Pacific Coast Highway") e mesmo os momentos pretensamente mais pop do álbum (como em "Schizophrenia" e "Beauty Lies in the Eye").

Uma banda que, a exemplo do que o Velvet representou nos idos anos 60, é a própria essência do pique alucinado de sua megalopole natal. Ou como diz a letra de "Kotton Crown": "A cidade de Nova York é para sempre um gatinho / Eu estou perdido e desperdiçado no tempo e você nunca está pronto / Esvanecendo, esvanecendo, celebrando / Eu tenho sua coroa de algodão". Sonic Youth, a fonte sonora da eterna juventude.

Celso Pucci

CONSCIENCE — Womack & Womack (Island/WEA) / **CK — Chaka Khan** (Warner/WEA)

Na história do soul, a família Womack ocupa um capítulo especial, inicialmente entrelaçado com a carreira do "pai da matéria", Sam Cooke. Foi ele quem contratou, para seu selo SAR, o grupo de gospe. Womack Brothers e apadrinhou sua transformação pop em The Valentinos, autores e intérpretes de pelo menos três clássicos. "It's All Over Now" (também gravada pelos Stones), "Look.n' for Love" (idem, pela J Geils Band) e "Money's Too Tight to Mention" (idem, Simply Red) Com a morte trágica de Cooke, em 1964, seu legado ficou com os irmãos Bobby (uma brilhante carreira solo até hoje) e Cecil Womack o irmão em questão Tudo em família: Bobby casou com a viúva de Sam enquanto Cecil acabou ficando com a filha Linda, e este é o casal que reparte os vocais e composição da un dade Womack & Womack

Conscience chega ao Brasil já consolidado como *best seller* no mundo todo, puxado pelo compacto com a faixa "Teardrops" (mais de dois milhões de cópias vendidas) e nada deve a *Love Wars*, o último do casal lançado aqui e que a revista italiana *Rockstar* colocou entre os cem melhores discos da década de 80, com muita justiça. O *megahit* não deve assustar o resto do disco é capaz de surpreender com canções ainda mais fortes, arranjos meticulosos e pulsantes para a sempre exima interpretação de Cecil e Linda Quem gosta de soul, funk e rhythm'n'blues não deve ignorar este discaço Nem ele, nem o novo torpedo de Chaka Khan, o outro prato transbordante para qualquer amante do pop negro De cara, a versão para "Signed, Sealed, Delivered" — velho hit de Stevie Wonder — dá o tom de sangue, suor, adrenalina e luxúria que envolve *CK* Programações rítmicas de desparafusar os quadris, complementadas por Omar Hakim Além dele e de Stevie Wonder (tocando sua gaita em "S gned. '), mais um punhado de convidados mais que especiais Há que se agüentar o *scat* penteiho de Bobby McFerrin em "Soul Talkin'", mas logo surgem os próprios Cecil e Linda Womack em "It's My Party" e, salve-se quem puder, o sr Prince (que já havia dado a Chaka um *megahit* com "I Feel for You", em 1984). De arrebentar "Sucky Wicked", o encontro entre Chaka, Prince e Miles Davis.

José Augusto Lemos

AMERICAN DREAM — Crosby,Stills, Nash & Young (Warner/WEA) / **OH YES I CAN — David Crosby** (A&M/Polygram)

A volta do CSN&Y como quarteto de estúdio — em seu primeiro disco juntos desde *Déjà Vu*, de 1970 — reforça a tese de que às vezes é melhor se contentar com a vitória passada do que tentar novas pelejas. Bisônico a ponto de ocasionalmente ter o aspecto de uma montagem feita às pressas e a contragosto, este álbum pretende arremeter os veteranos dos anos 60 a uma situação contemporânea. No entanto *American Dream* chega embrulhado em arranjos pretensamente "modernminhos", para uma união que sublinha o desconforto de todas as partes envolvidas. Os quatro ainda sabem construir belas harmonias, mas isso é quase tudo o que se salva do disco. Numa inesperada inversão de expectativas, o menos ativo de todos, Crosby — talvez por causa da tempestuosa coleção de sofrimentos que acumulou nos últimos anos — acaba contribuindo com as canções mais verdadeiras do álbum, "Compass" e "Night Time for the Generals."

A recuperação física e mental de Crosby é tomada mais surpreendente ainda pela coesão e solidez de seu primeiro disco solo em dezoito anos, o confessional *Oh Yes I Can*, no qual ele exorciza os demônios químicos e psicológicos que os fustigaram ultimamente e demonstra estar em forma bastante superior à de seus colegas do CSN&Y Ele tem do que falar, como comprovam "Monkey and the Underdog" (que por pouco não foi o título do álbum), "Tracks in the Dust" e "Distances", e ocupa o território em vinil com o apetite de quem cumprimentou a morte e voltou para contar como era a cara dela. *J.E.R*

VIVID — Living Colour (Epic/CBS)

Nunca se viu uma mistura tão grande de influências dar tão certo e ser ao mesmo tempo, tão radical e tão pop. Colocando na receita coisas extremamente diversas como Led Zeppelin, Sly Stone, country music, Van Halen e passando ainda pelo caldeirão do Red Hot Chili Peppers, estes quatro negros do LC rompem de vez com as fronteiras entre o hard rock branco e o funk

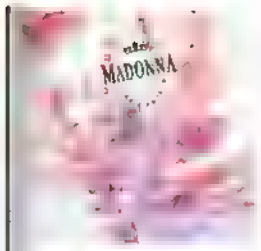
Liderados pelo superguitarrista Vernon Reid — de formação jazzística —, os Colours fizeram um excepcional LP de estréia, que alia virtuosismo instrumental a concepções e letras inteligentes. E ainda por cima tem canjas do Public Enemy (em "Funny Vibe"), Mick Jagger (também na produção) e até uma versão hard de "Memories Can't Wait", dos Talking Heads. *C.E.M.*

BOINGO ALIVE — Oingo Boingo (MCA/WEA)

Há uma década o Boingo era o grupo fetiche dos surfistas radicais. Agora. Agora seus oito integrantes comemoram, barrigudos, regravando seus antigos sucessos na base do *um, dois, tres gravando!* — o velho truque do "ao vivo" no estúdio. O resultado tem *punch* certo, mas poucas regravações fazem justiça ao pique de sua época áurea. *Alive* dá saudades dos tempos de "Stay" e "Not My Slave", entre outras, mas seu *back to the beach* não recupera a ingenuidade da new wave perdida. *M.P*

END OF THE MILLENIUM PSYCHOSIS BLUES — That Petrol Emotion (Virgin/BMG-Ariola)

Nascido em 1984 através de dois ex Undertones —, os irmãos Damian e Sean O'Neill (que recrutaram o charmoso vocalista Steve Mack) — o TPE gravou até agora dez singles e três LPs. Tomando o *agit-pop* (designação usada para energéticas bandas pop de caráter político), o quinteto pratica uma das mais ecléticas sonoridades da quarta geração nesse seu último álbum, utilizando-se de elementos do *thrash* psicodelismo, funk, soul e punk Suas composições mantêm uma distinta coesão e uma originalidade à queima-roupa Os melhores exemplos desta enlouquecida simbiose estão em "Sooner or Later", "Cellophane", "Here It Is... Take It", "Groove Check" e na balada experimental "Tired Shattered Man". *F.A.*



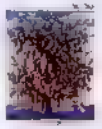
LIKE A PRAYER — Madonna (Sire/WEA)

Madonna não é mais a *material girl* apoiada diante do deus Dólar Hoje é uma dama de 30 anos irmadurecida pelas agruras do divórcio. A cantora e compositora que se deixava manipular pelas leis do marketing também soube, desta vez, usá-las a seu favor O cup de "Like a Prayer" é uma obra-prima assinada por Mary Lambert. Coloca em confronto religião com prazer, sexo com racismo, tolerância com censura. Outro fato digno de nota é a tão aguardada colaboração com Prince, em "Love Song" em que ela literalmente desaparece ao lado do louco de Minneapolis. Menção para "Till Death Do Us Part", em que ela acerta as contas com o ex-marido. No conjunto, algumas boas canções, outras que não comprometem, nenhuma tão enjoativa quanto o 'pseudopatchuli' que impregna a capa, neo-hippie Conclusão (com a bênção de Prince): o prazer é a religião, que continua sendo o dinheiro. *J.Y.N*

CRESCENDO — Ultraje a Rigor (WEA)

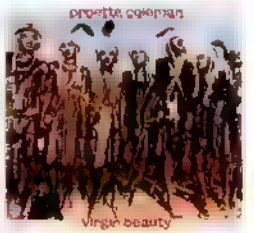
Roger e seus asseclas estão de volta com sua irreverência e seus roquinhos básicos, muito básicos. Nada de crescimento, portanto. O Ultraje é uma daquelas bandas capazes de cometer aqui e ali um hit — neste caso, a polêmica "Filha da Puta" — e rechear as outras faixas com canções inócuas

Neste LP eles resgatam duas letras, berrando a idiotia, de Edgard Scandurra ("Ricota" e "Chiclete"), ironizam a Constituinte, fazem brincadeiras com instrumentos eletrônicos ("Secretários Eletrônicos" e "Maquinha"). Parece que eles se divertem bastante, O difícil é alguém mais se divertir com o recurso mais que sem graça do deboche recheado por música sem criatividade *B.A.*



SPIRIT OF EDEN — Talk Talk (Parlophone/EMI-Odeon)

De malfadado clone do Duran Duran a porta-voz do *oceanic rock* (sic), o Talk Talk trilhou um longo caminho *Spirit of Eden*, seu quarto LP em sete anos de carreira, avança na exploração de sonoridades acústicas, uma tendência que o álbum anterior - *The Colour of Spring* — já deixava entrever A audição aos revela basicamente uma longa suíte, na qual a intervenção do silêncio mostra-se tão fundamental quanto a dos próprios instrumentos. Ainda que ocasionalmente derivativa (do Traffic, fase The Low Spark . Miles Davis, Durutti Column, a escola ECM, Roy Harper etc), esta empreitada do Talk Talk traz como saldo positivo uma música rarefeita, um verdadeiro bálsamo para tímpanos cansados *A.G.C.D*



VIRGIN BEAUTY — Ornette Coleman and Prime Time (Portrait/CBS)

Este é o mais acessível disco que Ornette Coleman fez nos últimos anos. E é muito bom. O pregador das improvisações livres e coletivas do jazz aparenta estar mais comportado. Na verdade, mantém uma postura coerente com a modernidade que caracteriza sua obra

Mesmo com uma marcação rítmica mais comum (ou seja, que segue o compasso 4/4), o velho Ornette continua não juntando coisas conforme a cartilha. Ouça, por exemplo, a *slide guitar* e o piano insistentes por trás do sax na quase country "Happy Hour" ou ainda a harmonia etílica que desmonta o senso de ritmo na faixa-título. Em três faixas comparece o velhinho admirável Jerry Garcia, do Grateful Dead, que representa o "quebra-quebra" free pelo lado do rock. O funk "Singing in the Shower" representa muito bem o que os dois são capazes de fazer juntos: Garcia ressuscita timbres esquecidos enquanto a sessão rítmica dupla (dois baixistas e dois bateristas) se autodesafia Ornette se aventura no trompete sobre a base de teclados de seu filho Denardo. É uma aula de subversões de padrões musicais que merecê ser muito bem ouvida. *M.S*

TECHNIQUE — New Order (Factory/WEA)

"Demora anos até encontrar a fibra/Para ficar distante do que você fez/Para encontrar a verdade dentro de você mesmo/E não depender de ninguém..." — "All the Way"

O New Order conseguiu. Eles encontraram sua "verdade" e estão livres de qualquer cobrança — principalmente a interna. E podem se dar ao luxo de usar toda a técnica adquirida em uma década de lapidação da eletrônica para fazer um disco absolutamente equilibrado, onde as dezenas de sintetizadores, samplers, seqüenciadores e outros brinquedos servem à mais sublime pop produzida atualmente

Uma primeira audição desde *Technique* pode desapontar os mais ávidos, ainda impressionados com a exuberância instrumental mostrada pela banda em sua passagem por aqui Não se enganem, está tudo lá, em cada sulco de vinil, de onde brotam a sutileza mágica dos teclados de Gillian e a genialidade rítmica de Stephen Morris. Se é verdade que o novo LP não alcança a riqueza de climas e timbres de *Brotherhood*, seu antecessor — de resto, uma obra-prima quase insuperável —, fica evidente que a intenção os elementos que o compõem. Assim, a voz de Barney não é mais uma mera coadjuvante para o brilho das sequências instrumentais (por sinal, mais curtas) Com um perfeito domínio de sua voz, ele assume a frente para desfiar suas letras carregadas de desencantos amorosos

Mas seria exagero atribuir a emoção que jorra do disco aos versos de Barney, mesmo porque o efeito desta música sobre os ouvidos é puro êxtase. "Fine Time" é a porção acid do quarteto de Manchester, que chegou a assustar os desavisados: será que o New Order resolveu radicalizar? "All the Way" e "Love Less" provam o contrário, com uma roupagem acústica produzida por uma profusão de violões. A batida tecnodisco reaparece em "Round and Round", na qual Morris dá aulas de programação rítmica, enquanto Gillian pincela pontos coloridos aqui e ali. As tintas mais fortes ficam reservadas para "Run", o melhor exemplo de como transformar uma melodia banal numa fonte inesgotável de prazer — encontrável até nas faixas menos brilhantes, como "Guilty Partner" ou "Dream Attack". Indispensável.

Marisa Adán Gil

SERIE DOCUMENTO — Varios (RCA BMG Ariola)

É uma iniciativa das mais louváveis e que, lá fora, vem rendendo fartos lucros para as grandes gravadoras: aquelas com décadas de atuação: repassar para novas matrizes, digitais, as preciosidades de seus acervos, arquivos e catálogos.

No caso da antiga RCA brasileira — atual BMG-Ariola — o baú do tesouro recuperou capítulos fundamentais da MPB. São seis coletâneas que abrem esta *Serie Documento* e, de cara, os destaques ficam para duas figuras que, cada uma à sua maneira, elevaram a dor-de-cotovelo à dimensão do "Spleen e Ideal" da melhor poesia romântica de todos os tempos, Carlota e Maysa. Também merecem uma conferida os volumes dedicados a Johnny Alf e Elizeth Cardoso. *J.A.L.*

THE FIRST OF A MILLION KISSES — Fairground Attraction (RCA BMG-Ariola)

Pontificado pela afinada voz de Eddi Reader (que já trabalhou com o Gang of Four, Eurythmics e Waterboys), o FA é o grupo que, com apenas vinte meses de existência já conquistou o primeiro lugar das paradas oficiais britânicas com o single "Perfect". Entretanto, sua sonoridade, embasada no trivial acústico, não apresenta nada de arrebatador. Trata-se apenas de um bonito folk-rock lapidado por refinadas pinceladas de pop e lampejos de ritmos latinos, *bluegrass* e *jazz*. Em termos de grupos vinculados a gravadoras multi nacionais, o FA é louvável, porém no âmbito alternativo, nesta mesma linha, bandas como Rhythm Sisters, Lilac Time, Dumptruck e Circus X3 são bem mais instigantes e inovadoras. *F.N.*

SHORT SHARP SHOCKED — Michelle Shocked (PolyGram)

Michelle é a melhor das *new* moçinhas do folk. Passou por prisões e pelo hospício até a gravação clandestina de sua apresentação num festival folk do Texas chegar ao primeiro lugar da parada independente britânica. Seu segundo LP continua a falar de cidade, trens e ferrovias com banjos rabecas, harmônicas, dobras e congêneres. Ela canta como a última *beat*: "Se o amor fosse um trem, jogaria meu corpo sobre os trilhos, não sentiria dor quando ele passasse sobre minhas costas". Linda. *M.P.*

FIM DA INFÂNCIA — Ness (Devil)

Dos integrantes da coletânea *Aqui, São Paulo* (lançada em 1985 pela Baratos Afins), o Ness era certamente o menos consistente. Decorridos quatro anos, ele ressurge modificado — além de Carlão no baixo, o baterista Nivaldo Costenaro substituiu Walter Silva — num LP que reitera a má impressão inicial. Não satisfeito em exibir uma confusão das idéias do Cure (e outros assemelhados), o grupo assina letras tão vazias quanto seu pretenso niilismo. Anacrônico e melancólico. *A.G.C.D.*

THE TRAVELLING WILBURYS (Warner WEA)

Somente cobras — "escondidos" sob os nomes fictícios de Lefty (Roy Orbison), Lucky (Bob Dylan), Nelson (George Harrison), Charlie Jr. (Tom Petty) e Otis (Jeff Lynne) — num projeto de qualidade, cuja idéia inicial previa também excursões e outras gravações. Porém, com a morte de Orbison no fim do ano passado, a saga dos Wilburys terminou ficando apenas neste disco. E em seus dez country rocks e baladas, repletos de muita sensibilidade e emoção, ficar elogiando este ou aquele tema é chover no molhado. Descubra você mesmo seu favorito. *L.R.*

BELELÉU — Itamar Assumpção e Banda Isca de Polícia/ÀS PRÓPRIAS CUSTAS S.A./SAMPA MIDNIGHT (ISSO NÃO VAI FICAR ASSIM — Itamar Assumpção (Baratos Afins)

Itamar Assumpção é o artista mais criativo e com um trabalho dos mais coesos surgidos na geração dos "independentes" ou "alternativos" na década de 70 em São Paulo. Sua voz, ora percussiva, ora delicadamente melódica, suas letras próximas da fala da rua, sua musicalidade peculiar de múltiplas influências e origens asseguram-lhe este posto. O relançamento de seus três primeiros LPs, todos independentes e fora de catálogo, é uma atitude louvável e necessária para que uma parte da história da MPB não se perca.

Beleléu (1980) é o melhor da série. O que lhe falta em qualidade técnica sobra em criatividade e vigor. Itamar — ou seu *alter-ego* Benedito João dos Santos Silva Beleléu, o Nego Dito — faz um panorama da cidade de São Paulo através da ótica deste malandro romântico ("espero ouvir você dizer que gosta de viver em perigo/considerando que eu não seja nada além de um bandido" em "Eco Louco"). Com um estilo em alguma zona obscura entre o samba, a jovem guarda, o rock, o reggae e o blues, ele enfeixa uma coleção de boas canções, como "Luzia", "Eco Louco", "Nego Dito", "Se Eu Fiz Tudo". O ar de novidade que tinha na época não se esvaiu mesmo que se tenha de relevar a pobreza da produção.

O segundo, este gravado ao vivo na Sala Gusmar Novaes em novembro de 1982, perde muito em vigor mas revela ainda mais as qualidades de vocalista de Itamar. Por um lado, o abuso dos backings femininos no estilo Arrigo e um instrumental mais limpo — quase que se ouve só o baixo e uma percussão de leve — retiram o punch que havia em *Beleléu*, mas, por outro, Itamar se aproveita disso para aprofundar a tendência falada e quase teatral de seu jeito único de cantar.

E em *Sampa Midnight* (1986), o problema é que os problemas não se resolvem. Ou seja, não é um primeiro registro como *Beleléu* e não é uma gravação de show com *As Próprias Custas S.A.*, e, no entanto, continua mal gravado. O vocal de Itamar fica na frente e todos os instrumentos se emboiam lá atrás. Ainda assim, tem belas canções, como "Tete Tenteí" e "Chavão Abre Porta Grande", que mostram a face mais romântica do Nego Dito. *Bia Abramo*

OROPA, FRANÇA E BAHIA — Alceu Valença (RCA BMG-Ariola)

O mais criativo dos nordestinos pós-baianos mostra neste segundo álbum gravado ao vivo em sua carreira que continua eletropopmente imperial com a receita de fazer o xote mais adrenalizado do mundo. Com um repertório o ano passado na Alemanha, Áustria e França (e que inclui as inéditas "Roda e Avisa" e a faixa-título), ele consegue a proeza de manter aceso no vinil o fogo que ateia no palco. *H.B.*

THE BEAT, THE RHYME, THE NOISE — The Wee Papa Girl Rappers/ DO WE CONNECT — Boy White (RCA BMG-Ariola)/ **BULLET FROM A GUN — Derek B** (Mercury/PolyGram)

Três exemplos de como o hip hop pode ser comercial sem perder a batida, a rima e o ruído. O LP de estréia das mocinhas do Wee Papa Girl Rappers é o mais bem sucedido nesta travessia. As irmãs Lawrence, Tota Se Ty Tim, vão do hip hop ao house, do acid ao reggae do *ragga/muffin* ao soft, com igual desenvoltura. Seu segredo é uma equipe de doutores em torcicolos: Two Men And A Drum, Jeremy Healy, The Skinny Boys, Adonis de Chicago e o filantropo Techno Kevin Saunderson são alguns dos responsáveis por seu *background*. Derek B, o número 3 do Reino Unido, faz uma estréia mais ao estilo Def: sua fórmula em raps já clássicos como "Bullet from a Gun" e "Get Down" repete a egomania de L.L. Cool J. Já Boy White, o branquelo do Bronx, copia tudo. Mas as duas faixas que gravou de Shawn Mobley compensam o *déjà vu* do resto. *M.P.*

THE LEGACY OF THE BLUES: VOL. 1 — Champion Jack Dupree, VOL. 2 — Memphis Slim, VOL. 3 — Lightnin' Hopkins (Sonet/WEA)/ **LOVE ME PAPA — Luther Allison, HIGHWAY IS MY HOME — Magic Slim, SOUTHSIDE LADY — Koko Taylor, MISSISSIPPI BLUES FESTIVAL 86 — Varios** (Black and Blue/Eldorado)

O blues é um vinho mais para se aquecer do que saborear e, como esta frase, é feito de clichês que sempre funcionam. E aqui temos alguns mestres americanos na arte, aparentemente tão fácil, de se fazer o melhor blues, junto a nomes menores, porém dignos de alguma atenção.

A WEA nos traz os três primeiros volumes de uma série originalmente de doze — *The Legacy of the Blues*, de 1974 — da gravadora sueca Sonet, coordenada pelo grande "bluesofilo" inglês Sam Charters. São eles os LPs do violonista/guitarrista Lightnin' Hopkins (1912-1982) e dos pianistas Memphis Slim (1916/1988) e Champion Jack Dupree (1910), todos grandes influenciadores das gerações seguintes de blues, R&B e rock'n'roll, e até de seus contemporâneos, pois Lightnin' Hopkins nunca escondeu sua raiva de B.B. King, dizendo para quem quisesse ouvir: "Ouçam-no, ele só tem uma frase (de guitarra) e a copiou de mim". Três LPs fundamentais para quem gosta de blues e que poderiam incentivar a WEA a lançar os outros volumes desta série por aqui e até mesmo levar alguma editora brasileira a publicar o livro homônimo de Sam Charters que saiu junto com estes discos.

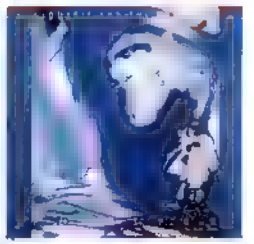
Se seu dinheiro permitir, agarre também um dos LPs deste pacote lançado pela Eldorado, do catálogo do selo francês Black and Blue: o de Koko Taylor, a mais famosa *bluespersonas* de Chicago, ativa desde os anos 50 — chegando a gravar com Willie Dixon e outros bambas do blues — e em plena forma neste LP (de 1973). Quanto aos outros três discos, entocam *bluespersons* mais jovens (nascidas na década de 30): são os dos guitarristas Luther Allison e Magic Slim e outro com vários artistas do Mississippi (a violonista Jesse Mae Hemphill e baterista Hezekiah e seu grupo The House Rockers e o violonista Son Thomas), que foram gravados respectivamente em 1977, 1978 e 1986. Três bons LPs, mas que não chegam a ser aquisições tão prioritárias. Mesmo assim, nesta época de guitarras regadas a refrigerantes, nada como um bom banho de blues. *Avrton Mugnaini Jr.*

LIVE AT THE WHISKY A GO-GO ON THE FABULOUS SUNSET STRIP — X (Elektra WEA)

Experimente ler de trás para frente um bom livro do qual foram arrancadas várias páginas. A sensação que o acometerá será certamente similar à suscitada pela escuta desta confusa edição deste álbum ao vivo do X. A mutilação cometida aqui é digna de Jack, o estripador: originalmente duplo, a estrepitosa criminosa de dez faixas — entre elas as geniais "Hungry Wolf" e "Burning House of Love" — resultou em um único LP. Espera-se que os admiradores da banda saibam boicotar tamanha aberração. *A.G.C.D.*

EVERYTHING — Bangles (CBS)

Em seu terceiro LP, as Bangles — inesperadamente — não se impressionaram com a hitmania de "Walk Like a Egyptian" (seu compacto de maior vendagem) e não enveredaram pelos atalhos das fórmulas sucessoras. *Everything* —, produzido pelo jornalista David Syperson —, é a obra mais madura e refrescante das gatinhas que, aliando influências dos *sixties* com o popismo contemporâneo, conseguiram treze faixas plenas de prazer e carisma irretocável, com destaque para "In Your Room", "Complicated Girl", "Some Dreams Come True" (e a poperrima, mas respeitável "Eternal Flame"). *F.A.*



PEEP SHOW — Siouxsie and the Banshees (Polydor/PolyGram)

Quando todo mundo pensou que não se podia esperar mais nada de Siouxsie, eis que seu décimo primeiro álbum vem com um frescor inaudito. O trio Siouxsie/Budgie/Severin e mais as novas inclusões Martin McCarrick (acordeão, teclados) e John Klein (guitarra) — conseguiram reembalar o velho estilo em roupagens mais atualizadas e mais variadas. É uma agradável surpresa para os fãs antigos e ha pelo menos uma canção — "Peek-a-Boo" — que, em si, vale o disco inteiro. E a veterana Siouxsie Sioux ainda é uma grande cantora. *B.A.*

RAPIDO & RASTEIRO

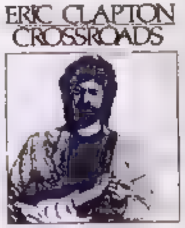
Sem mais delongas, vamos metendo a mão na massa, e começar pelo melhor da seleção deste mês. Aqui encontramos o cantor **Peter Gabriel** e os imperdíveis reedições de dois de seus LPs homônimos o de 1980 (que traz a gravação original do hino anti-apartheid "Biko") e o de 1982 (que inclui "Shock the Monkey"). Do mesmo quilate e o retorno de **THE LAMB LIES DOWN ON BROADWAY.** Com o velho **Genesis** no auge de sua popularidade, este álbum duplo narra a saga de Rael, um garoto porto-riquenho perdido pelos labirintos de uma onírica Nova York. Sem dúvida, trata-se de um dos melhores momentos do rock progressivo (aguardem para breve uma análise detalhada na seção *Discoteca Básica*). Infelizmente não se pode dizer o mesmo de **... AND THEN THERE WERE THREE...,** o quarto LP pós Gabriel da banda, que então mostrava-se ainda mais debilitada graças ao destaque do guitarrista Steve Hackett. Resta saber se os discos acima citados ainda estarão em catálogo quando você estiver lendo este *Rapido & Rasteiro*, uma vez que a BMG-Ariola acabou de perder os direitos de lançamento do selo Virgin no Brasil ⊗ Bem interessante e **SHOOTING RUBBERBANDS AT THE STARS** (Geffen/WEA), o album de estreia de **Edie Brickell & New Bohemians,** que exibe um folk rock bem tramado no qual desponta a cantora **Brickell,** uma espécie de elo perdido entre Joni Mitchell e Ricky Lee Jones ⊗ Já a dupla **Milli Vanilli** sai com **ALL OR NOTHING (THE FIRST ALBUM)** (BMG-Ariola), apostando no visual andrógino que emplacou com Terence Trent D'Arby. Produzidos por Frank Farian (Boney M), os irmãozinhos vão de clichê em clichê, pilhando hip hop, funk e assemelhados ⊗ Mediocridade, afinal: as gravadoras continuam insistindo nas armações de "roquinho" nacional. A RCA/BMG-Ariola ataca com **Abalo Cínico,** definido no release do LP de estreia como "uma banda de músicos com um vocalista" (pode ?). Ah, a maioria das faixas foi assinada pelo baixista, um tal de Solon Gente Brava... Enquanto isto, a Epic/CBS volta à carga com **Uns e Outros,** do qual Renato Russo & Cia deviam cobrar *copyrights*. Xerocagem molsã ⊗ No setor independente, goianos e brasilienses unem forças no **Holandez Voador.** Seu LP **CINDERELA** (Ideias Fixas) é bem acabadinho, o guitarrista Andre Zischegg surpreende, mas letras fraquinhas e uma esquálida reciclagem de Sá, Rodrix e Guarabira e pop dos *sixties* o impedem de decolar ⊗ **André Geraissati, João Donato, Rique Pantoja** e outros instrumentistas do cast do selo Musicion aparecem na coletânea **JAZZ BRASIL** (WEA). Como sempre, musica instrumental executada com virtuosismo, mas carente de imaginação ⊗ Finalizando, a ala feminina nos põe frente a frente com **INTUITION** (Capitol/EMI-Odeon), de **Angela Bofill,** cantora dos mais inexpress vos, e **La Toya Jackson,** que poderia ser mais celebrada caso tivesse se restringindo as páginas de *Playboy*. Seu **LA TOYA** (RCA/BMG-Ariola) é ordinário

Arthur G. Couto Duarte

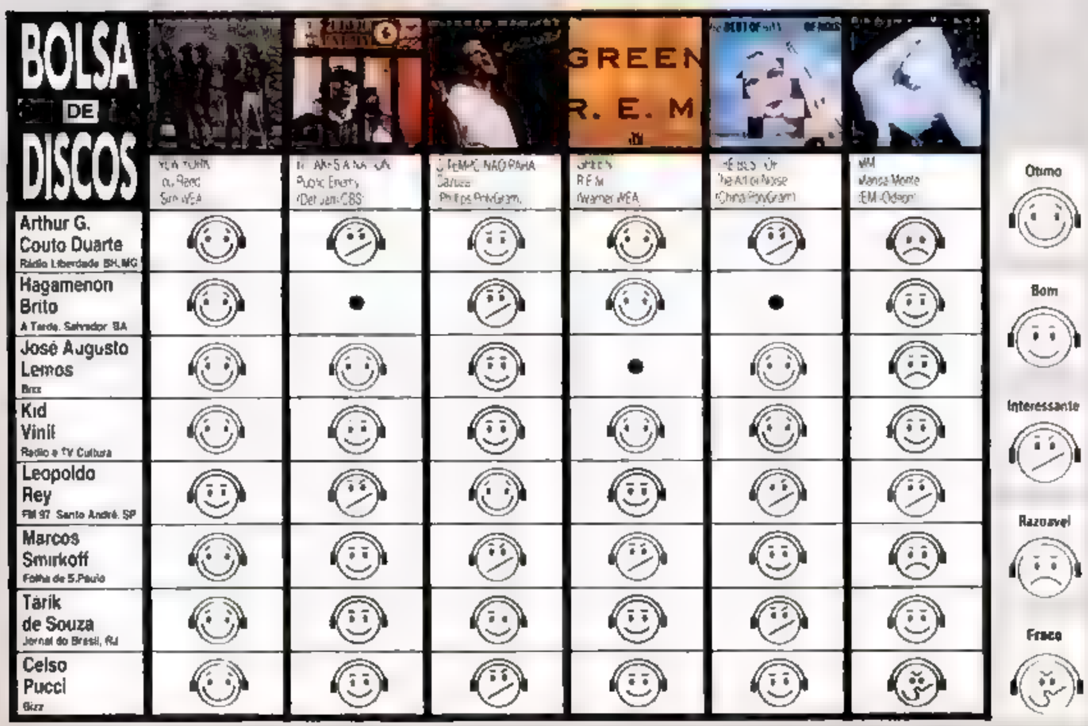
COMPACT DISC COMPACT DISC COMPACT DISC COMPACT DISC COMPACT

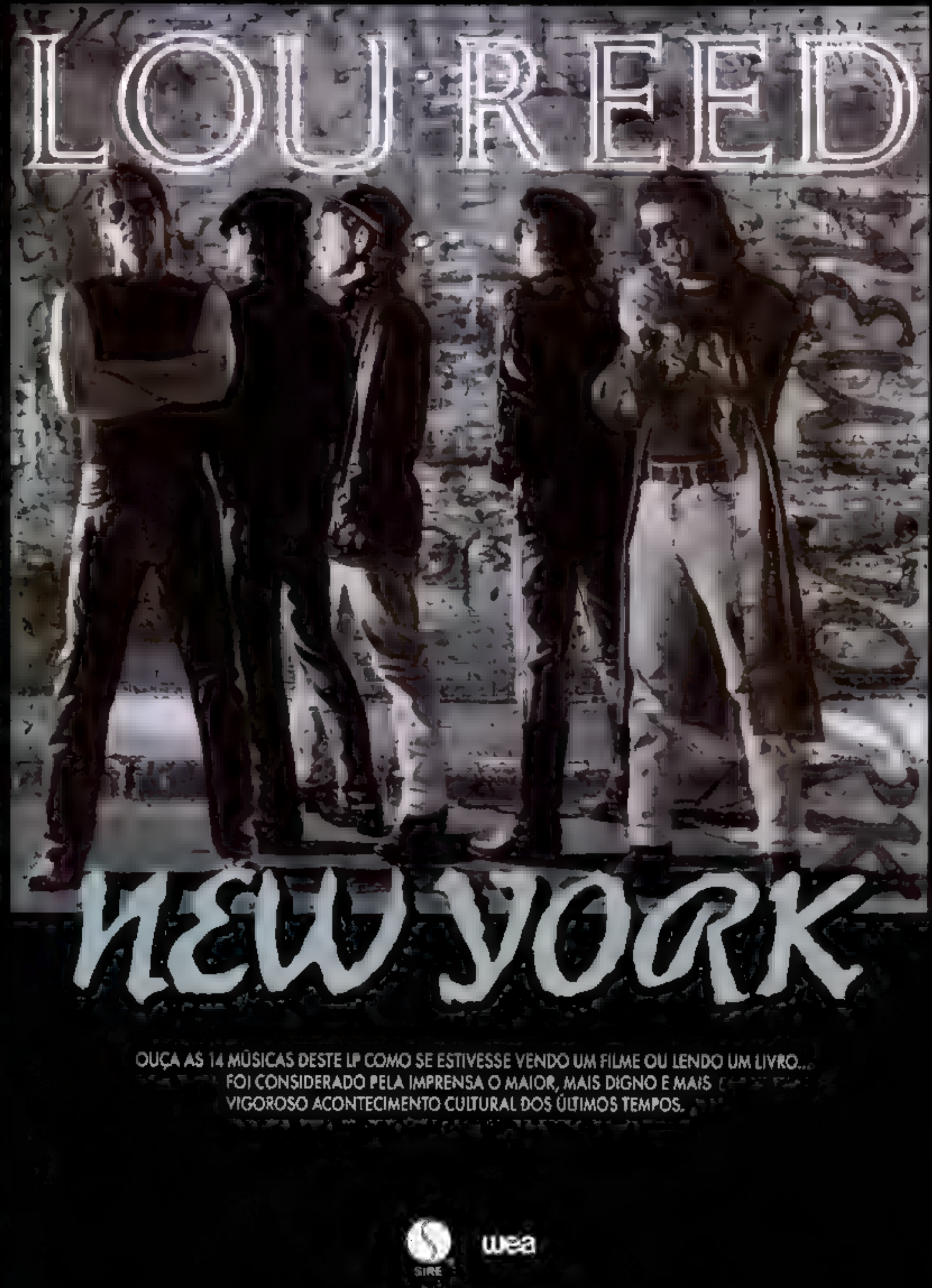
A BMG-Ariola tenta uma investida mais categórica na área dos CDs lançando, numa só levada, dez títulos do catálogo do selo Private, de propriedade de Peter Baumann (ex-integrante do Tangerine Dream) e especializado em *new age*. Infelizmente, esses dez álbuns — editados exclusivamente como *compact discs* — só farão o gáudio dos curtidores mais empedernidos do gênero. É claro que isso seria de se esperar em uma coleção que reúne nomes projetados a partir do estilo (**Yanni, Suzanne Cianni**) e de velhos músicos de jazz rock "convertidos" (**Jerry Goodman, Eddie Jobson, Patrick O'Hearn, Leo Kottke, Tangerine Dream**). Mas a decepção maior fica por conta dos CDs dos guitarristas **Andy Summers (MISTERIOUS BARRICADES)** e **Carlos Alomar (DREAM GENERATOR):** o primeiro apresentando uma frouxa música ambiental e o outro uma coleção de temas instrumentais grandiloquentes, que ao cabo envergonham o passado glorioso de ambos pelas sendas do rock e do funk. A exceção à regra fica por conta da coletânea **PIANO ONE,** que traz uma boa seleção de faixas com destaque para as de **Ryuichi Sakamoto** e **Joachim Kuhn.** Por fim, na seção "obras completas" temos a coletânea **CROSSROADS** (em quatro CDs) que nas 73 faixas dá uma geral em 24 anos de carreira do *god* Eric Clapton.

Celso Pucci



GRAVADORAS INDEPENDENTES: [illegible]





A — por assim dizer — tradição do pop satírico e escrachado que deu ao mundo gemas raras como os Ramones (fazendo agora um sensacional *comeback*) e os Tubes continua vivo e sendo documentada em discos obscuros de gravadoras *under* e divulgada em rádios de campus ou programas produzidos independentemente.

The Dickies é um quinteto egresso da suburbana localidade de Orange County, ao sul de Los Angeles. Sua idéia é pegar ângulos inesperados do pop e regravá-los em sensacionais covers. Já fizeram isso no passado com "Communication Breakdown", do Led Zeppelin, e fazem em seu novo LP **SECOND COMING** (Enigma) com "Hair" (a própria, a canção-tema daquele esquecido musical "hippie-de-butique"). Para rebater, eles acrescentam uma pseudo-ópera-rock chamada "Caligula", com versos em latim e tudo, um pop étnico entitulado "Magoomba 2" que termina com a mãe do protagonista sendo sacrificada aos deuses atrol e uma cançãozinha do mais absoluto e completo mau gosto, "Going Homo", que tem versos assim: "Estou estacionado na porta dos fundos/Porque estou virando homo".

◆

Se os Dickies praticam a brincadeira pop, **Mojo Nixon** e seu fiel ossedo **Skid Roper** viram o blues e o rockabilly do avesso. **Mojo** que é, por assim dizer, o cérebro da dupla, tem algumas fixações simples: Elvis, sexo e a certeza de que os EUA foram para o buraco. Neste seu quarto LP — **ROOT HOG OR DIE** (Enigma) — ele exercita essas obsessões com a sutileza de quem manipula um coquetel molotov: uma namorada relutante é "viciada em vibrador" (She's V'brator Dependent"), a princesa *teen* Debbie Gibson está esperando um filho de duas cabeças ("Debbie Gibson is Pregnant with My Two-Headed Love Child"), maconha tem que ser legalizada ("Legalize it") e Elvis, do além, telefona pessoalmente para **Mojo,** com segundas e terceiras intenções, em "(619) 239-KING". Mas a obra-prima da dupla é a versão apocalíptica para "This Land Is Your Land", de Woodie Guthrie, na qual **Mojo,** delirante, começa a descrever o futuro da humanidade, a terra prometida, onde correm perpetuamente limonada e cerveja e nunca faltam hot-dogs com chili. Sim, senhoras e senhores, a primeira e única "Mojolândia".

Ana Maria Bahiana

Quem se recorda do **Ministry** à época do LP *WORK FOR LOVE* (Arista) ficara chocado ao ouvir **THE LAND OF RAPE AND HONEY** (Sire. Em vez do anêmico tecno pop de 1983, temos uma música para lá de abrasivo, sustentada por ritmos convulsivos, guitarras agônicas, vocais esganiçados, samplers demenciais e muito, muito ruído. É algo que nos faz imaginar como seria o encontro de Jim "Foetus" Thirwell com o Killing Joke, fase *Revelations*. No comando da banda, temos Alain Jourgesen (Kypo Luxo) e Paul Barker (Hermes Pan), que também se revezam no Lard (com Jello Biafra), 1000 Homo DJs e Pailhead.

◆

Retrucando o *new beat* belga a altura, o selo canadense Nettwerk (Skinny Puppy, Numb etc.) solta o mais novo LP do veterano quarteto **Moev,** o **YEAH WHATEVER.** No ar, ecos do DAF, Shriekback e Clock DVA.

Arthur G. Couto Duarte

O fim da crise de identidade.

O CHEQUE-OURO DO BRASIL recebe credibilidade. Isso porque só quem realmente se destaca possui o Cheque-Ouro.
Mas, e você, que é filho dessa pessoa? Você também é muito especial, merece a mesma confiança e o mesmo tratamento. Mas não é isso o que acontece. Aqueles olhares desconfiados, ter que mostrar a carteira de identidade, esperar um telefonema sempre que paga com cheque, tudo isso é muito chato.
O BANCO DO BRASIL tem uma novidade para você que ainda não tem Cheque-Ouro: o CHEQUE-OURO FAMÍLIA.
Basta seu pai indicar você para o gerente, e pronto. Seu cheque vai ser aceito na mesma hora, e você vai poder sacar dinheiro a qualquer hora do dia ou da noite através do Caixa-Ouro.
Vai ser o fim da crise de identidade.

CHEQUE-OURO. Reflete quem você é.

BANCO DO BRASIL

THERE IS NO TIME (Lou Reed)

This is no time for celebration
this is no time for shaking hands
this is no time for backslapping
this is no time for marching bands
this is no time for optimism
this is no time for endless thought
this is no time for my country, right or wrong
remember what that brought

This is no time for congratulations
this is no time to turn your back
this is no time for circumlocution
this is no time for learned speech
this is no time to count your blessings
this is no time for private gain
this is a time to put up or shut up
it won't come back this way again

This is no time to swallow anger
this is no time to ignore hate
this is no time to be acting frivolous
because the time is getting late

This is no time for private vendettas
this is no time to not know who you are
self knowledge is a dangerous thing
the freedom of who you are

This is no time to ignore warnings
this is no time to clear the plate
let's not be sorry after the fact
and let the past become our fate

This is no time to turn away and drink or smoke some vials of crack
this is a time to gather force and take dead aim and attack
this is no time for celebration
this is no time for saluting flags
this is no time for inner searchings
the future is at hand
this is no time for phony rethoric
this is no time for political speech
this is a time for action
because the future's within reach
this is the time

NÃO HÁ TEMPO

Não é o momento para celebrações
não é o momento para apertos de mão
não é o momento para tapinhas nas costas
não é o momento para bandas de fanfarra
não é o momento para otimismo
não é o momento para reflexões intermináveis
não é o momento para meu país, certo ou errado
lembra o que isso já trouxe

Não é o momento de dar parabéns
não é o momento de virar as costas
não é o momento para circunlocução
não é o momento para falas eruditas
não é o momento de ficar contando suas bênçãos
não é o momento para lucros pessoais
é o momento de agüentar ou calar
não é um momento que vai voltar assim, outra vez

Não é o momento de engolir a raiva
não é o momento de ignorar o ódio
não é o momento para a frivolidade
porque já está ficando tarde

Não é o momento de vinganças pessoais
não é o momento de não saber quem você é
o autoconhecimento é uma coisa perigosa
a liberdade de quem você é

Não é o momento de ignorar avisos
não é o momento de limpar o prato
não vamos nos arrepender depois do fato
deixando que em destino se transforme o passado

Não é o momento de dar as costas e beber ou fumar uns frascos de crack
é um momento de juntar força, fazer mira e atacar
não é o momento para celebração
não é o momento para bandeirolas de saudação
não é o momento para buscas interiores
o futuro está às mãos
não é o momento para falsa retórica
não é o momento para discursos políticos
este é um momento de ação
porque o futuro está ao alcance
este é o momento

LOU REED

© Direitos Reservados

AS LETRAS QUE VOCÊ CURTE ESTÃO AQUI.

TRADUZIDAS.

NESTE MÊS:

— CURE
— MICHAEL JACKSON
— SUZANNE VEGA
— DURAN DURAN
— U2
— DEPECHE MODE
— A-HA

TODOS OS MESES NAS BANCAS

EDITORA AZUL

CARTA

SOUL BÁSICO

Gostaria que fosse publicada a discografia completa de Marvin Gaye e Sly Stone. **Afonso Dantas Martins, Natal — RN**

Marvin Gaye iniciou sua carreira fazendo backing vocal no grupo Marquees, com o qual gravou dois compactos pela gravadora Okeh Records, em 57. O primeiro contém "Hey, Little School Girl" e "Wyatt Earp"; o segundo, "Billy Stewart's Baby, You're My Only Love" e "Billy's Heartache". Em 1959 Gaye grava com Harvey and the Moonglows três compactos pela gravadora Chess Records, ainda como backing nas faixas "Chuck Berry's Almost Grow", "Back in the USA", "Chained to My Rocking Chair" e "Unemployment". Na faixa "Mama Loochie", Gaye já aparece como solista e, neste mesmo compacto, abre e fecha a faixa "Twelve Months of the Year" com uma recitação. Em 1961 inicia-se a fase Motown, com o LP The Soulful Moods of Marvin Gaye. That Stubborn Kinda Fella; Recorded Live at the Apollo, Volume 1 *(com outros artistas) e* Marvin Gaye: Live on Stage *são de 1963. Em 1964 vem* The Motortown Revue, Volume 2 *(com outros artistas); segue com* How Sweet It Is; Together *(com Mary Wells);* When I'm Alone I Cry *e* Greatest Hits. *Em 1965,* A Tribute to Great Nat King Cole *e* Hello Brodway. *1966:* Moods of Marvin Gaye; Take Two *(com Kim Weston) e* From the Vaults *(compilação da Motown). 1967:* United *(com Tammi Terrell). 1968:* In Loving Memory *(com outros artistas);* In the Groove *e* You're All I Need *(com Tammi Terrell). 1969:* Easy *(com Tammi Terrell);* MGP; That's the Way Love Is *e* Marvin Gaye and His Girls *(compilação de doze faixas com Mary Wells, Kim Weston e Tammi Terrell). 1971:* What's Going On. *1972:* You're the Man (parte 1); Save Children *(trilha sonora de* Black Expo/Operation Push Concert, *com outros artistas);* Trouble Man. *1973:* Diana and Marvin *(com Diana Ross) e* Let's Get It On. *1974:* Marvin Gaye Live! *1976:* I Want You. *1977:* Marvin Gaye Live at the London Palladium *(duplo). 1978:* Here, My Dear. *1979:* Pops, We Love You *e "Ego-tripping Out" (lançada apenas em compacto). 1982 marca a entrada de Gaye para a CBS, com o LP* Midnight Love. *Em 1984 é lançado* Dream of a Lifetime, *contendo apenas duas faixas do trabalho que Marvin preparava para seu próximo LP, antes de ser assassinado pelo pai. O restante do material foi adulterado pela CBS, que chegou a substituir o título da faixa "Sanctified Pussy" por "Sanctified Lady". Em 1985 é lançado mais um álbum póstumo:* Romantically Yours.

Sly and the Family Stone aparecem pela primeira vez em disco em 1967, pela Epic, com A Whole New Thing. *A seguir gravam* Dance to the Music *e* Life *(1968);* Stand *(1969);* Greatest Hits *(1970);* There's a Riot Going On *(1971);* Fresh *(1973);* Small Talk *(1974);* High Energy — *reedição de* A Whole New Thing *e* Dance to the Music — *e* High on You *(1975);* Heard You Missed Me *(1978);* Back on the Right Track *(Warner Bros., 1979); e* Ain't But the One Way *(1983).*

FÃS-CLUBES

A-ha *A-ha Fã Clube* A/C Ana Carolina, av. Giovanni Gronchi, 4971, apto. 141, CEP 05724, São Paulo — SP

A-ha *Fã-Clube A-ha* A/C Danielle Corrêa, r. Dr. Pio Borges, 1015, bl. D, apto. 202, CEP 24400, São Gonçalo — RJ

George Michael *Faith Fã-Clube* A/C Regina, r. Pires da Motta, 735, apto. 111, CEP 01529, São Paulo — SP

Legião Urbana *Fã-Clube Legião Urbana no Coração dos Paulistas* A/C Rogério, r. Miguel Stéfano, 1973, Bl. 5, apto. 101, CEP 04301, São Paulo — SP

New Order *Fã-Clube New Order* A/C Marcus Vinicius, r. Maranhão, 213, 1.º andar, CEP 01240, São Paulo — SP

Paralamas do Sucesso *Fã-Clube Oficial Paralamas do Sucesso* A/C Catarina, Caixa Postal 44 164, CEP 22062, Rio de Janeiro — RJ

Police *The Police Around the World* A/C Alex Avolto, r. Celita Melo de Abreu, 42/202, CEP 25255, Santa Cruz da Serra — RJ

Smiths *The Smiths Fã-Clube* A/C Roberta, r. Francisco da Silva Santos, 85, apto. 11, CEP 11370, São Vicente — SP

Smiths/Morrissey *Morrissey the Shy Meet the Smiths Fan Club* Caixa Postal 23, CEP 29100, Vila Velha — ES

MERCADO PARALELO

Compro BIZZ 1 (com poster da Madonna, se possível), 2 e 3, em bom estado, pelo preço da última edição em banca. **Viviane Martins de Souza, r. Iriri, 265, CEP 29100, Vila Velha — ES**

Compro edições de BIZZ do número 1 a 38, de preferência de quem more em São Paulo. **Valéria Rodrigues da Silva, av. Jurucê, 135, apto. 22, São Paulo — SP**

Compro as edições de BIZZ números 1, 6 e do 10 ao 20, além da *Revista-Poster* 14-A especial da Madonna. **Andréia Cristina Polo, r. Matheus Lemes, 8, CEP 86180, Cambé — PR**

Preciso urgentemente das revistas *Top Hits* 1 *e Letras Traduzidas* 9-C. **Elaine Cristina Bernacci, r. Mooca, 189, casa 2, CEP 09880, São Bernardo do Campo — SP**

Compro a revista *Top Hits* 1. **Juvenal Francisco Rogério, r. Padre José Carlos Correa de Toledo, 9, CEP 03911, São Paulo — SP**

Estou desesperado atrás das revistas BIZZ números zero e 1. **Manoel Pereira da Rocha Neto, r. das Amapolas, 593, CEP 59075, Natal — RN**

Compro BIZZ n.º 9 e *Revista-Poster* n.º 21-B especial do Duran Duran. **Elizabeth Silva, Caixa Postal 18415, CEP 04699 — São Paulo — SP**

Compro número zero em bom estado. Pago bom preço, inclusive despesas postais. **Wolmar J.A. Bermudes, r. Moacir Avidos, 221/502, CEP 29055, Vitória — ES.**

Compro *Revista-Poster* 23-P (A-ha). **Christiane Dresch, r. dos Andradas, 976, CEP 93700, Campo Bom — RS**

Compro *Top Hits* 1. **José Luiz Moreira, r. Associação Portuguesa de Desportos, 382, CEP 06130, Osasco — SP**

Compro Revista-Poster do A-ha número 23-P urgentemente. **Karina Oliveira de Araújo, r. das Codornas, 143, apto. 1004, CEP 40000, Salvador — BA**

Vendo coleção completa da revista BIZZ, incluindo o número zero. Cada exemplar ao preço da última edição em banca. **Ilton Toshiaki Hanashiro Yogi, r. São Romualdo, 54, CEP 02557, São Paulo — SP**

Vendo coleção da revista BIZZ do número 7 ao 39, com exceção dos números 10, 20, 29 e 30, ou troco por Letras Traduzidas números 34-L, 9-C, 21-A, 40-L, 42-L e 44-L. **Laís Bene Garske Vieira, r. Felizardo Furtado, 415, apto. 205, CEP 90610, Porto Alegre — RS**

Vendo as revistas BIZZ números 7, 11 e 22 em ótimo estado de conservação. **Sandra Vieira, r. Bernardo de Figueiredo, 184, CEP 21020, Rio de Janeiro — RJ**

Estou vendendo minha coleção completa da BIZZ pelo preço da última edição em banca. Alguns compactos e posters estão também no rolo. **Ana Cristina Alves, r. Rio Taquari, Q 19, n.º 06, CEP 78050, Cuiabá — MT**

Vendo coleção completa de BIZZ — exceto o número zero. Aguardo a melhor oferta. **Máximo Batista, Caixa Postal 2540, CEP 69000, Manaus — AM**

Vendo as edições de BIZZ do número 1 ao 15, em bom estado, para pessoas do Rio de Janeiro. **Márcia Batista Corrêa — R. Nogueira da Gama, 46, apto S103, CEP 20910, Rio de Janeiro — RJ**

Tenho a coleção completa de BIZZ, aceito uma boa oferta. **Maréucio Edill — R. 21 de Abril, 289, CEP 57010, Maceió — AL**

Vendo revistas BIZZ de 01 a 40, seis edições de Ídolos do Rock com todos os adesivos e mais duas edições de BIZZ Heavy. **Marcelo Brum da Costa. R. Marechal Mallet, 10, CEP 59015, Natal — RN**

Vendo gravações piratas dos Beatles. **Adriana, r. Eudoro Berlink, 1117, apto. 103, CEP 90420, Porto Alegre — RS**

Vendo ou troco revistas BIZZ, *Letras Traduzidas, Ídolos do Rock* etc. **Renata Bongiove, r. João da Silva Fernandes, 22, CEP 08020, São Paulo — SP**

Troco edições de BIZZ números 1 a 7, 9 a 13, 15 a 24, 27 e 29 pelas edições zero e 39. **Liomar Bueno Moraes, r. 03, 36, CEP 76390, Aragarças — GO**

Troco as edições de BIZZ números 7, 8, 14, 15 e 16 em ótimo estado pelos seguintes números: 20, 26, 29 e 32. **Fátima Asevedo, r. Maringá, 53, CEP 06800, Embu — SP**

Procuro pessoas interessadas em montar uma banda na linha Joy Division e New Order. As músicas que melhor definem o som que eu espero tocar são "Atmosphere", do Joy, "All Day Long" e "Temptation", do New Order. **Cláudio, r. Caetanópolis, 347, CEP 05335, São Paulo — SP**

Compro, vendo e troco reportagens e sons raros dos grupos Joy Division, New Order e Warsaw. **Walter, QNP, 26, cj. K, casa 02, CEP 72235, Ceilândia — DF**

Compro exemplares da revista *POP*, publicada pela Editora Abril na década de 70. **Sônia Freitas Ramos, r. José Ferreira Marques, 14, CEP 38430, Tupaciguara — MG**

Vendo os seguintes posters: U2, Legião Urbana, A-ha, Madonna, Cure, Police, Duran Duran, David Bowie etc. **Luiz Alexandre Butigeli, r. Afonso Rodrigues, 20, CEP 02983, São Paulo — SP**

Disponho de 300 títulos em vídeo entre shows e clips. **Edemilson Marcelo Andreatta, r. Joinville, 3000, CEP 89250, Jaraguá do Sul — SC**

Gostaria de me corresponder com quem queira trocar letras de músicas nacionais e internacionais. Possuo cerca de 1 500 letras. **Elaine Cristina Bernacci, r. Mooca, 189, casa 2, CEP 09880, São Bernardo do Campo — SP**

Compro letras de músicas de Nick Cave. **Ladjane Camilo Duarte, r. Prof. João F. Soares, 332, CEP 53110, Olinda — PE**

ISSO SIM É ROCK!!

MOTORHEAD

ROCK'N'ROLL

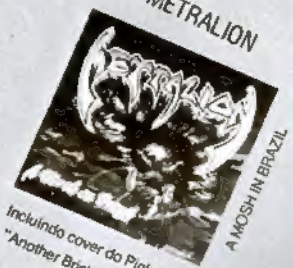
Coroando o sucesso de sua tour no Brasil

VODU

SEEDS OF DESTRUCTION

Rock visceral e trabalhado. For export.

METRALION



A MOSH IN BRAZIL

Incluindo cover do Pink Floyd "Another Brick in the Wall"

PREÇO DE CADA LP NCz$ 9,00

PACOTE PROMOCIONAL COM OS 3 LP'S NCz$ 22,00

Preços válidos até 30/07/89. Postagem incluída.

Para comprar e receber seu disco em casa, basta enviar um vale postal em nome de Editora Rock Brigade Ltda., R. Fernando de Albuquerque, 171 – Consolação – São Paulo / SP – CEP: 01309, pagável na agência do correio Haddock Lobo, código nº 400.017, CEP: 01499. Favor especificar por carta os itens que estão sendo solicitados pelo respectivo vale.

ARTISTAS EXCLUSIVOS

ROCK BRIGADE RECORDS

TALKING HEADS
TALKING HEADS: '77 (1977)

Uma história verdadeira: era uma vez uma banda que, sem sombra de dúvida, mereceria ter os seus quatro primeiros álbuns em qualquer lista de "melhores de todos os tempos". Sob este aspecto, além de sua formação relativamente recente, este fato se tornaria ainda mais incrível ao constatar-se que seus membros — depois de incursões solo e/ou com outros músicos e grupos — voltariam a se reunir para apresentar durante a década seguinte um sólido trabalho que, se já não possuía o mesmo teor inovador de sua fase anterior, ainda primava pela coesão e integridade.

Pois bem... O nome desta banda era (e ainda é) Talking Heads e os álbuns acima citados intitulavam-se '77, *More Songs About Buildings and Food* (1978), *Fear of Music* (1979) e *Remain in Light* (1980). Estes três últimos LPs, porém, já contavam com as mãos do "não-músico" Brian Eno na produção. Eno, que anteriormente havia produzido uma fita demo com o Television — algo como uma "banda-gêmea" dessa primeira fase dos Heads —, partiu desta experiência abortada para uma profícua e crescente colaboração com as "cabeças falantes" e especialmente com seu *band leader*, David Byrne (que se estenderia inclusive ao LP *My Life in the Bush of the Ghosts*, feito em colaboração com Eno, em 1980). Esta conjunção levaria o som dos Heads para oceanos musicais nunca dantes navegados e, em sua gradativa fusão de sons eletrônicos com polirritmia percussiva, influenciaria de modo incisivo o panorama da música pop dos anos 80.

No entanto, a gênese dessa estética já estava condensada na despojada instrumentalização e na força das composições de seu LP de estréia, '77. Um álbum que transcendia por sua criatividade os próprios limites do cenário insurgente do punk-rock nova-iorquino depurando esta energia bruta através da sutileza instrumental e com isso conseguindo um resultado excepcionalmente original dentro de um contexto de absoluta efervescência criativa, em que despontavam nomes como Patti Smith, Ramones, Blondie e outros que tornaram legendário o então obscuro clube noturno CBGB, em Nova York.

No caso dos Heads, o núcleo inicial surgiu quando David Byrne decidiu formar uma banda, junto com seu colega da Rhode Island School of Design, Chris Frantz, também baterista. Eles chegaram a fazer algumas apresentações, às vezes denominando-se The Artistics, e outras, The Autistics. Mas a idéia só tomou fôlego quando convocaram a namorada de Chris, Martina Weymouth, para o baixo e mudaram-se para Nova York, em 1974. Já como Talking Heads, o trio começou a se destacar no circuito local, mas foi a entrada de Jerry Harrison (ex-Modern Lovers) na segunda guitarra e teclados que daria um formato definitivo ao som da banda.

Com essa formação eles entraram em um pequeno estúdio durante janeiro de 1977 para as sessões de gravação de seu LP de estréia, um álbum extraordinário, dadas as circunstâncias em que foi feito. O clima no estúdio era de tensão permanente entre a banda e um dos produtores, Tony Bongiovi, que a princípio queria outros músicos tocando os instrumentos no disco por não considerá-los suficientemente competentes. Por seu lado, Byrne recusava-se a gravar qualquer vocal com a presença de Bongiovi no estúdio. Por sorte, nesse impasse prevaleceu a concepção da banda, que forjou uma trama musical ímpar para as canções de Byrne, repletas de observações cortantes a respeito das relações interpessoais ("Tentative Decisions", "The Book I Read", "Pulled Up") e perpassadas pela mais fina ironia ("No Compassion", "Don't Worry About the Government"). Em resumo, um álbum único, assim como cada um dos três que o sucederam. Ou como afirmava o próprio Byrne em "Psycho Killer": "Diga algo uma vez/Para que dizê-lo novamente?"

Celso Pucci

OBS: TALKING HEADS: '77 foi editado no Brasil em março passado pela WEA, infelizmente sem o encarte com as letras.

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Editor-Chefe: José Augusto Lemos
Editores-Assistentes: Bia Abramo (Vitrine Viva e Ao Vivo), Celso Pucci (Discos e Discoteca Básica), Marisa Adan Gil (Showbizz), Lorena Calabria (Rio de Janeiro)
Repórter Especial: Sônia Maia
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assan
ARTE
Editora: Dorse Bittnes
Diagramação: Angelo Assan, Maria Amélia de Azevedo, Renato Yada
Atendimento ao Leitor: Celso Ferrari Masson
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Anamaria G. de Lemos (Londres)
Colaboradores
Texto: André Forastieri, Arthur G. Couto Duarte (BH), Ayrton Mugnaini Jr., Carlos Eduardo Miranda, Celso Masson, Fernando Naporano, Hagamenon Brito, (SAL), Jean-Yves De Neufville, Leopoldo Rey, Luiz Fernando Amaral Tupan, Marcel Plasse, Marcelo Femerman (RJ), Marcos Correa de Almeida, Rodrigo de Freitas Leitão
Arte: Antonio Magno de Souza, Itaú Norbertino, Marco Ricci
Fotos: Cicoaro, Eurico Salis, Gladstone Mendes Campos, Helena Beatriz A. N. Nunes, Kid, Marcos Bonisson, Mila Maluhy, Ricardo Siqueira, Rochelle Costi, Z. Vivanco
Revisão de Texto: Thais Helena de Souza Juárez
Diretora Responsável: Liege de Lima Dona Castelli
PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araújo
SP-Gerente: Oswaldo Mafia Jr.
Contatos: Arthur de Oliveira Neto, Antonio Xavier de Agusti
RJ-Gerente: Maria Fernanda Jorge
Contato: Eduardo Barros
PRODUÇÃO GRÁFICA
Gerente: Edna K. Bungo
Coordenadora: Sandra C. Botelho
REPRESENTANTES
Rio Grande do Sul e Santa Catarina: 3R Ricardo Rosa Representações Ltda. Fone: (0512) 23 8591 - **Porto Alegre** - RS Centro-Oeste Publicentro Comunicações & Negócios Ltda. Fone: (061) 223-0421 - **Brasília** - DF SP 2 Intermídia Rejores e Public. e Public. S.C. Ltda. Fones: (016) 623 4262 623-4291 - **Ribeirão Preto** - SP
SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Judith Baroni **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, NY 10165, Phone: (0012121) 557-5990 5993, Telex: 237670, Fax: (0012121) 983-0972 **Paris:** 33, rue de Meromesnil, 75008 Paris, Phone: (00331) 42.68.31.18, Telex: 660731 ABRIL PA, Fax: (00331) 42661398
Departamento de Documentação - Dedoc - Gerente: Suzana Camargo - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil
Gerente de Promoções e Propaganda: A. Vasco Castro Barbosa

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Machado de São Vicente, 177, tel. (011) 826-6777, CEP 01139, Caixa Postal 60081, CEP 05099, Telex (011) 25670. **Telegramas:** Editorial Abril. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8º ao 11º andares, CEP 22290, tel. (021) 546-8282, Telex (021) 22674, Telegramas: Editorial Abril. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jornais de Publicações Ltda., Quinta Paz Varela, Azinhaga dos Ferros, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinatura anual:** NCr$ 34,80 à vista. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação (salvo a eventualidade de deficiência na entrega dos exemplares constatada, sem que para isto tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente paga, correspondente aos exemplares que não forem entregues, atualizada de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das BTN verificada no período. Esta revista vai às bancas semanalmente no dia 3. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo correio DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente os seis últimos edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

DISINTEGRATION

E DO CAOS FEZ-SE O COSMOS.
THE CURE ACABA DE SAIR ÀS RUAS
COM UM DOS MAIS
REVOLUCIONÁRIOS DISCOS DA HISTÓRIA
RECENTE DO ROCK.
DISINTEGRATION, ESSE É O NOME.
MUITO MAIS SUSSURROS DO QUE GRITOS.
UM ESTADO DE OBSERVAÇÃO,
DE TENSÃO MUDA.
UM CAÓTICO ESTADO DE REVOLUÇÃO.
DISINTEGRATION,
NOVO LP DO THE CURE
NAS LOJAS BRASILEIRAS.

EM DISCOS, FITAS E COMPACT DISC

PolyGram